

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

BRUNO LUIZ MEDEIROS CALDEIRA

**IDENTIDADE DO COORDENADOR PEDAGÓGICO EM TEIXEIRA DE
FREITAS-BA: DA FORMAÇÃO INICIAL À FUNÇÃO SOCIAL**

SÃO MATEUS - ES

2017

BRUNO LUIZ MEDEIROS CALDEIRA

**IDENTIDADE DO COORDENADOR PEDAGÓGICO EM TEIXEIRA DE
FREITAS-BA: DA FORMAÇÃO INICIAL À FUNÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do Cricaré, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Educação e Desenvolvimento Regional

Orientador: Dr. Edmar Reis Thiengo.

SÃO MATEUS - ES

2017

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

C146i

Caldeira, Bruno Luiz Medeiros.

Identidade do coordenador pedagógico em Teixeira de Freitas – BA: da formação inicial à função social / Bruno Luiz Medeiros Caldeira – São Mateus - ES, 2017.

149 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo.

1. Coordenador - Formação. 2. Profissional contemporâneo. 3. Identidade. 4. Prática política, cultural e educacional. 5. Teixeira de Freitas - BA. 6. Thiengo, Edmar Reis I. Título.

CDD: 370.7

BRUNO LUIZ MEDEIROS CALDEIRA

**IDENTIDADE DO COORDENADOR PEDAGÓGICO EM TEIXEIRA
DE FREITAS-BA: DA FORMAÇÃO INICIAL À FUNÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 05 de maio de 2017.

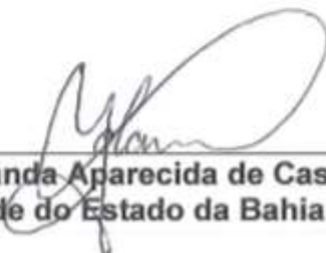
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Yolanda Aparecida de Castro Almeida
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dedico a todos aqueles que colaboraram para que o conhecimento não se restrinja somente a poucos, pois este não devem ser privilégio da minoria e, por ser ação, não cabe apenas em teorias.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador, Dr. Edmar Reis Thiengo, que, por diversas vezes, demonstrou disponibilidade em me ajudar, compartilhando sua imensa competência e me encorajando a continuar persistindo em minha pesquisa.

Aos meus professores, Dr^a. Luciana Teles e Dr. Marcus Nunes, que, com muito afinco, me enobreceram e me moldaram, dando um norte nesta caminhada.

Aos meus pais, Sergio Luiz Caldeira Perdigão e Simone Maria de Sousa Medeiros Caldeira, que, além de terem me dado a vida, enriquecem-na diariamente com felicidade, conhecimento e dádivas. E também por terem me proporcionado o embasamento educacional necessário e apoio nesta caminhada por saber, sendo para mim a torre forte em tempos de aflição.

Ao meu cônjuge, Flavio Araújo Vieira, que me incentivou e me trouxe para me inscrever neste programa, me acompanhou na seleção, e participou ativamente de todo o percurso. Por ser meu exemplo de vida, que sempre me estimula em relação aos estudos, a ser um cidadão comprometido e a ser humano. A ele que, com muita sabedoria e dedicação ao meu lado, me deu suporte nos momentos difíceis emocionalmente. Enfim, era ele que me aconselhava, me dava apoio, torcia por mim e, ainda, enxugava minhas lágrimas ou as aumentava por chorar junto comigo, assim como me aplaudia nos momentos de glória. Obrigado pelo imenso amor e cuidados demonstrados.

Aos meus irmãos, Gabriel Medeiros Caldeira e Luísa Medeiros Caldeira, motivo de tudo, por seu grande amor, sabedoria e infindáveis orações. A eles eu devo boa parte do que sou, pois me constituo deles e, por isso, vivo por eles, mesmo estando distantes.

Ao meu amigo Rodrigo Morelato, que sempre esteve presente nos bons momentos, na companhia da viagem, na ansiedade das horas difíceis e na necessidade de ajuda sempre estava pronto para ajudar.

Ao apoio e à disponibilidade da equipe Gestora e Administrativa, representadas por Luzinete Duarte e pelo nosso diretor de cursos, José Fernandes, que sempre se demonstraram solícitos e disponíveis para ajudar no que estivesse ao alcance, nem que fosse apenas para ouvir, aliviando um pouco minha ansiedade.

A todos os meus colegas da VI Turma do Mestrado - FVC, pela aprendizagem mútua durante as aulas, além do prazer de conviver com pessoas ímpares.

Enfim, a todos aqueles que, embora não tenham sido citados, estiveram presentes me aconselhando e me incentivando, com carinho e atenção.

As dúvidas são movimento, libertam da
inércia, transformam-nos em antíteses e
reconstroem nosso dia a dia.

Bruno Luiz Medeiros Caldeira

RESUMO

O presente trabalho trouxe ao universo dos questionamentos a temática envolvendo a formação do pedagogo e suas práxis como coordenador pedagógico, no âmbito educacional da cidade de Teixeira de Freitas, cuja indagação para ser atendida conduziu ao seguinte problema: Qual o perfil do coordenador pedagógico da cidade de Teixeira de Freitas, de sua formação a sua atuação profissional? Várias indagações acerca do papel do coordenador no cotidiano escolar constituem-se a cerne de sua ação. Desse modo, é um encontro com a práxis, no qual se pode delinear o desafio do fazer pedagógico. Quanto mais esse profissional se volta para as ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação. Em contrapartida, o distanciamento dessas atribuições seja por qual motivo for, irá aumentar a discordância e desconhecimento quanto às suas funções e ao seu papel na instituição. O caminho metodológico adotado nesta pesquisa envolveu uma abordagem qualitativa, em razão da necessidade de melhor dialogar com o universo pesquisado. Assim, discute-se, a partir de categorias como formação, cotidiano escolar, a construção da identidade desse profissional em um pano de fundo histórico, que demonstra como o lugar desse profissional esteve, desde sua inserção na educação básica, na perspectiva do saber e da conduta “ideal”, pela interferência de uma estrutura “legal” materializada em uma função de âmbito “real”, que nem sempre confirmou a expectativa gerada. A pesquisa mostrou que a dificuldade em se definir a identidade profissional do coordenador pedagógico pode ser resultante da história da inserção desse profissional no sistema de ensino brasileiro. Em alguns momentos, tal profissional foi valorizado e uma formação foi pensada e estruturada com vistas a sua habilitação. Em outros momentos, a esse profissional foi negado e descaracterizado no contexto escolar. Espera-se com este trabalho contribua para um aprofundamento da reflexão sobre aspectos inerentes ao perfil profissional do coordenador pedagógico.

Palavras-chave: Formação do Coordenador. Profissional contemporâneo. Identidade. Prática política, cultural e educacional.

ABSTRACT

The present work brought to the scene of the questioning the theme involving the formation of the pedagogue and his praxis in the educational field of the city of Teixeira de Freitas, whose inquiry to be attended led us to the following problem: What is the profile of the pedagogical coordinator of the city of Teixeira Of Freitas, from his formation to his professional performance? Faced with several questions about the role of the coordinator in the daily school are the core of his action. In this way, this is an encounter with praxis, in which one can delineate the challenge of pedagogical doing. The more these professional turns to the actions that justify and configure their specificity, the greater will be their area of performance. On the other hand, the distancing of these attributions for whatever reason will increase the disagreement and lack of knowledge about their functions and their role in the institution. The methodological approach adopted in this research was based on a qualitative approach. Thus, the construction of the identity of this professional in a historical background, which demonstrates how the place of this professional has been, since its insertion in basic education, by the perspective of knowledge and "Ideal" conduct, by the interference of a "legal" structure embodied in a "real" scope function that has not always confirmed the expectation generated. The research showed that the difficulty in defining the professional identity of the Pedagogical Coordinator may result from the history of the insertion of this professional in the Brazilian education system. In some moments, this professional was valued and a training was designed and structured with a view to its habilitation. At other times, the same professional was denied and discharacterized in the school context. It is hoped that this work will contribute to a deepening of the reflection on aspects inherent to the professional profile of the Pedagogical Coordinator.

Keywords: Coordinator Training. Professional contemporary. Identity. Political, cultural and educational practice.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de Escolas Municipais em Teixeira De Freitas	44
Gráfico 2 - IES em Teixeira de Freitas.....	45
Gráfico 3 – Economia em Teixeira de Freitas	58
Gráfico 4 – Docentes.....	62
Gráfico 5 - Número de Escolas Municipais em Teixeira De Freitas	63

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Principais municípios fornecedores de mamão.....	52
Tabela 2 - Número de habitantes de Teixeira de Freitas de 1950 a 2006	54
Tabela 3 - População residente, por sexo e situação do domicílio, população residente com 10 anos ou mais de idade, total, alfabetizada e taxa de alfabetização em Teixeira de Freitas	56
Tabela 4 – População de municípios baianos.....	56
Tabela 5 – IBGE Dados básicos.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Escolas visitadas por bairro.....	44
Quadro 2 – Alunos da Rede Municipal.....	64
Quadro 3 – IDEB Teixeira de Freitas	64
Quadro 4 – Resultado da Prova Brasil.....	65
Quadro 5- IDEB escolas da Bahia	66

SIGLAS

Ac's – Aulas de Coordenação

APLB – Sindicato dos Trabalhadores de Educação da Bahia BA – Bahia

Bis – Bacharelados Interdisciplinares

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEUNES – Centro Universitário do Norte do Espírito Santo

DIREC – Diretoria Regional de Educação

ES – Espírito Santo

FASB – Faculdade do Sul da Bahia

FUNDEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FVC – Faculdade Vale do Cricaré

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituto de Ensino Superior

LDB – *Lei de Diretrizes e Bases*

LIs – Licenciaturas Interdisciplinares

MEC – Ministério da Educação

PABAE – Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROESP – Programa de apoio à educação especial

PRONERA – Programa de Educação Nacional da Reforma Agrária

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação

STBNE – Seminário Teológico Batista do Nordeste

UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz

UFSB – Universidade Federal do Sul da Bahia

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNOPAR – Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CAMINHOS DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	22
2.1 A LDB E A TRANSFORMAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA	27
2.2 COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	29
2.3 ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	32
2.4 COORDENADOR PEDAGÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE	33
2.5 DIFICULDADES NA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	35
2.6 COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUA PRÁXIS	38
2.7 COORDENADOR PEDAGÓGICO NA BAHIA	41
3 METODOLOGIA	42
3.1 TÉCNICA DE PESQUISA	47
3.2 INSTRUMENTO E ETAPAS DA PESQUISA	48
3.3 ABORDAGEM DA PESQUISA	49
3.4 TEIXEIRA DE FREITAS	49
3.5 AVALIAÇÃO IBGE E MEC – TEIXEIRA DE FREITAS	56
3.5.1 POPULAÇÃO	56
3.5.2 DADOS BÁSICOS	57
3.5.3 ECONOMIA	57
3.6 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM TEIXEIRA DE FREITAS	58
3.7 UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO EDUCACIONAL DA REDE MUNICIPAL DE TEIXEIRA DE FREITAS	60
3.7.1 NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO	61
3.7.2 DOCENTES	62
3.7.3 NÚMERO DE ESCOLAS POR SÉRIE	63
3.7.2 IDEB – RESULTADOS E METAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS	63
3.7.3 IDEB – ESCOLAS DA BAHIA	66
3.8 UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO EDUCACIONAL DE TEIXEIRA DE FREITAS	66
4 ATUAÇÃO DA COORDENACAO PEDAGOGICA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TEIXEIRA DE FREITAS	70
4.1 PROGRAMAS DA EDUCAÇÃO	71

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	75
5.1.1 QUESTÕES RELACIONADAS À ATUAÇÃO	80
5.1.2 QUESTÕES RELACIONADAS À IDENTIDADE PROFISSIONAL	84
5.2 A IDENTIDADE DO COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	97
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE A: ENTREVISTA COM OS COORDENADORES	119
APÊNDICE B: RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS.....	121
ANEXOS A: ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO	139
ANEXOS B: DOCUMENTOS E REPORTAGENS.....	142

1 INTRODUÇÃO

O que me interessa fortemente (...) não é dar receitas, mas é propor desafios, é discutir aspectos que eu considero necessários e permanentemente presentes na prática docente, que eu chamei de saberes fundamentais.

Paulo Freire

Ao adentrar as questões norteadoras do presente trabalho direcionando o olhar sobre os porquês desta pesquisa, tem-se a clareza de que, neste momento, a referida dissertação vem atender à discussão sobre a dicotomia teoria e prática que cerceia o coordenador pedagógico das escolas públicas de Teixeira de Freitas.

Para tanto, faz-se necessário conhecer os processos que envolvem este profissional, desde sua formação acadêmica até sua atuação profissional, dentro do contexto de reformas educacionais oriundas, sobretudo, do período pós LDB 9394/96. Isso porque essa lei colocou em debate a formação do pedagogo, lançando assim um novo olhar ao campo da coordenação pedagógica e sua presença no cotidiano escolar, e conferindo a essa área uma importância estratégica.

Aponta-se nesse sentido uma reflexão crítica sobre a Formação Pedagógica, inicial e/ou continuada, a fim de desenvolver questionamentos referentes à teoria e buscar caminhos para a efetivação de uma “práxis” pedagógica comprometida com a construção de conhecimentos e com a formação de um homem socialmente e politicamente empenhado na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Este trabalho pode, então, ser caracterizado como uma reflexão sobre o papel e as intervenções do coordenador pedagógico. Propõe-se aqui uma discussão em um itinerário dialético, em que este pode e necessita desenvolver continuamente uma leitura da própria realidade e dos sujeitos que compõem a comunidade escolar em que está inserido.

O leitor, um dos sujeitos que, a partir de agora, compartilha esta caminhada, poderia, neste momento, questionar-se quanto ao propósito da escolha deste estudo e a relevância do mesmo. Descrevem-se aqui nesta introdução tais questões.

Diante da ideia de que uma escola consciente forma uma sociedade consciente, cabe uma reflexão sobre esse ambiente e seus atores. Conforme citado anteriormente, o profissional coordenador pedagógico enfrentou, ao longo da história, mudanças marcantes em seu posicionamento no ambiente escolar, sendo a LDB 9495/96 preponderante para sua colocação contemporânea. Justamente por isso, cabe investigar a identidade e a prática profissional do coordenador pedagógico.

O olhar acerca dos questionamentos que motivam esta pesquisa reflete-se na análise prática dos depoimentos de coordenadores pedagógicos, da Rede Municipal de Teixeira de Freitas, sobre os aspectos relacionados a sua identidade profissional e a sua prática política, cultural e educacional.

Dessas falas virão as respostas alusivas ao que a teoria aponta como coordenador pedagógico e qual identidade ele factualmente assume em seu cotidiano. Daí a necessidade de repensar a coordenação pedagógica, sua existência e a incerteza quanto ao seu papel, bem como refletir a respeito das novas exigências em torno da função.

Para isso, cabe questionar se o conhecimento acadêmico colabora para a constituição e atuação desse profissional, ou deixa espaços vazios na construção de sua identidade. Este pensamento remete à busca da autoconsciência crítica desse profissional no exercício da sua função, ou seja, consciência necessariamente articulada com a práxis.

Nessa perspectiva, a prática do coordenador pedagógico que atua nas escolas da Rede Pública Estadual do Estado da Bahia é o mote desta dissertação. A investigação focalizou o processo de organização do trabalho da coordenação pedagógica, tendo como categorias analíticas o confronto do trabalho prescrito na legislação com o trabalho real, aquelas ações que esses profissionais desenvolvem no exercício de sua atividade profissional, as condições de trabalho, as relações de poder e as imagens e expectativas acerca da ação do coordenador pedagógico.

A formação inicial dos pedagogos, segundo estudos recentes¹, sobre a importância da relação teoria-prática e destaque em todas as profissões, na Educação não seria diferente. Nessa perspectiva, é importante observar, no campo de pesquisa escolhido, as escolas municipais de Teixeira de Freitas.

Observar principalmente como caminha a prática pedagógica é preponderante para entender a identidade profissional, considerando a articulação das dimensões presentes nos processos de trabalho: ético-político, teórico e reflexivo, com foco na reflexão entre as questões teóricas e os desafios desse campo, isto é, fazendo a reconciliação da teoria com a realidade.

É preciso que o coordenador seja bem formado e informado para lidar com as mudanças de sua profissão e com os olhares da comunidade escolar para o mesmo. Esta é, portanto, uma questão a ser enfrentada pelos cursos de Pedagogia, pois são atores conscientes de seus papéis no ambiente escolar que, sustentarão com qualidade o ambiente reflexivo necessário no espaço da educação.

Este fazer, duvidar, questionar, inquirir e saber fazer é que serão observados nos discursos dos Coordenadores Pedagógicos das Escolas Municipais de Teixeira de Freitas, Bahia.

Para compreender a figura do coordenador pedagógico, começando com sua formação e chegando a sua atuação profissional, a proposta desta pesquisa busca responder a seguinte questão: Qual o perfil do coordenador pedagógico que atua no município de Teixeira de Freitas, de sua formação até sua atuação profissional?

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o perfil do coordenador pedagógico, desde sua formação e considerando sua atuação profissional. Entre os objetivos específicos destacam-se:

¹ Diversos estudos têm sido efetivados e publicados no decorrer desta década no intuito de analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no interior das instituições de ensino, (re)significando-as em relação aos seus múltiplos determinantes. Citamos apenas alguns, de um universo extremamente mais amplo: PIMENTA, S. G. (Org.). Didática e a formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal, PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas; NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação; KINCHELOE, J. L. A formação do professor como compromisso político: mapeando o Pós-Moderno, FAZENDA, I. (Org.). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.

- a) Verificar de que forma o coordenador pedagógico é preparado para o exercício de suas funções;
- b) Discutir as atribuições legais dos trabalhos prescritos para o coordenador pedagógico;
- c) Analisar a relação entre as políticas educacionais e as condições de trabalho dos coordenadores;
- d) Verificar a identidade do coordenador pedagógico, de sua própria percepção;
- e) Analisar o processo de trabalho, considerando as relações de poder.

Em Teixeira de Freitas, cidade do Extremo Sul da Bahia, há trinta e uma escolas municipais de Ensino Fundamental I e dez unidades de Pré-Escola, sendo que a distribuição de coordenadores ocorre da seguinte forma: vinte e um coordenadores nas Escolas de Ensino Fundamental I e seis nas Pré-escolas.

Assim, a escolha da abordagem metodológica desta pesquisa é qualitativa, em razão da necessidade de melhor dialogar com o universo pesquisado.

Essa reflexão significa buscar compreender o papel do coordenador na escola e sua autoconsciência crítica no exercício da sua função, ou seja, consciência articulada com a práxis.

Dessa forma, para que tais questões fossem mais bem explicitadas, estruturou-se o presente trabalho em quatro capítulos após esta introdução.

No primeiro capítulo apresenta-se uma pesquisa sobre os caminhos da coordenação pedagógica, retratando-os na trajetória do profissional da educação no país e, especificamente, no município de Teixeira de Freitas, Bahia.

No segundo capítulo apresenta-se a fundamentação teórica que subsidia reflexões quanto ao aspecto central do coordenador, sua identidade. Trata-se de uma série de posicionamentos dos teóricos já relacionados, diante do que é a Coordenação pedagógica.

Para realizar as reflexões, o embasamento teórico do presente estudo, em nível teórico, começou sustentado pela pesquisa bibliográfica, a saber, a produção científica acerca da coordenação pedagógica em relação aos aspectos históricos, legais, políticos e pedagógicos, articulados aos pressupostos da formação.

Dessa forma, recorreu-se aos autores Almeida e Placco (2005), LDB 9394/96, Libaneo (2007), Lück (2006), Orsolon (2010), Vasconcellos (2002), assim como os desafios pontuados a todo educador por Paulo Freire, que também orientaram o estudo, entre outros colaboradores. Posteriormente, prosseguiu-se com a aplicação da pesquisa de campo junto aos coordenadores da Rede de Ensino Municipal de Teixeira de Freitas.

No terceiro capítulo apresenta-se o campo de pesquisa, Teixeira de Freitas, BA. Aqui reside a necessidade de ultrapassar o campo educacional e apresentar de fato a jovem cidade e seu rápido desenvolvimento econômico, que contribuiu significativamente para construir o que hoje se apresenta como educação municipal teixeirense.

Assim, houve uma conversa com a direção da SEMEC e os questionários foram enviados para a escola. Porém, ainda existe a certeza de que os melindres enraizados na cultura educacional, principalmente em cidades do interior, onde relações preestabelecidas dão espaço ao medo de responder, ou de responder fidedignamente aos questionamentos irão, de alguma forma, desmitificar o sistema. Persiste também uma dicotomia entre o pedagogo de antes e de hoje, a questão é que ele ainda não é completamente percebido por todas as comunidades escolares e, muitas vezes, nem o próprio se percebe ou se reconhece em seu papel na comunidade escolar.

No quarto capítulo surge a pesquisa de campo, realizada por meio de questionário, com as falas dos profissionais e a tentativa de compreender a identidade do Coordenador pedagógico, bem como as análises e reflexões acerca dessas falas, com seus entremeios de questionamentos.

Por fim, apresentam-se as Considerações Finais com as análises e as perspectivas de novos trabalhos sobre o tema.

O ensejo é, portanto, compreender a realidade do coordenador pedagógico da Rede Municipal de Teixeira de Freitas e de como este concebe a própria identidade profissional, começando com uma reflexão desenvolvida entre o espaço teoria/acadêmica e a prática/profissional, observando como isso interfere no exercício da prática política, cultural e educacional do coordenador pedagógico, e no papel central que desenvolve na comunidade escolar.

2 CAMINHOS DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

Paulo Freire

Este estudo sobre formação pedagógica e prática dos pedagogos de Teixeira de Freitas visa traçar um perfil a respeito da trajetória percorrida na formação desses profissionais da educação e seus desdobramentos na sociedade e nos contextos históricos, políticos e sociais. Para assinalar esse processo é fundamental fazer uma retrospectiva que proporcione uma visão mais ampla da formação desses profissionais, a princípio, uma tarefa para os jesuítas, em seguida, para o magistério e, posteriormente, para a universidade.

O profissional licenciado em Pedagogia, no exercício da profissão, está habilitado a assumir diversas funções na escola, tais como supervisão escolar, orientação educacional, inspeção, gestão, administração escolar, magistério das disciplinas pedagógicas e na educação infantil, atuando como um multiprofissional, com condições técnicas de intervenção em qualquer uma dessas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, assumir funções e desafios na escola é tarefa do profissional da pedagogia. Ao pensar como um formador, três características importantes devem ser destacadas na função do coordenador pedagógico:

- a) seu compromisso com a formação precisa representar o projeto escolar-institucional e atender aos objetivos curriculares da escola;
- b) o compromisso com o desenvolvimento dos professores deve considerar suas relações interpessoais com os demais atores da escola, alunos, pais, comunidade, sendo estas relações entendidas em sua diversidade e multiplicidade, aceitas como se apresentam, e aproveitadas como recurso para o processo formativo;

c) participar de elaboração/adaptação das necessidades e dos objetivos da escola possibilita que “novos significados sejam atribuídos à prática educativa da escola e à prática pedagógica dos professores”.

Destarte, ao pensar nas funções que devem ser assumidas pelo coordenador pedagógico, destacam-se papéis como:

- Como articulador, seu papel principal é oferecer condições para que os professores trabalhem coletivamente as propostas curriculares, em função de suas realidades, nem sempre fácil, mas possível;
- Como formador, compete-lhe oferecer condições ao professor para que se aprofunde em sua área específica e trabalhe bem com ela;
- Como transformador, cabe o compromisso com o questionamento, ou seja, auxiliar o professor a ser reflexivo e crítico em sua prática.

Em suma, como transformador, espera-se sua participação no coletivo da escola como aquele que permite e estimula a pergunta, a dúvida, a criatividade, a inovação. Desse modo, a escola se instituirá não apenas como espaço de concretização do currículo, mas também como espaço de mudanças curriculares necessárias e desejadas pelos professores, para cumprir seus objetivos educacionais. Como articulador, para instaurar na escola o significado do trabalho coletivo, é fundamental que o coordenador pedagógico estimule ações de parceria, de modo que, movidas por necessidades semelhantes, (as pessoas) se envolvam e se comprometam com o desenvolvimento de ações para alcançar objetivos e metas comuns.

Para o estudo da função da coordenação pedagógica no Brasil, é necessário, recorrer à origem da Supervisão Educacional, por ser a coordenação pedagógica uma ramificação desta última área/habilitação do campo da Pedagogia.

A Pedagogia é o ramo da educação que permite transformar o ambiente escolar em um local alicerçado na realidade, visto que não se limita aos muros que cercam esse ambiente, mas o transcende com múltiplas relações com o exterior.

Para tanto, dispõe ainda que no campo ideacional de elementos teóricos e práticos que objetivam tal transposição. Entre esses elementos encontra-se a Didática, que busca promover a reflexão sobre o processo educacional, tendo a prática como ponto de chegada e partida, na constante busca pelo desenvolvimento de um trabalho que aproxime o conhecimento científico e o conhecimento pedagógico. Inevitavelmente, esbarra-se em uma série de dificuldades históricas que estão enraizadas na constituição do curso de Pedagogia, nas mudanças ocorridas durante sua trajetória e na procura pela identidade do profissional formado nesse curso.

A função do supervisor educacional expande-se no Brasil no final da década de 1950, mediante acordo firmado entre o governo dos Estados Unidos da América e o governo brasileiro, que previa a implantação do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar - PABAEE, e tinha como objetivo capacitar os educadores brasileiros, a fim de garantir a execução de uma proposta pedagógica voltada para a educação tecnicista², dentro dos moldes norte-americanos.

Assim, os supervisores, fundamentados no modelo americano, passaram a exercer suas funções, enfatizando o trabalho tecnoburocrata educacional e tornando a prática educativa extremamente maçante, rotineira e pouco criativa. A função do supervisor escolar encontra-se sustentada legalmente na legislação³ específica do curso de Pedagogia desde 1939.

Desse modo, o governo brasileiro objetivava controlar e inspecionar o PABAEE, cujo modelo passou a influenciar o papel do supervisor escolar em todo o país, por ser esse profissional preparado para interferir diretamente no que ensinar, no como ensinar e avaliar, de acordo com a tendência tecnicista da educação que corroborasse a disciplina dos educandos e educadores e, conseqüentemente, a ordem do espaço

²A partir do pressuposto da neutralidade científica e, inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que aconteceu no trabalho, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico. [...] – na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. (SAVIANI, 1997, pg. 23 – 24)

³Esse Decreto-Lei regulamentava o curso para o exercício da função do profissional em educação que iria desempenhar funções de planejamento, supervisão e inspeção de escolas. Cursado em 3 anos, conquistava o título de “bacharel em pedagogia”. (Com mais um ano de curso, recebia o título de “licenciado em pedagogia”, podendo, deste modo, atuar como professor nas escolas normais).

educativo.

Segundo Medina (1995), na legislação⁴ específica:

A supervisão era institucionalizada, ao referir-se à 'formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas em educação'. A supervisão passa a introduzir modelos e técnicas pedagógicas atualizadas (para a época); o supervisor, contudo, não perde o vínculo com o poder administrativo das escolas. Agora o seu papel é o de assegurar o sucesso no exercício das atividades docentes por parte de seus colegas, professores, regentes de classe (1995, p. 40).

Para Gadotti (1998), essa supervisão nasceu juntamente com as empresas capitalistas. O supervisor era aquele que garantia a eficiência da produtividade dos operários, gerando assim o lucro máximo no menor espaço de tempo. Acontece que essa ideologia empresarial burguesa se infiltrou na escola, transformando-a em uma empresa, e a função de supervisor escolar passou a ter função similar a de um controlador do processo de produção, assumindo características de coordenação e direção do trabalho dos professores.

Esse modelo de administração ocorreu em um contexto político, econômico e social que priorizava o trabalho como um processo de planejamento focado na organização, direção e controle dos recursos humanos, materiais, financeiros e informacionais, visando à realização de objetivos centrados em uma administração capitalista, organizada para obter o lucro desejado, alcançados por meio da produção e pela força de trabalho, ambos considerados mercadorias.

Pensada dessa forma, a atividade administrativa escolar era pautada no esforço individual, sendo essa regra também inspirada nos modelos de produção das empresas.

Contudo, em 1980, a política brasileira começa a caminhar rumo à democratização com a elaboração da Constituição Federal. Nesse contexto, a sociedade passa a se expressar e contribuir com mais liberdade nas discussões para o desenvolvimento do país.

⁴LDB 5992/71.

No campo da educação, o modelo administrativo clássico foi submetido a questionamentos referentes a sua forma hierárquica de aplicabilidade dentro da escola, visto que procurava atender mais as normas e métodos de trabalho do que as reais necessidades existentes nas instituições de ensino.

Nesse cenário vigente na educação, a legislação instaurada desde a ditadura começou a ser questionada pelos educadores devido ao seu caráter tecnicista e positivista. Esse posicionamento refletiu de forma significativa no papel do supervisor escolar, provocando o enfraquecimento da concepção da administração clássica diante das discussões de cunho ideológico e político provocado pela efervescência do momento. Nessa mesma época, professores reivindicavam mudanças no trabalho pedagógico da escola, já que a fragmentação existente provocada pela divisão técnica do trabalho desfigurava o papel do professor⁵.

As organizações são unidades sociais (e, portanto, constituídas de pessoas que trabalham juntas) que existem para alcançar determinados objetivos. Os objetivos podem ser o lucro, as transações comerciais, o ensino, a prestação de serviços públicos, a caridade, o lazer, etc. Nossas vidas são intimamente ligadas às organizações, porque tudo o que fazemos é feito dentro de organizações. (CHIAVENATO, 2008, p. 99).

Como resultado dessas transições, a função do supervisor educacional e do coordenador pedagógico passa a ser contemplada na gestão e procura estar em consenso com seu papel dentro do sistema educacional, na busca por melhoria do ensino e da forma de o todo se organizar na escola.

Nesse espaço temporal ocorreu o processo de mudança de administração para gestão. Gestão não é algo que substitui a administração, a visão de cada uma dessas categorias é que as diferenciam. Uma entra em ação para caracterizar um momento de transformação do papel da escola perante a sociedade; a outra, já citada anteriormente, se norteia pelo capitalismo e ideologia burguesa.

Gestão é uma expressão que ganhou corpo no contexto educacional acompanhando uma mudança de paradigma no encaminhamento das

⁵ Segundo Libaneo (2007), a crítica marxista no decorrer desse período foi que efetivou uma mudança, “resultando em várias alternativas de gestão, genericamente orientadas por uma perspectiva democrática”.

questões desta área. Em linhas gerais, é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e planejamento de seu trabalho. O conceito de gestão está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos. (LUCK, 2006, p.1)

A partir de 1990, no Brasil, o neoliberalismo passa a se destacar junto à globalização. Os avanços tecnológicos e a necessidade das empresas alcançam a escola e interferem nas formas organizacionais do trabalho pedagógico, causando mudanças nas atribuições das mesmas, dos professores e alunos. Voltam a vigorar as perspectivas tecnicistas, “aprender a aprender”, “aprender a fazer”, isto é, com a execução desses princípios, os valores direcionam-se para o mercado de trabalho, para a eficiência, eficácia, para garantir a empregabilidade.

Assim, mais uma vez, o coordenador pedagógico é chamado a operar como o técnico capaz de ensinar a fazer, de dispor a professores desprovidos dos fundamentos teóricos do trabalho docente o aparato de técnicas, procedimentos, recursos das avançadas, e até então, inacessíveis tecnologias educacionais. Novos desafios, então, se colocaram frente a esse profissional e sua constituição identitária.

2.1 A LDB E A TRANSFORMAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

O curso que surgiu com o objetivo de formar professores da educação infantil foi sendo reformulado durante o passar do tempo, após a formulação da LDB 9.394/96. Assim, as reestruturações do curso de Pedagogia podem representar acontecimentos, uma vez que cada nova estruturação traz consigo outra regra, uma mudança.

A história desse curso mostra uma série de distorções quanto à identidade dele e sua importância para o campo de conhecimento e, não obstante, evidencia a dificuldade de criar uma identidade para o profissional oriundo do curso, haja vista que foram muitas suas formulações. Deixando o coordenador e comunidade escolar, confusos, ou questionares de suas ações.

Dentro desse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como 9394/96, foi determinante para mudar a direção do curso de Pedagogia, pois tem um forte componente pedagógico. O ponto mais importante desta é a formulação de uma proposta pedagógica, norteadora do processo pedagógico das escolas, dando, assim, um novo espaço ao coordenador pedagógico frente à comunidade escolar.

Esse processo passa, então, a ser visto, conforme a lei, como um dos elementos indispensáveis para o gerenciamento e a mediação de toda a comunidade escolar. Para a LDB, sua importância ocorre por suas várias reestabelecidas. A insistência em enfatizar o “conforme a lei” decorre da resistência da comunidade escolar em impor novas funções ao coordenador. Também porque esse profissional ainda não encontrou sua identidade profissional. Isto pode ser observado tanto no estudo teórico quanto no discurso dos coordenadores entrevistados.

A gestão emerge para superar, dentre outros aspectos, carência: a) de orientação e de liderança clara e competente, exercida a partir de princípios educacionais democráticos e participativos; b) de referencial teórico-metodológico avançado para a organização e orientação do trabalho em educação; c) de uma perspectiva de superação efetiva das dificuldades cotidianas pela adoção de mecanismos e métodos estratégicos globalizadores para a superação de seus problemas. Essa superação ocorre nas circunstâncias em que se observa, por parte dos gestores educacionais, ou atuação inspiradora e mobilizadora de energia e competência coletiva orientada para a efetividade. [...] a realização de objetivos avançados, em acordo com as novas necessidades de transformação sócio-econômico-cultural e desenvolvimento criativo e aberto de competências humanas, mediante a dinamização do talento humano, sinergicamente organizado, e a organização competente do trabalho e emprego criativo de recursos os mais diversos (LÜCK, 2006, p. 23-25)

O saber fazer pedagógico surge como norte que orienta o novo trabalho educacional na intenção e interação conjunta, visando o bom desempenho deste para alcançar o objetivo comum de qualidade do ensino e seus resultados.

O artigo 67, da LDB 9394/96, no que concerne a formação dos profissionais da educação, respalda a atuação e a formação do supervisor coordenador determinando a obrigatoriedade dos cursos de graduação em Pedagogia, ou em nível de pós-graduação a critério da instituição de ensino, garantindo nesta formação, a base comum nacional para a formação de profissionais de educação para a administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional da Educação Básica.

Nesse contexto de transições, a função do supervisor coordenador passa a ser de mediador das questões relacionadas à gestão pedagógica das instituições de ensino.

A atuação do coordenador pedagógico é, então, voltada para uma prática pedagógica que contribui para uma nova concepção de educação e de mundo, e que responde às necessidades do cotidiano escolar, com ênfase no trabalho coletivo e no respeito com o compromisso político.

Dessa forma, os atores que compõem o sistema educacional precisam estar cientes de que os discentes devem ter uma formação cada vez mais abrangente, de maneira a promover e estimular o pleno desenvolvimento das capacidades desses sujeitos. Com todas essas mudanças, é crucial também que o Coordenador pedagógico perceba a importância de seu papel e da necessidade de uma formação continuada de qualidade, para que possa desempenhar com propriedade sua função. Santos (1989, p. 1) afirma que:

É a estrutura organizacional, nos seus aspectos de divisão de tarefas, de distribuição hierárquica de poder, de seleção, organização e distribuição de conteúdo, de distribuição de períodos e horários escolares, de processo de exame e avaliação, ou de diferentes procedimentos, didático – pedagógicos.

Não se trata mais de administrar pessoas, mas de administrar com as pessoas. As organizações, cada vez mais precisam de pessoas produtivas, responsáveis, dinâmicas, inteligentes, com habilidades para resolver problemas, tomar decisões.

Nessa perspectiva, devemos identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade. Esse trabalho é desenvolvido pelo coordenador pedagógico.

2.2 COORDENADOR PEDAGÓGICO

Definir o papel do coordenador no cotidiano escolar constitui-se no cerne de sua ação. Desse modo, este é um encontro com a práxis, no qual se pode delinear o desafio do fazer pedagógico.

Quanto mais esse profissional se voltar para ações que justificam e configuram a sua especificidade, maior também será o seu espaço de atuação. Em contrapartida, o distanciamento dessas atribuições, seja por qual motivo for, aumentará a discordância e o desconhecimento quanto às suas funções e ao seu papel na instituição.

O coordenador pedagógico sabe-se constituinte de diversas funções no campo educacional. Aquele que se propõe a tal função precisa estar disposto a desafios e enfrentamentos com toda comunidade escolar, bem como a mediar a realização de projetos e acompanhar o fazer docente.

Diante de tantas ações, o coordenador corre o risco de se perder na aplicação de sua formação acadêmica, arriscando-se a uma postura de desânimo e acomodação, restrita ao serviço burocrático com documentos e diários.

No entanto, nem sempre a função do coordenador é bem definida no espaço escolar, conforme cita Bartman (1998, p. 1):

[...] o coordenador pedagógico não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue. Não tem claro quem é o seu grupo de professores e quais as suas necessidades. Não tem consciência do seu papel de orientador e diretivo. Sabe elogiar, mas não tem coragem de criticar. Ou só crítica, e não instrumentaliza. Ou só cobra, mas não orienta.

Não se esgota, portanto, no saber fazer bem e no saber o que ensinar, mas sim no trabalho articulado e orgânico para a qualidade do trabalho pedagógico, que se tornará mais concreta em seus compromissos humanizadores, na medida em que suas reflexões e ponderações possam ser perfeitamente adaptadas ao contexto de trabalho do coordenador pedagógico, que também é um docente e desenvolve suas atividades junto com os professores, com o propósito bem claro de favorecer o processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar.

Os coordenadores pedagógicos das escolas, em seus conceitos e atribuições, ainda carecem de sólida base teórica capaz de dar direcionamentos para uma ação efetiva e para a sustentação profissional de seu papel na escola.

Clarificar o trabalho do coordenador pedagógico significa compreender que seu núcleo se encontra na mediação e na busca por um trabalho em conjunto com direção e corpo docente, objetivando o processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Conforme Libâneo; Oliveira e Toschi (2005, p. 373), são responsabilidades deste profissional de educação:

[...] coordenar, acompanhar, assessorar, apoiar e avaliar as atividades pedagógico-curriculares. Sua atribuição prioritária é prestar assistência pedagógico-didática aos professores em suas respectivas disciplinas, no que diz respeito ao trabalho interativo com os alunos.

Segundo Pradi; Freitas; Bonifácio (2010), o coordenador pedagógico deve trabalhar em conjunto para superar os problemas acarretados por políticas alheias às necessidades educacionais inerentes a sua função.

Deve também estruturar as atividades a ser realizadas pela Escola, acompanhando o efetivo cumprimento da Proposta Pedagógica, criando momentos para reflexão sobre a prática e para a participação dos membros da comunidade.

Nesse contexto, a SEMEC de Teixeira de Freitas, dentro do perfil esperado para o coordenador pedagógico, depara-se com habilidades a ser desenvolvidas e desafios a serem enfrentados, não sendo possível pensar a prática pedagógica como outrora. É necessário um novo pensar pedagógico, em que habilidades e desafios sejam confrontados como o exposto a seguir:

Habilidades como: gestão de pessoas, domínio da legislação, liderança, capacidade de motivar, capacidade de mobilizar, planejamento e estratégia, ética e transparência; e Desafios como: desmotivação do corpo docente, não ser reconhecido pela classe social, deficiência na formação da equipe, lidar com as diversas expressões, lidar com a violência.

Nesse contexto, perceber o coordenador pedagógico como profissional é determinante e afasta a ideia pedagógica apregoada durante muitos anos, em que o trabalhar educação era trabalhar por amor e não com amor.

Para mudar essa concepção é fundamental investir na formação, o conhecimento é um momento imprescindível de transformação do homem pelo homem, sendo que a tarefa de interpretar o mundo faz parte da tarefa maior de modificá-lo. Percebe-se que esse investimento é que tornará possível o reconhecimento diante da sociedade. Assim, esta é precisa compreender, aceitar e respeitar o papel desse profissional contemporâneo, capaz de, com seu trabalho, mediar processos que corroboram para a cidadania dos alunos e para a superação do fracasso e das desigualdades escolares.

2.3 ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

O maior problema desse constante movimento refere-se aos inúmeros papéis que o coordenador pedagógico assume diariamente, tornando-se praticamente impossível definir suas atribuições, o que o faz sentir-se constantemente em um processo inacabado.

Assume também o papel de mediador entre professores, direção, alunos e responsáveis. É aquele que todos procuram quando tem um problema, o apaziguador. A questão é: Não existem limites para essa função?⁶.

A questão das múltiplas funções, assumidas por coordenadores, traduz significativamente a questão da subjetividade do profissional, considerando que não há como separar sua prática escolar dos conceitos e experiências trazidas por ele em sua construção identitária.

A função pedagógica precisa, então, ser entendida como ação que evidencia o esclarecimento reflexivo e transformador da práxis docente. O trabalho do coordenador pedagógico é uma atividade voltada essencialmente à organização, compreensão e transformação da práxis docente, para fins coletivamente organizados e eticamente justificáveis.

⁶. “O discurso pedagógico com tom idealista não dá conta do cotidiano real de nossas escolas. Tanto o professor quanto seus alunos têm uma história de vida que precisa ser levada em conta na relação ensino/aprendizagem, que constitui a subjetividade do aluno, no interior dessas relações escolares.” Fortuna (2002).

Assim, segundo a SEMEC de Teixeira de Freitas, caberá à coordenação pedagógica organizar espaços, tempos e processos que considerem:

- Que as práticas educativas e pedagógicas só poderão ser transformadas a partir da compreensão dos pressupostos teóricos que as organizam e das condições dadas historicamente;
- Que a prática, como atividade sociohistórica e intencional, precisa estar em constante processo de redirecionamento, com vistas a se assumir em sua responsabilidade social crítica;

Caberá à tarefa pedagógica na escola funcionar como interlocutora interpretativa das teorias implícitas na práxis, e a mediadora de sua transformação, para fins cada vez mais emancipatórios.

Para organizar esse espaço profissional na escola, os coordenadores precisam estar conscientes de seu papel, construindo, cotidianamente, suas possibilidades pessoais e profissionais em um processo crítico-coletivo-reflexivo que contribuíssem para a construção e a ressignificação dos processos identitários e profissionais desses educadores.

Parece ponto pacífico entre educadores, que a formação contínua do professor seja realizada buscando-se o papel ativo do educador, que, por meio da reflexão, adquirirá conhecimento crítico de sua ação pedagógica, podendo, daí, reconstruir os condicionantes de sua existência, os pressupostos de suas escolhas cotidianas, bem como se reconstruir como pessoa, como identidade.

2.4 COORDENADOR PEDAGÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE

O termo pedagogia, do grego antigo paidagogós, era inicialmente composto por paidos “criança” e gogía “conduzir” ou “acompanhar”. Outrora, o conceito fazia, portanto, referência ao escravo que levava os meninos à escola. Atualmente, a pedagogia é considerada como sendo o conjunto de saberes que compete à educação enquanto fenômeno tipicamente social e especificamente humano. Trata-se de uma ciência aplicada de carácter psicossocial, cujo objeto de estudo é a educação.

Como as discussões em torno do curso de Pedagogia não chegaram a um consenso quanto aos moldes de formação necessária ao profissional da supervisão ou coordenação escolar, o artigo 64 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, determina que ela seja feita em curso de graduação em Pedagogia ou em cursos de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, sendo garantida a base comum nacional. Paulo Freire (1982, p. 95) afirma que o “supervisor é um educador e, se ele é um educador, ele não escapa na sua prática a esta natureza epistemológica da educação. Tem a ver com conhecimento, com a teoria do conhecimento”.

O coordenador pedagógico precisa voltar seu olhar para essa relação entre professor e aluno, e compreender que, às vezes, alguns professores carecem de formação referente à construção do conhecimento. Torna-se fundamental, então, que o coordenador intervenha, auxiliando os professores a compreender sua práxis educativa.

Em consonância com o que se espera do coordenador pedagógico na atualidade, ao analisar as escolas municipais de Teixeira de Freitas, observa-se que, segundo a SEMEC, as atribuições desejadas em um coordenador para atuar nessas escolas, segundo a Instrução Normativa 05/2008 são as seguintes:

- a) Articular com os membros da equipe gestora, os processos pedagógicos, mediando a interlocução entre os diferentes atores da Unidade Educacional e os responsáveis pela política educacional do município, o projeto político-pedagógico da Unidade Educacional e da prática docente, com vistas à melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem.
- b) Elaborar proposta de trabalho, definindo objetivos, estratégias e metas de acordo com a proposta pedagógica da Unidade Educacional.
- c) Elaborar, junto aos professores e direção, estratégias de ensino e aprendizagem, buscando um bom desempenho acadêmico de todos os estudantes.
- d) Planejar, acompanhar e avaliar periodicamente, junto aos professores, as ações didático-pedagógicas da/na Unidade Educacional e coordenar os encontros de planejamento previstos no calendário escolar.
- e) Orientar pedagogicamente os professores, organizando atividades de formação continuada e socialização de experiências na Unidade Educacional.
- f) Coordenar e sistematizar os Conselhos como instância avaliativa do desempenho dos estudantes e da prática pedagógica dos professores.
- g) Analisar, junto à equipe gestora e docentes da Unidade Educacional, o resultado de avaliações internas e/ou externas à Unidade, elaborando relatórios do desempenho das turmas, como objeto de redirecionamento das práticas pedagógicas.
- h) Mediar, junto à equipe gestora, a orientação pedagógica aos pais e/ou responsáveis, aos estudantes, professores, e componentes da Unidade Educacional.
- i) Participar da formação continuada, encontros de coordenadores e grupos de estudo.

Dessa forma, todas as atribuições do coordenador têm, de fato, caráter pedagógico e ele deve agir sempre em parceria, seja com os professores, seja com a equipe gestora, mediando sempre os processos e as atividades pedagógicas na tentativa de garantir um bom desempenho acadêmico de todos os estudantes da unidade escolar em que atua, pensando no caráter político-pedagógico das ações realizadas.

2.5 DIFICULDADES DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Coordenar o pedagógico implica em redirecionamento e em esclarecimento coletivo do que é a escola, ou seja, o seu significado. Porém, isso não poderá o coordenador realizar sozinho e nem mesmo a direção da escola.

O pedagógico não existe em uma esfera de abstração. Ele toma corpo, adquire concretude, apenas no coletivo, pouco adianta as intenções corporificadas em um projeto de escola enquanto um discurso escrito. É preciso que essas intenções sejam tomadas pelo grupo todo, apropriadas pelo coletivo, em um processo contínuo de busca de convergência e negociação de projetos e ações.

Para que tudo corrobore em uma prática bem-sucedida, é necessário que o coordenador possua uma sólida formação acadêmica, e essa é uma questão que precisa ser enfrentada pelos cursos de Pedagogia. Mais do que isso, é preciso a rediscussão do sentido da escola, junto com toda a comunidade que partilha esse ambiente, na certeza de que ela se sustentará com a qualidade do ambiente reflexivo que possuir.

Um coordenador sozinho não pode mudar a escola, muito menos a concepção historicamente atribuída a ela. Como comenta Sizer (1985), uma escola não emerge como um prato pronto de comida que basta aquecer por quinze minutos, mas a partir do cozimento em fogo brando de um conjunto de ingredientes.

Segundo Imbert (2003), a mudança da escola e das práticas pedagógicas só se realizará quando se operar uma transformação no imaginário dos educadores em sua dupla dimensão; ideológica e narcísica.

Portanto, o Coordenador pedagógico atua ou deve atuar como elemento integrador, dinamizador de toda a equipe escolar. Aquele que articula um trabalho em andamento,

que procura unir, dar sentido ao que está sendo feito individualmente, além de realizar uma ação intencional, em conexão com a organização e gestão escolar, e um trabalho coletivo, integrado com os atores da comunidade escolar, orientando esses agentes.

Dessa forma, espera-se que o coordenador pedagógico favoreça a organização dos atores e dos processos da escola, com atitude crítica e reflexiva, fazendo uso dos saberes adquiridos em sua formação acadêmica e na experiência profissional, com o intuito de nortear as relações existentes no ato de aprender e ensinar, transformando a escola em um espaço no qual se coordena o saber fazer e o saber aprender.

Em uma pesquisa com escolas públicas e particulares, Orsolon (2004) traz a visão de professores e coordenadores a respeito da participação dos pais no espaço escolar. Como há muitas diferenças econômicas e culturais entre as famílias dos alunos, a escola precisa conhecê-las individualmente para desencadear um trabalho intencional, trazendo os pais para participar por meio de uma gestão democrática.

Para que isso ocorra, é indispensável haver um bom relacionamento entre família/escola, baseado no diálogo, em que prevaleça a troca de experiências, discussões e decisões. O principal desafio do coordenador pedagógico para alcançar metas de forma satisfatória, além de conhecer o contexto da família, deve demonstrar claramente a dimensão política de suas ações.

Sendo assim, um coordenador comprometido precisa estabelecer parcerias entre família e escola e interagir com ela, por meio de espaços planejados e de um trabalho intencional, norteados pela consciência política.

No entanto, o tempo para essas interações é pequeno e restrito aos intervalos, reuniões, entrada e saída, o que aumenta a complexidade da função. Essa é um dos pontos cruciais que também deve ser contemplado na formação inicial e permanente desse profissional.

Além disso, o coordenador pedagógico vai lidar diretamente com os conflitos que surgem no espaço escolar, visto que nele atuam grupos diferentes, desenvolvem-se programas e rotinas, ocorrem antagonismos que muitas vezes geram conflitos permanentes e também contradições.

Porém, na medida em que o coordenador pedagógico compreender essas contradições, poderá desenvolver ações para enfrentá-las. As principais contradições referem-se à unidade e diversidade, pois a escola acaba por negar a diversidade em favor de uma cultura escolar sustentada pela racionalidade, à autonomia e mudança; à harmonia e conflito, já que nenhum grupo sobrevive submetido a conflitos permanentes, nem tampouco cresce sobre constante harmonia.

Outro aspecto importante no ambiente escolar é o grupo de professores, também marcado pela diversidade de experiências, de formação e de objetivos, cuja diversidade é confrontada pelo pedagogo que com a qual deve trabalhar. Somado a isso, existem ainda as pressões de instâncias superiores e a carga de trabalho burocrático, que ocupa bastante tempo, o qual deveria ser dedicado às funções pedagógicas.

Estar e trabalhar com grupos traz como condição lidar com a diversidade, não sendo possível, contudo, prever o resultado de um trabalho em grupo. É preciso planejar o que será feito a partir de hipóteses, aprender a lidar com as incertezas e compreender que o controle da situação não se encontra somente no trabalho da coordenação pedagógica, mas no e com o trabalho de todos os participantes do processo interativo. Assim, na concepção de Souza (2003), dentro de um grupo de professores, por exemplo, não é possível dissociar um do outro, culpabilizando um elemento do grupo por um fato ou resultado. Ademais, a função do coordenador na escola deve percorrer suas possibilidades, sem extrapolar seus deveres, que já compõem uma lista extensa de obrigações. Refletir sua prática contribui para o próprio aprimoramento, que favorece a todos os envolvidos.

Assim, um dos grandes desafios encontrados pelo coordenador pedagógico no que se refere à gestão democrática, além de democratizar a própria práxis, é fazer com que a escola também seja democrática, na qual se valoriza a diversidade cultural, que envolve situação socioeconômica, faixas etárias distintas, etnia, sexo, habilidades e competências individuais de seus atores. Ao invés de se tornar um problema, essas diferenças colaboram com as ideias de trabalho em conjunto, visam o interesse coletivo e eliminam barreiras quando surgem, desde que atuem como grupo cooperativo, baseados na capacidade de todos e não como grupo competitivo em direções opostas.

2.6 COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUA PRÁTICA

De acordo com as diversas opiniões observadas no processo de revisão bibliográfica, o coordenador pedagógico exerce o papel de responsável pelo planejamento, formação e orientação aos professores, e, ainda, a alunos e responsáveis.

Sá e outros (2001), em estudo sobre Coordenação pedagógica e Processo Ensino Aprendizagem, afirmam que, na gênese da coordenação pedagógica, o supervisor era o “fiscal”, o chefe que gerenciava a produção - tal qual ocorria na indústria - hoje em dia, almeja-se que este se configure como o que auxilia e contribui para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, objetivando uma educação de qualidade. É nesta perspectiva, portanto, que é possível afirmar que o cargo Coordenação pedagógica é necessário no ambiente escolar.

Contudo, ao observar a realidade das escolas, o que se apresenta são profissionais ainda confusos com a relação teoria/prática. Além da dificuldade em aplicar o conhecimento, existe a visão arraigada da educação que enxerga esse profissional ainda como o vilão da história, o bedel, o sujeito pronto a castigar e atuar em questões disciplinares.

Segundo Paulo Freire (1982), cabe pensar o posicionamento de que o coordenador, antes de tudo, precisa ter prática docente, haja vista que é, a princípio, um educador e, como tal, deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola. Ele deve conduzir os professores a ressignificar suas práticas, resgatando a autonomia do próprio trabalho sem, no entanto, se distanciar do trabalho coletivo da escola. Isso porque a coordenação pedagógica consiste primordialmente na organização do trabalho docente, objetiva incentivar os professores a planejar as aulas, considerando o projeto político pedagógico, a realidade do aluno e as necessidades da comunidade em que este está inserido, além de atender às situações-problemas diárias.

O Coordenador pedagógico também é um facilitador do processo de ensino-aprendizagem, que deve estar sempre pronto a trabalhar com a diversidade, conforme a análise de Franco (2008, p.119):

A análise contextual e crítica das necessidades sentidas pelos coordenadores indicou, entre outros aspectos, a necessária compreensão do papel profissional desses educadores, que, premidos pelas urgências da prática e oprimidos pelas carências de sua formação inicial, encontram-se dilacerados frente aos imediatos afazeres de uma escola que, na maioria das vezes, caminha sem projetos, sem estrutura, apenas improvisando soluções em curto prazo, de forma a sobreviver diante das demandas burocráticas.

Assim, o papel desse profissional frente às demandas burocráticas precisa ser reconstruído, reencontrado, redescoberto. É importante que o coordenador se perceba como aquele educador que deve, no exercício de sua função, produzir a articulação crítica entre professores e seu contexto; entre teoria educacional e prática educativa; entre o ser e o fazer educativo, em um processo que seja ao mesmo tempo formativo e emancipador, crítico e compromissado. É o abarcar a relação diária entre a teoria, a prática e a práxis. Karl Marx foi o criador da filosofia da práxis. Mas, por que “práxis” e não simplesmente “prática”? Quais seriam as diferenças entre esses dois conceitos no interior do marxismo?

Embora os termos práxis e prática possam ser usados indistintamente, Marx preferiu adotar o primeiro, de uso mais restrito ao vocabulário filosófico, mas com a vantagem de não carregar consigo um sentido estritamente utilitário e pejorativo. Vazquez afirma: “Assim entendida, a práxis é a categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação”. Tal filosofia não é outra senão o marxismo.

A filosofia da práxis não exclui a história ético-política, consiste precisamente na reivindicação do momento de supremacia essencial a sua concepção e valorização do fato cultural da atividade cultural. Assim explica Pimenta (1994): “A não passagem da atividade teórica para a atividade prática implica a negação da teoria, do mesmo modo que uma prática esvaziada de teoria não ultrapassa a barreira do senso comum e prático”.

Dessa forma, ambas caminham juntas, pois é a teoria que esclarece e enriquece a prática e está concede novas significações à teoria. Nessa ótica, descarta-se o pragmatismo vinculado tão somente à utilidade e que aponta como critério da verdade o êxito da ação prática do homem feito indivíduo. A prática como fundamentação da teoria deve transformar o social. Por outro lado, a teoria não é apenas uma justificativa para uma prática, esta pode adiantar-se à própria prática, influenciando seu desenvolvimento para uma prática transformadora.

É possível verificar na contemporaneidade uma inquietação com a formação docente no sentido de superação da dicotomia teoria-prática, visando encontrar a práxis. A prática produz os meios necessários para a vida, para a sobrevivência. Seu domínio é a utilidade ou o consentimento. Sua transformação ocorre pela teoria, mas ela só se concretiza perfeitamente pela reflexão que surge da práxis. Esta é, portanto, a capacidade dos homens de agirem bem e em prol de um bem comum.

A prática refere-se à instrumentalização. Qualquer que seja a ação, o que interessa é o produto final e não o processo. Na prática, o importante é fazer. Na práxis, o importante é saber fazer refletindo sobre a ação. A atuação da práxis contém um sentido e um valor em si, e cumpre seu objetivo pelo fato de se suceder como algo correto e justo. Destarte, ao pensar na práxis em campo educacional, encontra-se está refletida no compromisso do educador com a prática social e no de lidar com a contradição resultante da separação e pensamento, para que as vivências e para que a teoria possa contribuir para compreendê-la e não para impor certos tipos de experiências.

Sendo assim, faz-se necessário que o coordenador pedagógico desenvolva comprometimento profundo com o que pode fazer enquanto mediador das relações intrínsecas presentes no mundo do ensino, devendo estar consciente da sua própria formação continuada e de sua equipe. Sua função por meio da práxis é indispensável também para a manutenção da parceria com a família e comunidade, pois realiza suporte de gerenciamento, coordenação e supervisão na realização das atividades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem. É aquele que através de sua ação transformadora se transforma e produz conhecimento.

É, portanto, tarefa do coordenador favorecer a construção de um ambiente no qual a democracia seja uma constante, em que se incentive a construção do conhecimento por parte da comunidade escolar, bem como promova modificações nas atitudes, procedimentais e conceituais nas pessoas que participam dela.

A prática educativa emancipatória requer, efetivamente, do educador, uma tomada de posição pela missão histórica consciente e conseqüentemente da humanidade de destruir as relações de classe que sustentam a alienação que privam o homem de seu pleno desenvolvimento humano.

Enfim, o coordenador pedagógico deve saber dimensionar a função política da educação dentro da concepção de mundo dada pela filosofia da práxis, sendo, pois, a educação um dos instrumentos de ação política e planejada, que transforma a necessidade em liberdade.

2.7 COORDENADOR PEDAGÓGICO NA BAHIA

Na Bahia, Estado que recebe esta pesquisa, a figura do coordenador pedagógico surgiu em 1997. Foi a Lei Estadual nº 7.023, de 23/01/1997, regulamentada pelo Decreto nº 6.471, de 01/06/97, que oficializou o trabalho desse profissional. Em seu artigo 7º, a Lei 7.023/97 determina:

Os atuais cargos, de Orientador Educacional e Supervisor Escolar do Estado, mantidos os correspondentes quantitativos e nível de classificação, ficam transformados em cargos de Coordenador pedagógico, cujas especificações abrangerão as atribuições das nomenclaturas, ora transformadas, passando as mesmas a serem desempenhadas pelos ocupantes do cargo citado de acordo com as necessidades dos estabelecimentos de ensino em que estejam lotados.

Assim, no Estado da Bahia, a partir de 1997, os cargos de supervisão escolar e de orientação educacional ganham nova nomenclatura, de coordenação pedagógica. Na perspectiva do Estado, o coordenador pedagógico é o agente responsável pelo acompanhamento das ações que influenciam direta ou indiretamente o desenvolvimento do processo educativo.

3 METODOLOGIA

A cultura forma sábios; a educação, homens.
Louis Bonald

Este estudo foi desenvolvido em forma de roteiro de entrevistas (Apêndice) e possui cunho qualitativo e deve ser percebido como momento de um processo de (re)produção de conhecimento a começar pela pesquisa bibliográfica. Na sequência, realizou-se uma pesquisa de campo sobre a atuação e a formação desses pedagogos, sem preterir e/ou apresentar aspectos conclusivos e definitivos. No centro da escolha do método misto, Minayo, sinaliza que,

A diferença entre qualitativo e quantitativo e de natureza (...). O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia (1995, p.22).

A pesquisa de campo surge como base para relacionar a teoria vivenciada e a apresentada nos referenciais teóricos dentro da prática pedagógica. Na interação com o campo, o objeto pesquisado e os instrumentos utilizados possibilitam a coleta de dados, para que o fenômeno estudado tome corpo e fundamento, dando embasamento e credibilidade à pesquisa.

Como instrumento para a coleta de dados, optou-se pelo roteiro de entrevista estruturada, dada sua importância e por ser um procedimento que atendia aos propósitos desta pesquisa. Ainda a respeito do referido instrumento, Minayo afirma,

A entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (1995, p.57)

A vantagem desse instrumento é que ele permite a captação imediata da informação desejada. Sua finalidade objetivou conhecer três aspectos do sujeito entrevistado, a saber:

- a) a formação do coordenador pedagógico;
- b) a atuação do coordenador pedagógico;
- c) a formação identitária do coordenador pedagógico.

Na concepção de Severino (1989), a pesquisa e a reflexão são os objetivos finais da vida científica e acadêmica. O ato de refletir sobre a pesquisa e o que ela traz de conhecimento e mudança tanto para a academia quanto para a sociedade, faz-se valer o esforço e as renúncias desse período, que exige e impõe limites sobre a vida do estudante universitário.

A função primeira do coordenador pedagógico é mediar o processo didático-pedagógico, pensando a comunidade escolar como um ambiente sócio-político-cultural, revestida de inegável responsabilidade e que não encerra todas as possibilidades de atuação, porque refletir o sujeito e sobre o sujeito é uma tarefa sem fim.

Daí a necessidade de repensar a formação inicial e contínua desse profissional, que atravessou em sua caminhada, enquanto ator da educação, diversas transformações ideológicas, que fazem com que ele ainda não se reconheça no espaço e também que a comunidade não identifique seu real papel.

Na obra de Paulo Freire, o homem é o sujeito da educação, já que a interação homem-mundo é imprescindível para que esse indivíduo se desenvolva e se torne sujeito de sua práxis. Nesse sentido, o educador competente é o comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, na qual saber e poder têm equivalência enquanto elementos de interferência no real e na organização de relações de solidariedade.

Segundo Pérez-Gomes (1992), em uma educação que prime pela liberdade do indivíduo, faz-se necessária uma ação reflexão constante, e a escola é espaço ideal para isso, considerando que a práxis educativa é o elemento básico para realizá-la.

Um profissional, para trabalhar com a dinâmica dos processos de coordenação pedagógica na escola, precisa, antes de tudo, ter a convicção de que qualquer situação educativa é complexa, encontra-se permeada por conflitos de valores e perspectivas e carrega um forte componente histórico e ético, o que demanda um trabalho integrado, integrador, com clareza de objetivos e propósitos e com um espaço construído de autonomia profissional.

Para isso, inicia-se aqui uma reflexão acerca do contexto pesquisado, ação fundamental para apreensão do objeto de estudo.

A princípio foi preciso recorrer à Secretaria de Educação Municipal para levantamento de dados alusivos ao quantitativo de escolas, já que se tratava de um universo extenso. Foi realizado um levantamento de dados sobre a composição do quadro de coordenadores pedagógicos e o respectivo número de escolas públicas municipais da cidade de Teixeira de Freitas, sendo possível delinear o campo de estudo, conforme ilustração do quantitativo de escolas municipais instaladas na sede, no Gráfico 1 a seguir:

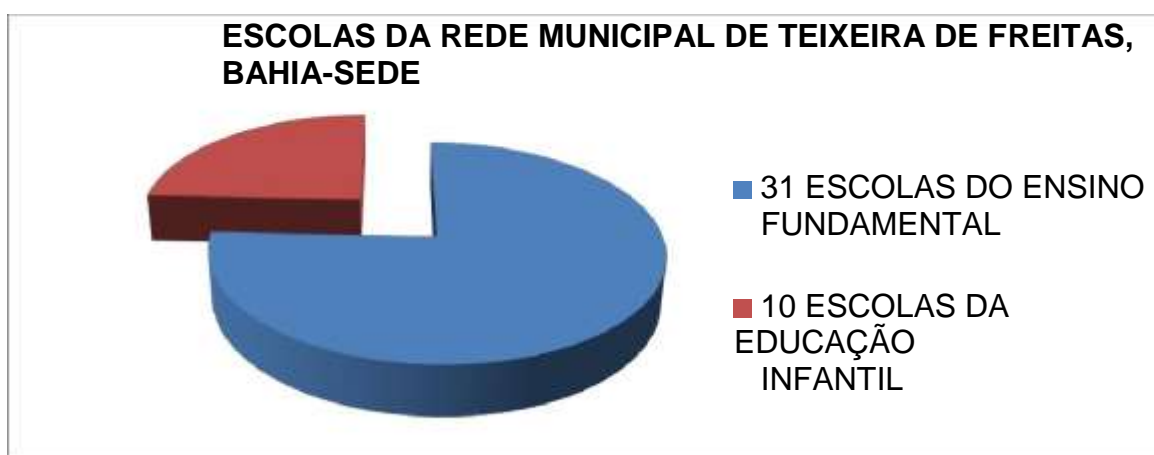


Gráfico 1 – NÚMERO DE ESCOLAS MUNICIPAIS EM TEIXEIRA DE FREITAS
Fonte Secretaria Municipal de Educação

Após diálogo com a SEMEC, fez-se um levantamento das escolas municipais e dos coordenadores que atuam nelas.

Escolas municipais visitadas em Teixeira de Freitas:

ESCOLA	BAIRRO
Escola municipal São Lourenço	Bairro São Lourenço
Escola municipal João Mendonça	Bairro Urbis 2
Escola municipal Raquel de Queiroz	Bairro Centro
Esc. Alcenor Alves Barbosa	Bairro Castelinho
Esc. Gilberto da Silva Cardoso	Bairro Monte castelo
Escola munic. p. Agrizzi neto	Bairro Jerusalém
Escola Clélia das G. F. Pinto	Bairro Santa Rita
Escola Vila Marinha	Bairro Vila Marinho
Escola Brás Pereira do Nascimento	Bairro Wilson Alves de Brito
Escola deputado Jose Lourenco	Bairro Bela Vista
Escola Dilvan Rocha Coelho	Bairro Nova América

Escola Antônio Chicon Sobrinho	Bairro Jardim Caraipe
Escola de 1º grau Dom Pedro II	Bairro Duque de Caxias
Escola Joaquim Jose de Almeida	Bairro Ulisses Guimarães
Escola Amigos de Aracruz	Bairro Liberdade
Escola Municipal São Geraldo	Bairro Tancredo neves
Escola Manoel Cardoso Neto	Bairro Centro
Escola Gessé I. do Nascimento	Bairro Redenção

Quadro 1 – Escolas visitadas por Bairro
Fonte: Secretaria Municipal de Educação

Enfatiza-se, conforme dados apresentados no gráfico a seguir, que o universo de coordenadores pedagógicos que atuam nas escolas municipais de Educação Infantil e de Ensino Fundamental da Sede, egressos do curso de Pedagogia da UNEB, Campus X, representa 78% do universo pesquisado.

Os coordenadores pedagógicos da cidade passam por três situações:

- Nem todos têm formação pedagógica.
- A maioria atuante é do sexo feminino.
- Entre os coordenadores atuantes, os egressos da UNEB estão em número superior aos de outras IES da cidade e região.

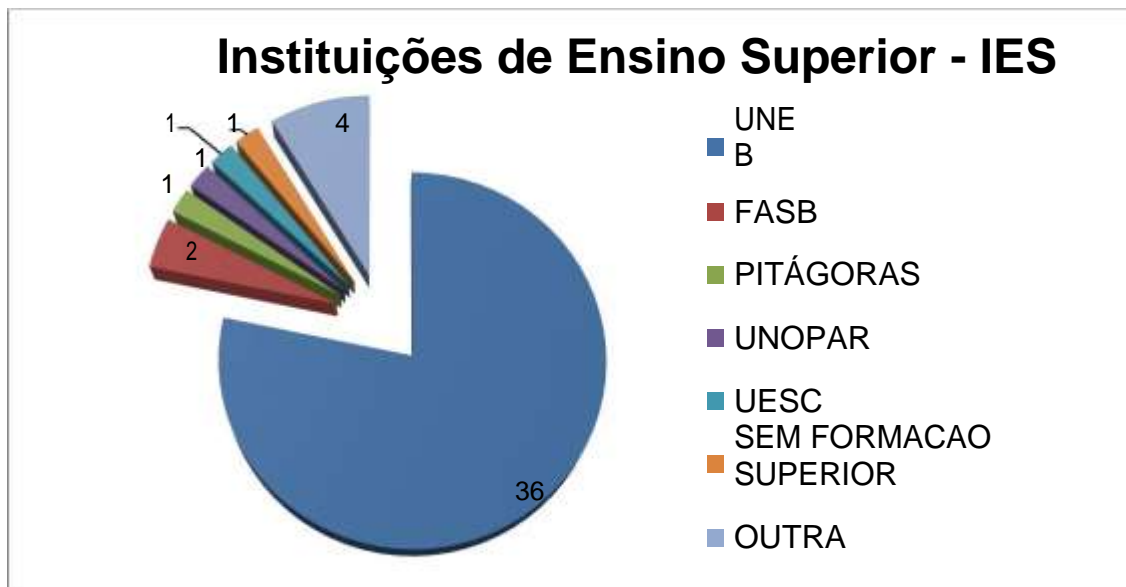


Gráfico 02 – NÚMERO DE INSTITUIÇÕES SUPERIORES EM TEIXEIRA DE FREITAS Fonte Direc 09

O caminho metodológico desta pesquisa perpassa, inicialmente, por 38 Escolas da Rede Pública Municipal do município de Teixeira de Freitas, no Extremo Sul da Bahia. No entanto, o não sucesso com outras três escolas foi a impossibilidade de acesso

físico ou por telefone, além de um imprevisto gerado por uma greve de âmbito municipal.

Os sujeitos da pesquisa são profissionais atuantes na coordenação pedagógica da rede pública municipal da própria cidade. O total de pedagogos/coordenadores é de, no mínimo, trinta e seis sujeitos no quadro efetivo da rede municipal de ensino.

A relevância do estudo decorre da atuação dos coordenadores pedagógicos em sua prática cotidiana, bem como do confronto entre o aprendizado acadêmico e um ensino de qualidade, que deve acompanhar as transformações da sociedade, como, quando e por que se mantém ou transforma-se o apreendido na faculdade.

Com relação ao coordenador pedagógico e à questão dos saberes, há indagações importantes a fazer sobre o assunto: Que saberes são mobilizados pelos coordenadores pedagógicos em sua prática cotidiana? Quais relações são estabelecidas entre esses saberes e o seu contexto de trabalho? Ou seja, de que saberes são constituídos o fazer do coordenador pedagógico?

Assim, no âmbito das novas exigências do mundo contemporâneo, fundamenta-se este estudo nas temáticas sobre a necessidade de que se rompam barreiras cristalizadas para promover a ação reflexiva, aliada à construção do desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional, entre outros.

No que concerne à formação dos professores, a temática pedagógica ocupa lugar central, emergindo a educação como instrumento necessário à luta pelo processo pedagógico na contemporaneidade. Qual o perfil atual do pedagogo do município de Teixeira de Freitas?

De modo geral, as instituições de ensino da cidade propõem como perfil do egresso de Pedagogia formar um sujeito que estuda a sistematização da educação com visão global e crítica do fenômeno educativo, bem como as teorias de ensino e da aprendizagem. Estuda também temas referentes à gestão da educação e de espaços educativos, atua na área educacional e empresarial (RH) como docente, mediador (a), gestor (a) e pesquisador (a) em diferentes níveis e modalidades de ensino, ou

seja, em espaços educativos de Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental, em espaços educativos públicos e privados, em um período mínimo de quatro anos e máximo de sete anos.

O conceito de formação encontra-se, então, vinculado ao fator de compreensão e solução das contradições existentes, o que permite interpretar a ação educativa de modo original, associando a ela as estruturas sociais válidas na atual sociedade, refletindo-se, assim, sobre a educação, em seu nível teórico e prático, visto que a este último inserem-se as ideologias religiosas, filosóficas, estruturais e políticas da classe dominante em uma sociedade capitalista.

Assim, a formação de professores é estruturada na forma de refletir acerca da consciência de que a escola está inserida na sociedade e que, para uma efetiva transformação socioeducacional, cabe refletir sobre a ação desse pedagogo no organismo escolar, observando sua ação diante do espaço físico e das pessoas envolvidas no processo.

3.1 TÉCNICA DE PESQUISA

O trabalho foi desenvolvido tendo por base a pesquisa bibliográfica como parâmetro inicial, procurou investigar os estudos a respeito da temática abordada que já foram construídos e publicados. Inicialmente, foi feita uma consulta ao referencial bibliográfico, o que serviu para facilitar e abrir novos horizontes sobre o assunto em pauta.

Alinhada à perspectiva bibliográfica, a pesquisa de campo apresenta-se como um imperativo estimulante em meio ao tema proposto. Isso ocorreu porque se optou por realizar um estudo delineando tanto o território de referência quanto os sujeitos que poderiam contribuir com esse tipo de abordagem. Assim, por meio de uma postura pragmática, torna-se possível investigar e ampliar os conhecimentos de forma sistematizada, utilizando postulados teóricos e das ações previstas nas etapas da pesquisa.

Nesse sentido, a decisão pela pesquisa de campo ocorre pelo fato de o trabalho fundamentar-se no estudo de uma região pré-determinada -Teixeira de Freitas no Extremo Sul da Bahia, considerando-se a comunidade e as instituições educacionais, e os sujeitos participantes desta pesquisa, foram os Coordenadores da Educação Básica.

3.2 INSTRUMENTO E ETAPAS DA PESQUISA

Com relação aos instrumentos e às etapas da pesquisa, com o objetivo de buscar respostas acerca da referida temática, procurou-se refletir sobre quais instrumentos seriam mais viáveis para a coleta de dados. A opção foi por um roteiro de entrevistas (Apêndice), uma vez que esta permite reunir informações de maneira dinâmica, garantindo certa liberdade aos sujeitos da pesquisa.

Considerando-se tais pressupostos, o instrumento da pesquisa foi organizado em 16 (dezesesseis) questões relacionadas à atuação dos coordenadores; dificuldades em conduzir, contextualizar com a prática; conhecimento sobre educação e percepção de seu papel social e sua atuação profissional.

Foram elaboradas questões de identificação do sujeito, função profissional, visão, atuação, organização, função social, questões administrativas, atuação profissional, atuais contextos educacionais e formação identitária. Sendo assim, foi facultado aos sujeitos o uso de uma linguagem própria, permitindo a manifestação de suas opiniões e garantindo ao pesquisador investigações de caráter mais profundo e preciso.

O questionário visa buscar informações referente a dados pessoais e profissionais do entrevistado, essenciais para que seja possível traçar um perfil dos sujeitos da pesquisa. Feito isso, pode-se observar, assim, sua concepção sobre educação, sua atuação no contexto educacional, bem como sua visão a respeito do seu papel social, identificando, dessa forma, o olhar desses sujeitos sobre a própria atuação e formação.

3.3 ABORDAGEM DA PESQUISA

Com relação à abordagem, optou-se por combinar as vertentes descritiva e qualitativa. A abordagem qualitativa do estudo foi adotada em função da aderência e coerência que possui em relação aos objetivos desta pesquisa. Foram entrevistados oito dos 36 coordenadores de diferentes escolas, de modo que as múltiplas impressões apresentadas em torno da temática foram analisadas e discutidas no capítulo reservado a essa função.

Sendo assim, a análise qualitativa proposta e fundamentada no referencial teórico deste estudo permitiu uma compreensão mais ampla do entendimento dos coordenadores quanto à temática apresentada. Na sequência, possibilitou identificar uma realidade, indo além de uma simples classificação de dados. Por isso, as observações realizadas, as informações e os dados obtidos no desenvolvimento deste estudo foram apresentados de forma descritiva, fomentando e estruturando novos conhecimentos, de relevância prática e acadêmica.

3.4 TEIXEIRA DE FREITAS

Localizada no Extremo Sul da Bahia e município integrante da Costa das Baleias, Teixeira de Freitas é ponto importante na região por fazer divisa com cidades de Minas Gerais, estar próxima ao Espírito Santo e ser o centro comercial mais importante junto a três das principais praias da Costa da Baleia: Alcobaça, Caravelas e Prado.

No entanto, Teixeira é uma cidade de recente emancipação. Formou-se vila em meados da década de 50, passando por um processo de crescimento, até tornar-se município em 1985. Destarte, são raros os registros em livros sobre a história da cidade. As informações são obtidas de relatos de antigos moradores, famílias que chegaram aqui no início da povoação e de informações colhidas na Internet.

Como a cidade abarca nosso estudo, já que o foco desta dissertação está relacionado a profissionais da educação integrados à rede municipal, faz-se importante descrever o cenário que recebe tal trabalho. Para tal descrição, foram consultados o portal da Prefeitura de Teixeira de Freitas, sites de jornais da cidade, o site do IBGE, o portal do MEC, blogs que contam o histórico da cidade e o site da UNEB, primeira universidade a oferecer o curso de Pedagogia na cidade.



[17° 32' 06" S 39° 44' 31" O](#)

Mapa 1: Localização de Teixeira de Freitas na Costa da Baleia

Fonte: http://olharteixeira.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html

Acesso em: 25 fev. 2016

Teixeira de Freitas localiza-se no Extremo Sul da Bahia, região que antes era ocupada pela Mata Atlântica e habitada por nativos de etnias diversas. Tais povos deixaram remanescentes na formação populacional do município.

O povoado de Teixeira de Freitas originou-se como consequência do grande volume de madeira de lei existente na região, o que proporcionou a formação de casas e criou, assim, o povoado, que mais tarde foi denominado São José de Itanhém, por ficar próximo à margem esquerda do rio Itanhém.

Há relatos de que já na década de 50 do século XX chegaram Hermenegildo Félix de Almeida, Atila Nunes, Tarcisio Antunes e José Júlio de Oliveira, iniciando o desmatamento. Posteriormente, a firma Eleosíbio Cunha construiu um acampamento, dando início à extração de madeira.



Foto 1 Teixeira de Freitas, década de 50 do século XX

Fonte: http://olharteixeira.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html Acesso em: 05 set. 2016

Em 1957, o então chefe das agências de estatísticas de Alcobaça, Miguel Geraldo Farias Pires, em cumprimento às determinações emanadas da Inspetoria do IBGE na Bahia, solicitou oficialmente à Prefeitura e Câmara de Alcobaça a homenagem póstuma ao baiano Mario Augusto Teixeira de Freitas, dando o nome dele ao Povoado de São José de Itanhém, o que foi bem aceito pelo Executivo e Legislativo de Alcobaça.

A partir de 1960, com o grande comércio de madeira de lei, o povoado desenvolveu-se bastante, o que favoreceu a migração de comerciantes, agricultores e pecuaristas de outras regiões. Até a década de 70 do século XX, o vilarejo de Teixeira de Freitas, ainda perdido na Mata Atlântica, era apenas uma referência para os seus próprios e poucos moradores. Com a construção da BR 101, a mata foi sendo derrubada e substituída por pastagens. Assim, inicialmente, em um processo mais lento, chegaram os criadores do interior baiano ao vilarejo.

Após a construção da rodovia, vieram principalmente os criadores mineiros e os madeireiros capixabas que, em uma conjugação de interesses, intensificaram a tomada da mata. O núcleo teixeirense começava, então, a se desenvolver. A chegada das serrarias foi decisiva para o grande aumento do movimento na já dinâmica região e reforçou a tendência de expansão de todo o comércio.

Um dos fatores fundamentais para o crescimento diz respeito a sua localização geográfica, pois a cidade faz limites com os Estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Os capixabas e os mineiros agregaram ao comércio local uma eficácia que faz a cidade ser, atualmente, uma das mais desenvolvidas do Estado da Bahia.

Nessa época chegaram também os japoneses, que se dedicaram a plantação de abóbora, melancia e tomate, sendo estes produtos vendidos na feira livre da cidade. A partir de 1980, a colônia japonesa de Teixeira de Freitas passou a cultivar o mamão, momento em que a referida cidade se tornou a maior produtora de mamão Hawái e Papaya do Brasil. Muitos desses migrantes japoneses constituíram famílias em Teixeira de Freitas, se dedicaram ao comércio e, inclusive, à vida política. Hoje, a cidade se mantém como uma das maiores produtoras da Bahia.

Principais municípios fornecedores de mamão do grupo “Solo” ao ETSP da CEAGESP

Município	UF	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010	P.Acumulada(%)
Prado	BA	16.907	21.499	17.189	18.801	21,87	21,87
Nova Viçosa	BA	8.065	12.230	13.798	8.017	9,33	31,20
Alcobaça	BA	4.185	4.718	4.875	7.906	9,20	40,39
São Mateus	ES	1.823	5.177	3.252	7.694	8,95	49,34
Itabela	BA	6.816	7.446	9.517	7.582	8,82	58,16
Porto Seguro	BA	4.020	4.266	4.756	4.655	5,42	63,58
Teixeira de Freitas	BA	12.238	18.125	12.215	4.285	4,98	68,56
S.C. de Cabralia	BA	1.026	1.799	3.285	3.915	4,55	73,12
Sooretama	ES	1.656	2.805	2.298	3.266	3,80	76,91
Linhares	ES	5.804	6.118	4.297	3.050	3,55	80,46
Aracruz	ES	2.584	2.369	1.409	2.837	3,30	83,76

Tabela 1 – Municípios fornecedores de mamão

Fonte: Ceagesp – <http://www.ceagesp.gov.br/>. Acesso em: 27 set. 2016

A influência japonesa foi grande no município desde o campo econômico até o campo cultural. Ainda hoje, os descendentes japoneses buscam preservar sua cultura, mantendo escolas do idioma japonês e um clube que realiza constantes eventos.

No início de 1980, com a crise da pecuária e o desestímulo na produção de mamão, por causa das doenças, começaram os primeiros plantios de eucalipto feitos pela Flonibra e Florestas Rio Doce, subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce, que forneciam matéria-prima para a Cenibra Celulose Nipo-Brasileira SA.

Estas empresas, que já plantavam eucalipto no Norte do Espírito Santo, estenderam seus investimentos ao comprar terras nos municípios do Extremo Sul baiano. Inicialmente, os primeiros municípios alcançados foram Mucuri, Nova Viçosa, Alcobaça, Teixeira de Freitas, Caravelas e Ibirapuã.



Foto 2 - Centro da cidade no início da década de 80

Fonte: http://olharteixeira.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html. Acesso em: 5 set. 2016

Em 9 de maio de 1985, a emancipação do município foi estabelecida pela Lei nº 4.452. A instalação municipal ocorreu em 1º de janeiro de 1986. A área do município é de 1.157,4 km². A história da cidade, embora recente, guarda aspectos pitorescos e valiosos, que contribuem para analisar a situação socioeconômica atual do município.



Foto 3 - Centro da cidade de Teixeira de Freitas – 1987

Fonte: http://olharteixeira.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html. Acesso em: 20 set. 2016

O ano de 1990 trouxe a implantação de novas e, mais uma vez, a cidade recebeu migrantes de várias localidades do país, principalmente do Sul e Sudeste. Essa nova realidade provocou alterações geográficas no campo pela monocultura do eucalipto; na cidade, pelo êxodo rural, momento em que o município tem o seu mapa urbano alterado pela intensa migração campo-cidade, razão pela qual ocorreu o crescimento desordenado de inúmeros bairros periféricos, mudando a geografia local.

O município de Teixeira de Freitas, durante os anos de constituição histórica, apresenta, entre 1950 e 2006, números que representam franco crescimento:

ANO	NÚMERO DE HABITANTES
1950	30 habitantes (aproximadamente)
1960	2.000 habitantes
1970	8.000 habitantes
1980	40.000 habitantes
1991	85.547 habitantes
2000	107.486 habitantes
2006	118.702 habitantes

Tabela 2: Número de habitantes de Teixeira de Freitas de 1950 a 2006

Fonte: Jornal Alerta maio de 2006, edição especial do aniversário de Teixeira de Freitas.

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, Teixeira de Freitas registrou uma população de 136.026 pessoas, com uma estimativa de 159.813 para 2016.

Na última década, Teixeira de Freitas tornou-se uma cidade polo comercial e atende a vários outros municípios que a circundam, sendo a terceira cidade que mais cresce na Bahia, sendo também sede de várias universidades particulares e uma estadual.

Sua localização geográfica implica em vantagem para o comércio e a evolução dos investimentos em educação, o que contribui para o crescimento da cidade, tornando-a a 12ª cidade do país com mais crescimento comercial.

O croqui de Teixeira de Freitas apresenta em sua composição 52 bairros, distribuídos em 1.154 km² de área geográfica, com uma extensão de 842,4 km² de área construída.

O movimento migratório está presente no cotidiano urbano e se expressa pelas constantes “idas e vindas” de pessoas das diversas regiões e de outros países em busca de novas oportunidades, o que contribui para o desenvolvimento vertiginoso das atividades relacionadas à agricultura, pecuária, comércio, serviços, entre outras.

Essa mobilidade altera o espaço geográfico em suas constituições física e simbólica, e se reflete na reconstrução contínua dos valores presentes na comunidade pesquisada, a partir das diversas contribuições de outras culturas.

Dessa relação, observa-se que o comércio é a principal fonte de renda de 25% das cidades médias brasileiras, que se tornaram polos regionais com grandes redes varejistas e atacadistas, como Teixeira de Freitas.

Observa-se que o setor de serviços apresenta 80% do PIB, enquanto o setor de indústria 15%, e a agropecuária só 5%. Diz-se que os fornecedores de serviços formam o setor terciário de uma economia. Todas essas formas de uso e posse do território foram as responsáveis históricas pela configuração social aqui mostrada.

3.5 AVALIAÇÃO IBGE E MEC – TEIXEIRA DE FREITAS

A seguir serão relacionados os dados referentes ao município de Teixeira de Freitas descritos pelo MEC e pelo IBGE. Interessante observar esses dados por serem estatísticos e oficiais.

O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - é um órgão do Governo Federal responsável por obter os diversos dados estatísticos do povo brasileiro. O trabalho realizado pelo Instituto permite obter uma quantidade aproximada de quantos milhões de habitantes há no Brasil, sendo possível separar os dados por idade, sexo, religião, estados e cidades. O IBGE também realiza levantamentos de ordem econômica e pesquisas relacionadas à pessoa jurídica.

3.5.1 População

Teixeira de Freitas é um dos municípios que mais cresce na Bahia, com características de cidade migratória, tem uma população flutuante que acompanha o ir e vir das grandes empresas e oportunidades comerciais.

Município	População residente, sexo e situação do domicílio					População residente de 10 anos ou mais de idade		
	Total	Homens	Mulheres	Urbana	Rural	Total	Alfabetizada	Taxa
Teixeira de Freitas	107.486	53.189	54.297	98.688	8.798	84.753	68.461	80.8

Tabela 3 - População residente, por sexo e situação do domicílio, população residente de 10 anos ou mais de idade, total, alfabetizada e taxa de alfabetização, Teixeira de Freitas.

Fonte: IBGE - Acesso em 20 set. 2016

População residente por sexo e situação do domicílio:

Código	Município	Total	Homens	Mulheres
31301	Tapiramutá	13779	6971	6808
31350	Teixeira de Freitas	96512	48022	48490
31400	Teodoro Sampaio	9207	4515	4692

Tabela 4 – População de municípios baianos

Fonte IBGE -Acesso em 27 set. 2016

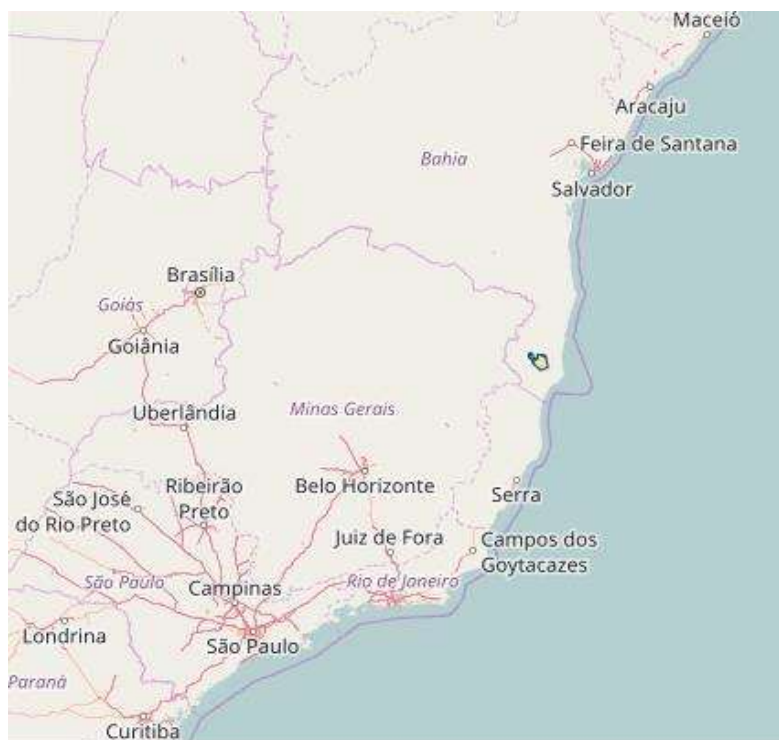
3.5.2 Dados Básicos

POPULAÇÃO	ÁREA	BIOMA
138.341 HAB.	1.164 km ²	Mata Atlântica

Tabela 5 – Dados Básicos

Fonte: IBGE - Acesso em 20 set. 2016

Conforme já citado no item 2.1, a cidade que cresce vertiginosamente tem suas origens na Mata Atlântica. Teixeira cresce tanto em número de habitantes quanto em espaço ocupado, principalmente, com os novos programas de financiamento do governo. Conforme retratado no mapa 3 a seguir, a cidade tem localização privilegiada por estar próxima da BR 101 e ser via de acesso a diversas praias da Costa da Baleia.



Mapa 3 - Referência à localização geográfica de Teixeira de Freitas

Fonte: IBGE- <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=293135>.

Acesso em: 20 set. 2016

3.5.3 Economia

Na economia, Teixeira acompanha a Bahia e o Brasil, com índice maior de investimento no setor de serviços e o menor em agropecuário, ramo este que poderia ser muito mais explorado, já que o ambiente é propício para tal, no entanto, plantações e pastagens

foram em sua maioria substituídos pela monocultura do eucalipto, o que modificou a realidade ambiental da região. Conforme apontado nos gráficos a seguir:

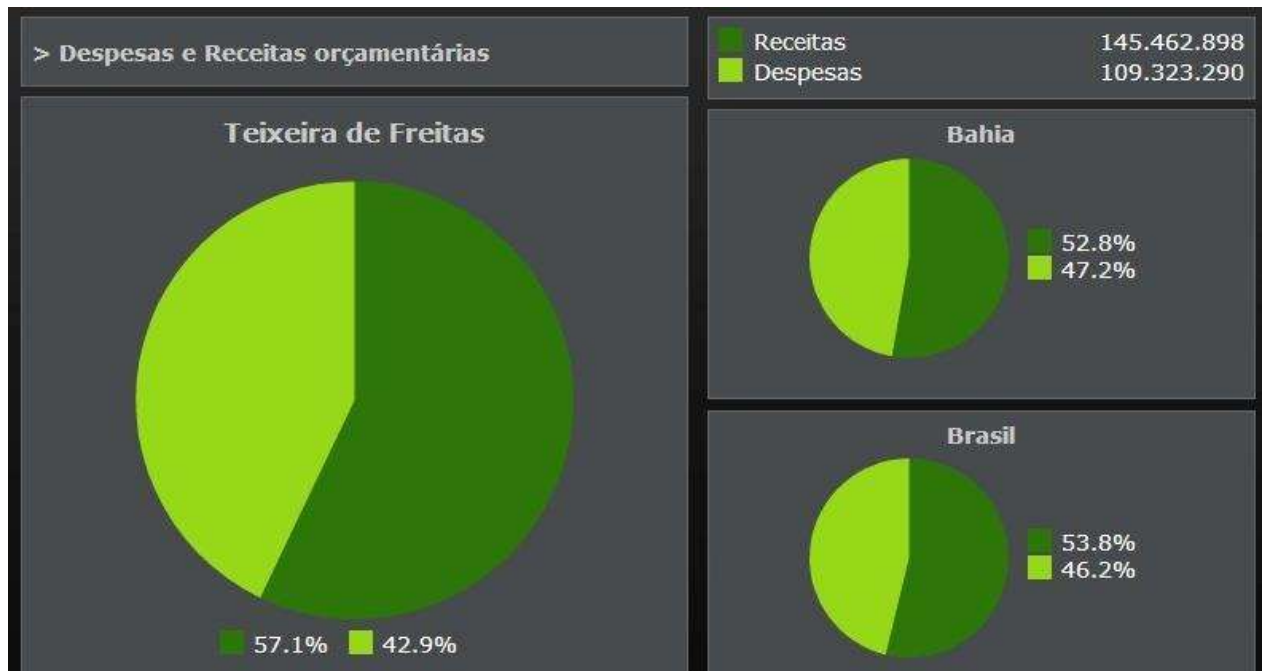


Gráfico 3 – Economia em Teixeira
Fonte IBGE - Acesso 20 set. 2016

3.6 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM TEIXEIRA DE FREITAS

Teixeira de Freitas é um dos municípios que compõe uma área identificada como região do Extremo Sul da Bahia, é formada por mais 20 Municípios - Alcobaça, Belmonte, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Itapebi, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz de Cabrália e Vereda - os quais possuem expressiva diversidade econômica e ambiental. Esta região é administrada educacionalmente pela DIREC 9 – Diretoria Regional de Educação.

Em 2009, o Município celebrou o Termo de Cooperação Técnica com o Ministério da Educação, objetivando a conjugação de esforços, entre as partes, para a promoção de ações e atividades que pudessem contribuir para o processo de desenvolvimento educacional do município e para a melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB.

É importante mencionar neste momento, os principais programas desenvolvidos pelo município em parceria com a esfera federal, a exemplo do Proinfância; Proinfo; Salas de Recursos Multifuncionais; Programa Escola Ativa; Pró-Letramento; Formação pela Escola e Parfor. No âmbito estadual, o apoio está voltado para a orientação técnica relativa à execução e ao monitoramento de alguns programas, como: Progestão, Proam, PDE-Escola, Formação pela Escola, Pró-Letramento e Universidade Aberta do Brasil (UAB).

É importante ressaltar que 45 (quarenta e cinco) professores do município, no período entre 2007 a 2010, participaram do Programa de Graduação para docentes em exercício nas primeiras séries do Ensino Fundamental – Licenciatura em Pedagogia – Programa Rede UNEB 2000.

Conforme dados apresentados pelo MEC em julho de 2010, Teixeira de Freitas apresentou números referentes ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB - 2009) compatíveis com as metas nacionais. A educação pública do município alcançou o desempenho de 3,9 nos 5^{os} anos, índice que indica uma superação da meta estabelecida, a qual foi de 3,8. Também apresentou o desempenho de 3,3 nos 9^{os} anos, revelando um índice compatível com a meta nacional.

3.7 REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO

A rede pública de Ensino de Teixeira de Freitas também apresentou resultados positivos na avaliação do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais – INEP, alcançando os seguintes resultados na avaliação da Prova Brasil:

A SEMEC possui seu Sistema Municipal de Ensino instituído pela Lei nº 252, de 08/12/1999, e o Conselho Municipal de Educação e Cultura/ COMEC foi criado pela Lei nº 450, de 15/04/2008. A Secretaria Municipal de Educação e Cultura é responsável por:

Educação Infantil— Tem como finalidade o desenvolvimento da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, ou seja, o desenvolvimento integral da criança até 5 anos de idade, complementando, assim, a ação da família e da comunidade. A educação infantil é oferecida em creches para crianças de até 3 (três) anos de idade e em pré-escolas para crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade.

Ensino Fundamental- Com duração de nove anos, obrigatório e gratuito a partir dos seis (6) anos, tem por objetivo a formação básica do cidadão, tendo como meios para o seu desenvolvimento o domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

Educação de Jovens e Adultos- Destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental na idade própria. Os conhecimentos adquiridos informalmente pelos educandos, por meios das experiências de vida são reconhecidos, valorizados e complementados por parte da escola.

Para atender a essas modalidades, conta com 66 estabelecimentos de ensino, sendo 50 na sede, seis nos distritos e 10 no campo. Em 2010, atendeu em média 23.098 alunos. Tem como objetivos:

- Garantir o acesso e a permanência no ensino fundamental de 9 (nove) anos.
- Assegurar a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino.
- Ampliar gradativamente o atendimento na educação infantil.

- Reduzir os níveis de evasão e repetência escolar.
- Melhorar os níveis do rendimento escolar.
- Estabelecer diretrizes norteadoras para as ações educativas.
- Promover formação continuada dos profissionais da educação.
- Avaliar a qualidade do ensino.
- Implantar propostas para a melhoria do ensino.

3.7.1 Núcleo de Apoio Pedagógico

Com o objetivo de traçar um trabalho coerente, a SEMEC possui em sua estrutura o Núcleo de Apoio Pedagógico/ NAP, com suas respectivas coordenações. Elas são responsáveis pelos projetos e apoio aos gestores e coordenadores da rede municipal. São eles:

- Nap Educação infantil**
- Nap Ensino fundamental - anos iniciais**
- Nap Ensino fundamental - anos finais**
- Nap Educação de jovens e adultos**
- Nap Educação inclusiva**
- Nap de apoio à gestão**

Para melhor compreender os dados relacionados à educação Teixeiraense, a seguir serão relacionados gráficos com as estatísticas coletadas nos Portais do MEC e do IBGE.

3.7.2 Docentes

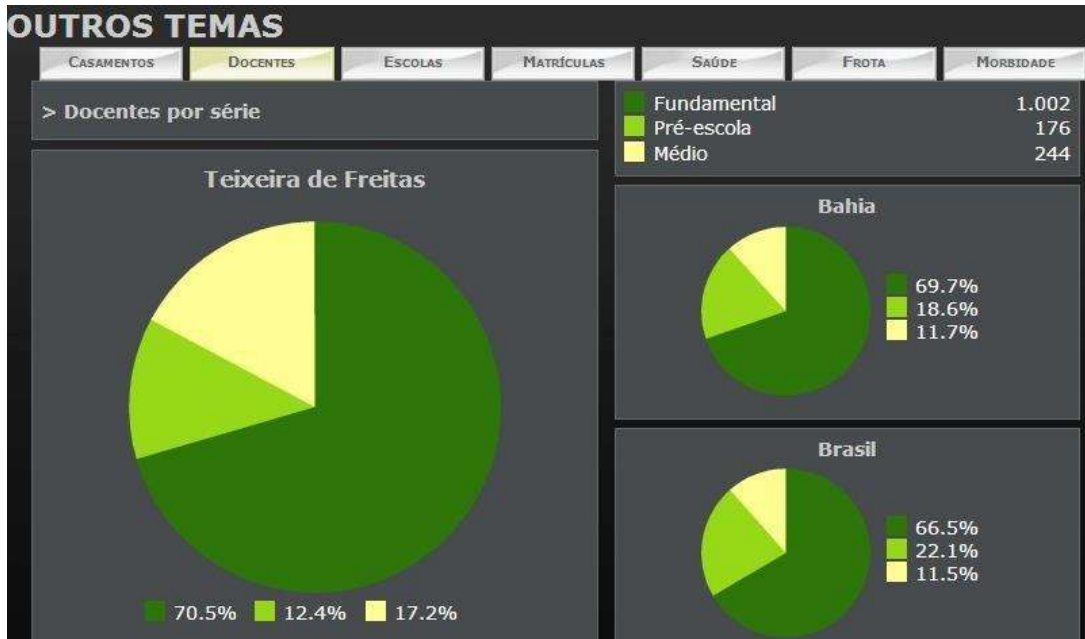


Gráfico 4 – Docentes

Fonte: IBGE

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=293135#topo>

Acesso em: 20 set. 2016

Observa-se que no ensino fundamental e médio existem mais professores em atuação, sendo que a maior concentração se encontra no ensino fundamental, que é o ramo de atuação dos coordenadores observados nesta dissertação.

Em Teixeira de Freitas, como na maioria das cidades brasileiras, a dificuldade principal encontra-se na área de exatas. Também há ainda muitos professores que não cursaram o ensino superior e, agora, por exigência da lei, tem feito o curso de Pedagogia a distância, tanto em faculdades da cidade que oferecem o curso a distância quanto em um curso oferecido pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia), que objetiva oferecer a esse professor a oportunidade de acesso ao ensino superior.

3.7.3 Número de escolas por séries

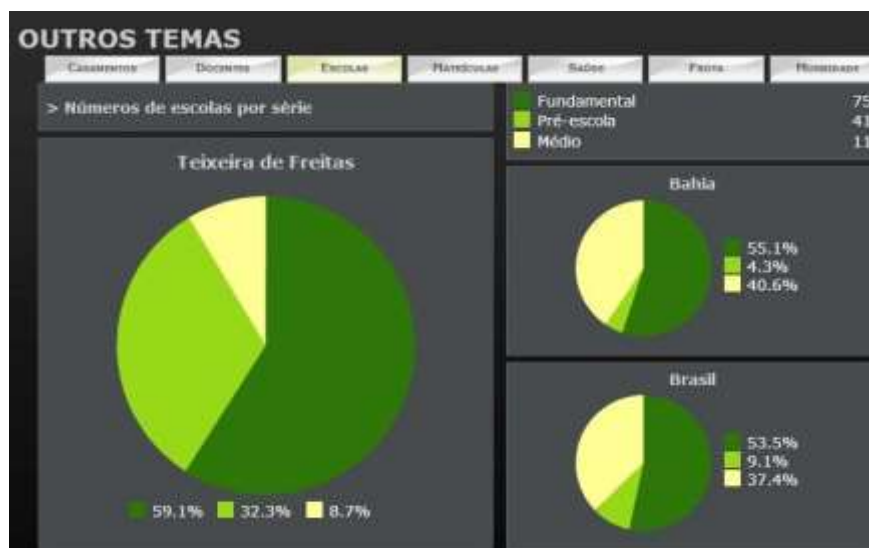


Gráfico 5 – Número de escolas por séries

Fonte: IBGE

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=293135#topo> Acesso em: 20 set. 2016

No município de Teixeira de Freitas, bem como em todo o Brasil, existe muito mais escolas de ensino fundamental do que nos outros níveis, visto que o número de escolas de ensino médio é muito menor.

A educação de Teixeira tem avançado em qualidade. Na rede municipal, de acordo com o Secretário de Educação, Daniel Santos, mais de 60% das escolas alcançaram o índice do último IDEB, entre elas, a Escola Municipal Recreio, que atende do 1º ao 5º ano, séries iniciais do ensino fundamental, que superou a projeção do MEC, que era de 5,1, ao obter o índice de 6,0.

Sobre esse índice, o coordenador Daniel Santos fala: “Nós vemos esse índice como algo bastante positivo, pois percebe-se que o empenho das equipes das escolas, professores, alunos, pais de alunos e a da própria secretaria não foi em vão”.

3.7.4 IDEB – Resultados e metas nas escolas municipais

No município, em 2010, 13,5% das crianças de 7 a 14 anos não estavam cursando o ensino fundamental. A taxa de conclusão, entre jovens de 15 a 17 anos, era de 50,2%.

Caso se deseja que, em futuro próximo, não haja mais analfabetos, é preciso garantir que todos os jovens cursem o ensino fundamental. O percentual de alfabetização de jovens e adolescentes entre 15 e 24 anos, em 2010, era de 97,8%.

A distorção idade-série eleva-se na medida em que se avança nos níveis de ensino. Entre alunos do ensino fundamental, 31,4% estão com idade superior à recomendada, chegando a 31,6% de defasagem entre os que alcançam o ensino médio.

A razão entre meninas e meninos no ensino fundamental, em 2006, indicava que, para cada 100 meninas, havia 119 meninos. A razão entre mulheres e homens alfabetizados na faixa etária de 15 a 24 anos era de 101,4% em 2010. O índice de mulheres no ensino superior passa para 70,2%.

Distribuição dos alunos da rede municipal - Teixeira de Freitas

Município	Educação Infantil		Ensino Fundamental		EJA
	Creche	Pré-escola	Anos Iniciais (1º ao 5º)	Anos Finais (6º ao 9º)	Fundamental
Teixeira de Freitas	318	1.836	11.161	6.609	2.096

Quadro 2 - Alunos da Rede Municipal

Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais-2010. Acesso em: 27 set. 2016



Quadro 3 – IDBA Teixeira de Freitas

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=14078>

Acesso em: 27 set. 2016

Resultado da Prova Brasil - Rede Municipal					
Fase/Nível	Ano	Mat.	L.P	Padronização Matemática	Padronização Língua Portuguesa
4ª SÉRIE / 5º ANO	2005	173,59	168,06	0,43	0,43
	2007	182,67	167,41	0,47	0,43
8ª SÉRIE / 9º ANO	2005	229,04	218,44	0,43	0,39
	2007	231,15	223,24	0,44	0,41

Quadro 4 - Resultado da Prova Brasil - Rede Municipal

Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais – 2010. Acesso em: 27 set. 2016



Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=14078>

Acesso em: 27 set. 2016

A defasagem entre a idade e a série que o aluno está cursando é denominada distorção, e é considerada um dos maiores problemas do ensino fundamental em

Teixeira de Freitas e no Brasil. Essa distorção é agravada pela repetência e o abandono da escola. Muitos especialistas consideram que a distorção idade-série pode ocasionar alto custo psicológico na vida escolar, social e profissional dos alunos defasados.

3.7.5 IDEB – Escolas da Bahia

IDEB 2011 * ESCOLAS DA BAHIA * CLASSIFICAÇÃO GERAL quanto às séries FINAIS do Ensino Fundamental

CLASSIFICAÇÃO		UF	MUNICÍPIO	ESCOLA	DEPEN- DÊNCIA	IDEB			
BA	BR					2005	2007	2009	2011
1	8	BA	SALVADOR	COLEGIO MILITAR DE SALVADOR	FED	7,0	7,2	7,1	7,2
2	353	BA	JANELIA RODRIGUES	EE - EDUCANDARIO IMACULADO CORACAO DE MARIA	EST	-	4,3	5,3	5,7
3	891	BA	MAIRI	GRUPO ESC. R GETULIO VARGAS	MUN.	-	-	-	5,5
4	909	BA	FEIRA DE SANTANA	EE - COLEGIO DA POL. MILITAR OPM DIVA PORTELA	EST	-	4,0	4,4	5,4
4	909	BA	MATA DE SAO JOAO	ESC. MUN. ANTONIO PARA TOLENTINO	MUN.	-	-	3,9	5,4
6	1212	BA	LAURO DE FREITAS	ESC. MUN. ANA LUCIA MAGALHAES	MUN.	3,4	3,4	5,4	5,3
6	1212	BA	LICINIO DE ALMEIDA	ESC. MUN. PINGO DE GENTE	MUN.	-	5,0	5,2	5,3
6	1212	BA	SALVADOR	EE - COLEGIO DA POL. MILITAR - UNIO. I OPM DENEZEII	EST	4,4	3,8	4,8	5,3
9	2051	BA	CACULE	COLEGIO MUN. PROF. VESPASIANO FILHO	MUN.	4,7	3,3	4,1	5,1
9	2051	BA	SANTA MARIA DA VITORIA	EE - CENTRO EDUC. SANTAMARIENSE	EST	4,2	3,8	4,8	5,1
9	2051	BA	TEIXEIRA DE FREITAS	EE - COLEGIO DA POL. MILITAR - OPM ANISIO TEIXEIRA	EST	2,1	4,8	4,7	5,1

Quadro 5 - IDEB - Escolas da Bahia

Fonte http://timblindim.files.wordpress.com/2010/07/ideb_2009_escolas_1a4_ba.pdf

Acesso em: 20 set. 2016

3.8 UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO EDUCACIONAL DE TEIXEIRA DE FREITAS

A rede municipal de ensino é formada por 64 escolas, distribuídas entre a sede e interior, contabilizando aproximadamente 23.000 mil alunos matriculados no ensino fundamental.

Vale salientar que o município se transformou em polo educacional, recebendo a cada ano um contingente maior de jovens e adultos em busca de aperfeiçoamento profissional.

O município possui cerca de 10 mil alunos matriculados na rede pública estadual de educação e, aproximadamente, 300 professores trabalhando no ensino fundamental

e médio. A Direc 9 abrange 34 escolas estaduais, cobrindo 11 municípios, sendo que na sede tem 9 escolas em atividade.

Entre as escolas de Ensino Médio em Teixeira de Freitas, encontra-se o Colégio Luís Eduardo Magalhães (COLEM), que se transformou em Centro Territorial, devido a um novo programa do governo do Estado. Atualmente, oferece cursos profissionalizantes integrados ao ensino médio, entre eles Açúcar e Álcool, Controle Ambiental, Técnico em Manutenção de Computadores e Suporte em Informática.

Nos três níveis do ensino fundamental e médio encontram-se ainda as escolas da rede particular, com destaque para o Colégio São Francisco de Assis (IFA), o Colégio Anchieta- Objetivo, o Colégio Integração, que possui desde a educação infantil até o ensino médio, a Escola Arco-Íris, a Escola Cooperativa, entre outras.

A oferta de cursos no ensino superior nos últimos dez anos tem crescido com o surgimento de novas IES e novos cursos.

UNEB — A Universidade do Estado da Bahia, em 1990, implantou em Teixeira de Freitas o Centro de Educação Superior, inicialmente com o curso de Letras, que se tornaria Departamento de Educação-Campus X, com mais quatro cursos: Pedagogia, Biologia, Matemática e História. Possui um montante de 1.090 estudantes matriculados nesses cinco cursos e mais 40 no PROESP (Programa Especial de Formação de Professores).

Destaca-se ainda o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), com os cursos Pedagogia da Terra e Letras da Terra em assentamentos do MST. A Rede UNEB2000 tem, em parceria com os municípios de Medeiros Neto, Alcobaça e Teixeira de Freitas, priorizado a formação do professor. Há ainda o curso de Administração na modalidade EAD, existente no Campus, além de inúmeros projetos desenvolvidos junto à comunidade, como o Ceviti - parceria com idosos; A Academia vai à Aldeia - desenvolvido entre estudantes e docentes da UNEB e o povo Pataxó; Alargando o Funil- Pré-vestibular comunitário, entre outros.

FASB – A Faculdade do Sul da Bahia foi criada em 2001, oferecendo os cursos de Administração com Habilitação em Marketing, Administração geral, Pedagogia, Turismo e Ciências Contábeis. Posteriormente, em 2004, implantou os cursos de Direito, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Atualmente, possui também os cursos de Tecnologia em Petróleo e Gás, Engenharia de Produção, Enfermagem, e o mais recente, Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Porém, ainda estão aguardando o curso de Biomedicina, que, em breve, irá valorizar ainda mais a formação superior da cidade de Teixeira de Freitas. Possui um total de 1.600 estudantes distribuídos entre cursos de graduação e pós-graduação.

Na pós-graduação, a instituição oferta cursos de Docência Superior, MBA em Gestão de Negócios e Pessoas, MBA Psicopedagogia Clínica e Empresarial, MBA em Administração Pública Municipal, entre outros. Oferece também educação a distância em parceria com a Universidade de Uberaba, que oferta os cursos de Licenciatura em Letras, Pedagogia, História e Matemática, abrangendo três cidades: Medeiros Neto, Teixeira de Freitas e Itamarajú.

STBNE — O Seminário Teológico Batista do Nordeste é um Seminário da Convenção Batista Baiana. Sua sede é em Feira de Santana, e conta com cursos (campus avançados) em Salvador, Juazeiro e Teixeira de Freitas. Oferece cursos de Teologia e Música Sacra.

FACULDADE PITÁGORAS - Desde novembro de 2008 funciona na cidade a Faculdade Pitágoras, a partir da já existente FACTEF. A instituição possui 1.750 estudantes matriculados nos seguintes cursos que oferece: Pedagogia, Geografia, Engenharia Florestal, Direito, Educação Física (Bacharelado e Licenciatura), Enfermagem, Farmácia e Ciência da Computação. No momento atua em Teixeira apenas com cursos de graduação. Cursos de pós-graduação e novos cursos de bacharelado serão implantados futuramente, o que já era praticado pela FACTEF.

UNOPAR - A Universidade Norte do Paraná apresenta seus cursos conectados em tempo real, com mais de mil e duzentos estudantes matriculados. Oferece cursos de Administração, Ciências Contábeis, História, Letras - Habilitação: Licenciatura em

Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, Pedagogia - Licenciatura, Serviço Social, Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Superior de Tecnologia em Processo Gerenciais, Superior de Tecnologia em Marketing, Superior em Tecnologia em Gestão Ambiental, Superior de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Superior de Tecnologia em Gestão Comercial e Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo. Oferece uma alta qualidade de ensino e dispõe de equipamentos necessários para oferecer cursos a distância.

EADCON — Foi implantada em Teixeira de Freitas em 2005. É a primeira Instituição de ensino superior a distância do Brasil, oferecendo aulas em tempo real via satélite. Possui cursos em mais de 1.500 cidades em todo o país, com pelo menos um campus em todos os estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. No município, oferece os cursos de Administração, Serviço Social, Análise de Sistemas, Pedagogia, Letras, Matemática, e Complementação de Estudos, possuindo ainda pós-graduação nas áreas de Educação, Administração e Gestão Desportiva.

UFSB — A Universidade Federal do Sul da Bahia foi a segunda universidade pública a ser instalada no município de Teixeira de Freitas. Sua criação foi proposta em 2011 e aprovada em 2013 por meio da lei federal nº 12.818. Esta universidade veio com uma nova proposta de ensino, sendo pioneira por adotar o regime de ciclos de formação. No primeiro ciclo, o aluno opta entre disciplinas conhecidas como Bacharelados Interdisciplinares (BIs) ou Licenciaturas Interdisciplinares (LIs), passando assim por uma formação geral. No segundo ciclo começa o programa de formação profissional e acadêmica, é nesta etapa que o estudante decide qual curso de graduação deseja seguir. Já o terceiro ciclo inclui programas de pós-graduação, podendo ser Residências Profissionais, Mestrados ou Doutorados. A UFSB foi estruturada em três campi: Teixeira de Freitas, Porto Seguro e Itabuna.

4 ATUAÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE TEIXEIRA DE FREITAS

A compreensão que o sujeito tem de si se constitui através do olhar e da palavra do outro. Cada um de nós ocupa um lugar determinado no espaço e deste lugar único revelamos o nosso modo de ver o outro e o mundo físico que nos envolve.

Jobim e Souza

A discussão proposta aqui objetiva o pensar teórico que confronta teoria e prática, dentro da realidade teixeirense, visto que as diversas contradições e transformações presentes na sociedade atual e as novas exigências sociais refletem-se nas mesmas, e logo, na ação do pedagogo. Cabe, portanto, refletir como este reage no seu cotidiano, que exige uma prática envolvida com as novas necessidades profissionais, sociais, políticas, humanas e culturais.

Essas transformações esbarram-se nas limitações originadas pela formação inicial do pedagogo, visto que se deparam com entraves para desempenhar o novo papel exigido pela sociedade. Essas limitações remetem à questão a respeito de quais ações devem mobilizar os educadores frente aos desafios da sociedade globalizada, tendo como alicerce o princípio de sua formação acadêmica.

Esse processo de qualificação profissional aos poucos transforma o ambiente escolar e imprime suas marcas nas políticas de formação, uma vez que acaba por exigir uma formação continuada – reflexiva e crítica. Permite, assim, uma constante reflexão sobre suas ações e sobre as ações inerentes a prática educativa aplicada: uma avaliação que promova a criticidade dos alunos; a mobilização entre o saber, o saber fazer, as competências e as habilidades, as mobilizações das situações concretas que configurem as experiências teóricas às práticas, entre outras.

Nessa perspectiva, identificar como ocorreu a formação dos pedagogos e como atuam nos dias atuais é o objetivo deste trabalho, tomando como base uma bibliografia pertinente à pesquisa em questão e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. Pretende também discutir a prática desenvolvida por esses profissionais confrontando-a com a teoria acadêmica.

4.1 PROGRAMAS DA EDUCAÇÃO

Em Teixeira não existem orientadores pedagógicos que direcionem o coordenador pedagógico, no entanto, a Secretaria Municipal de Educação oferece uma série de projetos para orientação aos pedagogos.

Várias ações de formação continuada e acompanhamento das Unidades Escolares estão sendo intensificadas para garantir uma educação pública de qualidade para todos, dentre as quais listamos algumas.

Além das ações citadas, e obedecendo ao Estatuto dos Servidores do Magistério Público Municipal, as escolas municipais de ensino fundamental tiveram a oportunidade de escolher o Diretor e Vice-Diretor em 2010 por meio de processo de eleição direta envolvendo a participação da comunidade escolar: alunos, profissionais da escola e pais ou responsáveis de alunos.

O conjunto dessas ações, atrelado ao comprometimento de toda equipe de profissionais resultou no desenvolvimento da qualidade efetiva da educação municipal, garantindo ao município a conquista de melhoria do seu IDEB.

□ PROGESTÃO

Formação continuada de gestores a distância, com carga horária de 300 horas. Tem como público-alvo diretores, vice-diretores, coordenadores, professores e secretários escolares. O objetivo é assegurar um padrão comum de qualidade na formação de gestores das escolas públicas do município e formar lideranças escolares comprometidas com a construção de um projeto de gestão democrática da escola pública, focado no sucesso dos alunos.

□ FORMAÇÃO EM LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)

Destinado aos profissionais da Educação, tem como objetivo favorecer a comunicação entre surdos e ouvintes no contexto escolar e fora dele.

☐ **FORMAÇÃO EM ARTES E MATEMÁTICA**

Direcionada aos professores da Educação Infantil, tem como foco a ampliação do conhecimento sobre o universo da Arte e a ressignificação das propostas de Artes para o trabalho com as crianças em sala de aula. Com relação à Matemática, ressignificar seu ensino levando em consideração as situações do cotidiano, bem como propor metodologias diversificadas.

☐ **FORMAÇÃO DE COORDENADORES**

São realizados encontros quinzenalmente com os coordenadores pedagógicos da educação infantil, ensino fundamental e educação de jovens e adultos, abordando temas relacionados às questões teóricas e práticas do processo educativo, visando a melhoria da qualidade no atendimento dos educandos.

☐ **FORMAÇÃO CONTINUADA**

Oferecida para os professores nos cursos: GESTAR (linguagem), GESTAR (matemática), Educação Musical e Pró-Letramento, e nos encontros que acontecem nas unidades escolares sob a orientação dos coordenadores pedagógicos.

☐ **PROERD**

Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência, em parceria com o 13º Batalhão.

☐ **PROJETO MAIS**

Criado pela Secretaria de Educação e Cultura de Teixeira de Freitas, em parceria com a Faculdade Pitágoras, em 2010 proporcionou a quase 700 crianças e adolescentes das escolas municipais o acesso ao esporte e lazer, visando a elevação do bem-estar da população em situações de vulnerabilidade social e promovendo, assim, a construção da cidadania por meio das práticas esportivas.

☐ **CREI**

Criado em 2010, o Centro de Referência em Educação Inclusiva é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, em observação às diretrizes do Ministério da Educação, com o objetivo de oferecer atendimento especializado aos estudantes com

necessidades educacionais especiais do município de Teixeira de Freitas. Também mantém uma Equipe Multidisciplinar de atendimento psicopedagógico e social no Programa Educação Esperança (criado em 2000) - com o objetivo de auxiliar as unidades escolares no que se refere ao atendimento aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e/ou aqueles que necessitem de acompanhamento junto a seus familiares e professores. O Programa Educação Esperança funciona na Praça Caravelas, nº 58, Bairro Vila Vargas.

□ **BIBLIOTECA**

Criada em fevereiro de 2003 para atender os profissionais de educação e servir de suporte às bibliotecas das escolas da rede pública municipal de ensino, em 2010 foi ampliada e inaugurada como Biblioteca Pública Municipal Libertação, com o intuito de atender os alunos da rede municipal e a comunidade teixeirense de modo geral. Por meio de sua equipe, desenvolve atividades voltadas para a formação continuada dos auxiliares de biblioteca das escolas. Rua Antonio Chicon Sobrinho, nº 291 - Próximo ao Shopping Teixeira Mall. Tel: (73) 3011-2709.

□ **DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE CULTURA**

Tem como objetivo desenvolver e apoiar projetos voltados para a valorização das artes e culturas regionais e/ou nacionais. Atende alunos das escolas municipais, crianças atendidas pelo PETI e CAPS, e outras pessoas da comunidade interessadas em participar das oficinas e cursos oferecidos pelo Departamento. O Departamento de Cultura funciona de segunda à sexta-feira, na Rua Prudente de Moraes, nº 147, Bairro Centro.

□ **GESTÃO NOTA 10 E CIRCUITO CAMPEÃO**

Programas aplicados na Rede Municipal de Ensino em parceria com o Instituto Ayrton Senna e Suzano Papel Celulose, objetiva o gerenciamento das rotinas nas escolas e secretarias para melhoria da qualidade do ensino e o gerenciamento da aprendizagem nas quatro primeiras séries do ensino fundamental. Em 2011, desenvolveu também os Programas de Regularização do Fluxo Escolar Se Liga e Acelera. O Programa Se Liga destina-se a alunos não alfabetizados, na faixa dos 9 aos 14 anos, matriculados nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, e objetiva combater o analfabetismo de alunos com distorção idade/série. O Programa

Acelera Brasil destina-se a alunos alfabetizados, prioritariamente, na faixa entre 9 a 14 anos, com dois anos de distorção idade/série.

□ **ESCOLA DE GESTORES**

É uma Especialização em Gestão Escolar para diretores e vice-diretores da rede pública realizada em parceria com o governo federal e estadual por meio da Universidade Federal da Bahia e Núcleo de Tecnologia Educacional - NTE 09.

□ **UAB (Universidade Aberta do Brasil)**

O Município de Teixeira de Freitas foi contemplado com um Polo Estadual da UAB, que atenderá a região. A UAB é um programa do Governo Federal que objetiva democratizar o acesso à educação superior pública, tendo como foco a formação de professores da Educação Básica, atendendo também a demanda social. A UAB funcionará no prédio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

□ **SISTEMA INFORMATIZADO DE MATRÍCULAS**

Já em fase de implantação na rede municipal, atenderá as escolas da sede prestando informações sobre o aluno e toda sua vida escolar. Esse sistema proporcionará uma visualização mais ampla da rede escolar do município, suas necessidades e dará mais celeridade à prestação de informações.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os povos livres são os únicos a ter uma história; os outros possuem apenas crônicas: são matéria para o erudito, e o gênero humano não os conhece.

Edgar Quinet

Apresenta-se na sequência a síntese da visão dos coordenadores que atuam nas escolas da sede - Rede Pública Municipal de Teixeira de Freitas, Bahia.

O presente subcapítulo tem por finalidade descrever os dados da pesquisa de campo realizada mediante seleção do número de coordenadores, que caracterizasse uma amostra representativa, de acordo com a disponibilidade de cada profissional. Foram, então, entrevistados dez coordenadores pedagógicos, que responderam os questionamentos relacionados à formação do coordenador pedagógico/contribuições do curso de Pedagogia.

No campo ideacional, o coordenador pedagógico deve estar apto para:

- Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa.
- Reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos em suas relações individuais e coletivas.
- Questionar o silêncio que o currículo impõe sobre os indivíduos atuantes no campo social educacional e compreendê-lo como um elemento em que se enfrentam diferentes e conflitantes nas concepções de saberes

Para confrontar ideia e realidade, pensou-se em realizar uma entrevista por meio de questionário impresso entregue aos coordenadores nas escolas. depois de breve conversa e apresentaram dados relativos ao trabalho que os mesmos desenvolvem atualmente. Cabe aqui salientar que nem todos os coordenadores se propuseram a colaborar, muitos dos que participaram não responderam todas as perguntas. Além disso, como ficou combinado com a Secretaria Municipal de Educação que o nome das escolas em que eles atuam seria omitido.

5.1 QUESTÕES RELACIONADAS À FORMAÇÃO

Recursos apreendidos em sua formação

- └ *De tudo que aprendi no ensino superior, o que mais me marcou foi o olhar humanizador sobre o educando. A valorização e as discussões das questões sociais me permitiram ser mais sensível às necessidades dos educandos, entender suas limitações e ter motivação para contribuir para a superação das mesmas. Os fundamentos teóricos também foram um bom alicerce para fundamentar as discussões e intervenções na prática pedagógica. - **Pedro Bala***
- *Acredito que quase todos, ou todos, pois como “suporte pedagógico”, temos que estar unidos de conhecimento. – **Volta Seca***
- *Conclui meu curso em 1999. Algumas disciplinas, como Sociologia da Educação, História da Educação e Filosofia da Educação, contribuíram para minha formação de uma maneira geral, mas não tive durante a graduação nenhuma disciplina que direcionasse as discussões para o campo da formação do coordenador pedagógico. - **Lampião***

Com essas declarações, compreende-se, então, que o referencial teórico transcenderá e garantirá um espaço pedagógico, político e social, que, mesmo dependente da legislação, das normas e dos programas oficializados pelo Estado, favoreça na luta e ações efetivas – através de atos concretos, que tomam como elemento substancial o contexto histórico-social, apontando os caminhos desta formação como indicativo para a reconstrução de um novo pensar e agir dos professores, frente aos novos desafios apontados na realidade.

Então, educamos e somos educados. Ao compartilharmos, no dia-a-dia do ensinar e do aprender, ideias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modo de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um agir crítico-reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tido em nome do direito à vida e à dignidade de todo ser humano, do reconhecimento das

subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social. Talvez possa ser esse um dos modos de fazer pedagogia. (LIBANÉO, 1999, p.15)

É a confiança nesse modo de fazer pedagogia que tem indicado o rumo e o caminho a ser percorrido na Pedagogia, fundamentando dos que cursam e dos que cursaram esta graduação na busca efetiva de integrar teoria e prática, possibilitando o desenvolvimento das competências fundamentais do Educador num contexto pedagógico, humano e político-social.

Principais programas que servem como suporte para a coordenação pedagógica

- *Toda a ementa foi base, mas é indiscutível a importância da “Prática Pedagógica”. - **João José***
- *Os programas de Psicologia e as Metodologias. A psicologia me permitiu entender melhor as necessidades das crianças e adolescentes e as metodologias me deram algumas pistas de como trabalhar de forma prática as diferentes áreas do conhecimento, que é o que os professores mais solicitam dos coordenadores no dia a dia. - **Pedro Bala***
- *O atuar é complexo, não posso dizer ou citar um específico, mas a comunhão de muitos, ou todos. - **Volta Seca***

Algumas situações e disciplinas foram elencadas como importantes elementos para atuação na coordenação pedagógica. Entre elas, as Metodologias e a Didática apresentaram-se como basilares para a atuação no sentido de reforçar o paradigma do educador reflexivo como um profissional competente, ético, com ação-reação reflexiva, autonomia e capacidade de desenvolvimento diante do atual contexto social e educacional.

Fato é que a mudança da escola e das práticas pedagógicas somente poderá ser realizada quando se operar uma transformação no imaginário dos educadores. Percebe-se que a escola não se transforma por projetos inovadores, normalmente impostos por via

burocrática. Ela somente mudará quando os educadores, em coletivo, perceberem que a escola pode e deve ser outra.

A questão da práxis é a consolidação de um projeto de autonomia que implica em trabalhar o imaginário no qual a instituição se apoia. A práxis pedagógica é o que movimenta a escola, que funciona como um instrumento de produção de autonomia, na direção de produzir sujeitos políticos e socialmente autônomos.

A perspectiva da práxis é a de uma ação que cria novos sentidos, fundamentada no pressuposto de que a busca de novos sentidos e a pretensão de autonomia é própria do ser humano, como um sujeito que se incomoda com seu inacabamento, como nos falava Paulo Freire. É essa práxis que permite ao sujeito acessar os caminhos de sua autonomia.

É preciso tempo e prudência para modificar as práticas pedagógicas historicamente enraizadas. Para isso, se faz necessário que o coletivo articulado de educadores organize novos pressupostos para dar contornos à emergência de uma nova práxis pedagógica.

Nesse contexto, a atuação do pedagogo no âmbito escolar significa contribuição para a formação pessoal do aluno, observando aspectos físico, sociológico, psicológico, intelectual e cultural. Nesse sentido, a disciplina de Psicologia, bem como as discussões realizadas em seminários colaboram para que essa práxis desenvolva-se a partir das inquietações no âmbito escolar.

Participação em programas/cursos ou formação continuada para coordenadores pedagógicos

- *Para coordenação pedagógica, especificamente, apenas de reuniões quinzenais na Secretaria Municipal de Educação. **João José***
- *Formação continuada da Secretaria Municipal da Educação; Cursos a distância (S.O.S Professor, IAT etc.); Pós-graduação em Gestão Educacional e pós-graduação em Ciências Sociais. - **Boa-Vida***

- *Gestão Escolar; Musicoterapia; Pedagogia para Todos; Cursos oferecidos pelo IAT, Circuito Campeão. - João Grande.*

Nota-se que, após a graduação, surgiram dois principais posicionamentos. De um lado, o desejo e a necessidade de continuar com os estudos por meio de cursos e da pós-graduação, e, por outro, a dificuldade em encontrar cursos em Teixeira de Freitas.

As mesmas têm procurado ampliar sua formação em cursos de especialização e cursos de curta duração para obter conhecimentos mais específicos do espaço escolar. Assim, o leque de conhecimentos buscado vai se ampliando, na medida em que seu perfil vai se fazendo mais polivalente, abarcando o social.

Além disso, a reflexão acerca da teoria e da prática também deve ser uma constante na vida do Pedagogo. Este deve vê-la como um processo de formação constante. Pois, conforme abordam alguns teóricos, como Schön (1992); Nóvoa (1992); Perrenoud (2001); Pimenta (2002), é por meio da reflexão que nos tornamos mais críticos sobre as ações que realizamos. O pedagogo precisa cumprir suas funções em um nível de ressignificação e inovação, assim, requer condições de trabalho e formação para o enfrentamento dos desafios que surgem no espaço escolar.

Nesse sentido, o autor enfatiza que:

O investimento na formação é um ponto de partida que apresenta possibilidades de melhoria da profissionalidade e de um significado diferente para a profissionalização e o profissionalismo docentes, bem como possibilidade para ressignificação da sua identidade profissional nesse contexto pródigo em mudanças de natureza modificada. (GUIMARÃES, 2004, p,27)

Isso não significa uma desvalorização dos conhecimentos obtidos na graduação. Pelo contrário, trata-se de uma continuação, observando-se que a formação continuada e a graduação se complementam e preparam esse pedagogo para os desafios cotidianos.

5.1.2 QUESTÕES RELACIONADAS À ATUAÇÃO

Relação ação x teoria

- *A graduação me possibilitou o amadurecimento e a “autonomia” intelectual para aprofundar os conhecimentos mesmo depois da conclusão do curso. É uma relação próxima, pois os conteúdos que discutimos na graduação permeiam toda a nossa prática pedagógica, desde a orientação das estruturas de planejamentos, elaboração das propostas pedagógicas, sugestões de atividades das diversas áreas do conhecimento, perfil dos educandos, parcerias com a comunidade escolar. Gostaria de deixar claro que perceber essa proximidade não aconteceu quando sai da graduação. Terminei a graduação em 1999 e assumi a coordenação em 2000, na época me senti perdida, não sabia como conciliar meus conhecimentos teóricos com tantos problemas na prática. Hoje consigo fazer essa relação, pois continuei estudando, amadurecendo e percebendo um pouco mais essas relações. Apesar disso, ainda penso que o curso de Pedagogia precisa investir mais nas questões de alfabetização, observação das aulas, registros das observações e devolutivas para o professor. Esses aspectos são essenciais na prática da coordenação pedagógica e não vi isso no curso que fiz. Talvez tenha sido contemplado em outros mais novos. **Pedro Bala***

- *No curso temos muita teoria e pouca prática. Então, quando chega o momento de atuar, aparecem muitos conflitos, mas aos poucos vamos adquirindo experiência e o trabalho vai se tornando mais fácil. - **Dora***

Ficou claro nas falas que a teoria apreendida na graduação foi e é muito importante. No entanto, ainda existem pontos que distanciam a teoria da prática. Os dilemas surgem na própria dinâmica da prática pedagógica, desafiando os educadores a tomarem decisões entre o que sabem e o que não sabem, entre o que planejaram e as reais possibilidades de execução, entre o que experimentaram anteriormente e o desafio de implementar inovações.

Assim sendo, o desenvolvimento cognitivo intelectual, com progressos na afetividade, moralidade ou sociabilidade, por condições que são do desenvolvimento humano

integral, tende de acelerar o progresso no sentido de uma autoconsciência de sua identidade, encontrada na práxis diária.

Ao referir-se a tal assunto, Paulo Freire (1996, p.43,44) descreve que: “Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

O educador, conhecendo a teoria que sustenta a própria prática, pode suscitar transformações na conscientização dos educandos e demais colegas, chegando até aos condicionantes sociais, tornando o processo ensino-aprendizagem em algo realmente significativo, em prol de uma educação transformadora, que supere os déficits educacionais e sociais atuais.

Relação coordenação - direção

- Sim, na escola que trabalho, a parceria é constante (diariamente).* - **João José**
- Sim, semanalmente são trabalhados e dialogados com os assuntos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, frequência, comportamento, além das metas e ações traçadas pelo grupo educacional no início do ano letivo.* - **Boa-Vida**
- Com a pessoa que trabalho, procuro sempre estabelecer dialogo, porém, nem sempre conseguimos resolver os problemas existentes.* - **Dora**

Este foi o ponto em que as atuações se apresentaram de forma mais diferenciada. As entrevistadas apresentaram posicionamentos diferentes. Algumas atuam principalmente com o administrativo, demonstrando um fazer mais distanciado da realidade escolar. Outras atuam junto à comunidade escolar de forma mais acentuada.

É necessário um posicionamento atento frente às práticas educativas, já que estas não ocorrem de forma isolada das relações sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade.

Por isso, a Pedagogia não descarta a direção que a ação educativa deve tomar. Dessa forma, isso justifica a existência da Pedagogia como área do conhecimento, cuja especificidade é realizar uma reflexão global e unificadora da realidade da educação.

O pedagógico e o docente são termos inter-relacionados, mas de conceitos diferentes. Portanto, reduzir a ação pedagógica à docência é produzir um reducionismo conceitual, um estreitamento do conceito de Pedagogia.

A Pedagogia é mais ampla que a docência, educação abrange outras instâncias além da sala de aula, profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência (PIMENTA, 2002, p. 30).

Como disse Paulo Freire, todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa, por isso aprendemos sempre.

Coordenador pedagógico junto aos pais, alunos e professores.

- *Junto aos professores: coordenação de atividades coletivas (ex. projetos institucionais), auxílio no planejamento de aula e formação continuada. Junto aos alunos: levantamento de necessidades e mediação para aprendizagem (proposta de atividades específicas). Junto aos pais: orientação pedagógica, encaminhamento de educandos para atendimentos especializados, coordenação atividades (ex. projetos institucionais) que promovam a participação da comunidade. - **João José***
- De suporte técnico - pedagógico no traçar das ações, além de orientações relacionadas ao desenvolvimento sociocognitivo e emocional dos educandos.
Boa-Vida
- *Sobretudo projeto de leitura e escrita, que é a maior necessidade do alunado. Mas também tem desenvolvido projeto de relações humanas, que envolve familiares com encontros periódicos, no objetivo de resgatar valores que as famílias têm perdido e afetam o aprendizado da criança. - **João Grande***

A família, infelizmente, ainda aparece com grande distanciamento, surgindo apenas quando requisitadas ou em reuniões semestrais.

Junto aos professores prevalecem os ACs, semanais, mas não necessariamente por área. Nesses encontros, discute-se a prática dos professores e, quando necessário, surgem intervenções e sugestões do coordenador.

No tocante aos educandos, as conversas individuais ou com as turmas aparecem quando necessárias, não ficando claro na maioria dos casos se para discutir projetos ou questionar atitudes comportamentais.

Na escola, pelo fato de se trabalhar com pessoas, o relacionamento é mais voltado à dignidade e, desta forma, visa formar as novas gerações, estabelecendo as relações fundamentais entre saber, família, educandos e professores. Essa relação contribui para a elaboração dos objetivos da escola.

A atuação do pedagogo se faz, portanto, no campo sócio-histórico-psicológico e econômico, um espaço de conhecimentos sobre a problemática educativa em sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa.

A Pedagogia [...] é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. Nesse sentido, educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais (LIBANÊO, 1998, p.22)

Nesse sentido, o pedagogo pode ser considerado um legítimo gestor da educação democrática, capaz de atuar como articulador da equipe de profissionais da escola, da gestão de qualidade que se assenta na construção coletiva, democrática e participativa do projeto pedagógico, e como ponte entre a escola e a família. Isso requer apoiar-se em projetos coletivos e no conjunto de profissionais com atribuições específicas, caracterizadas pela docência, pela administração, pela coordenação

pedagógica e pela orientação educacional, com foco na formação humana e no enfrentamento da exclusão escolar sob todas as formas.

5.1.3 QUESTOES RELACIONADAS À IDENTIDADE PROFISSIONAL

Formação identitária do coordenador

- *Sim. É uma profissão nova no mercado de trabalho que ainda está sendo estruturada. - João José*

- *Sim. A presença do coordenador pedagógico nas escolas ainda é algo muito recente. Praticamente não se tem concurso para essa função. Quando tem, poucos são chamados. Em muitas escolas, são professores que atuam como coordenadores, ficando em desvio de função. As escolas ainda veem a figura do coordenador pedagógico como aquele que vai “apagar incêndios” da indisciplina ou entregar as coisas prontas para os professores. Percebo também que muitos coordenadores ainda se veem assim, uns por comodismo, pois não querem se “indispor” para fazer intervenções com os professores, outros por falta de conhecimento mesmo. - Pedro Bala*

Na atualidade, atuar como pedagogo ainda é um desafio, pois ele precisa exercer um papel ativo e interativo, bem como estimular os sujeitos para as diversas descobertas com as quais se deparam cotidianamente e, assim, construir o processo de participação com qualidade.

[...] o educador que está se preparando para atuar profissionalmente no terceiro milênio deve ter um compromisso fundamental: o de investir radicalmente na construção da cidadania. É esse compromisso que deve então direcionar não só suas mediações formativas como também os rumos de sua intervenção social. Estou entendendo também que não cabe falar do pedagogo como se fosse um simples técnico, mera peça de uma engrenagem em funcionamento burocrático-administrativo do sistema de ensino. [...] trata-se aqui de uma concepção de um profissional, sim, atuando num universo de mediações concretas, mas profundamente sensibilizado às significações mais profundas de sua prática de intervenção social. (SEVERINO, 1996, p.11)

O papel do pedagogo ganha relevância nesse novo processo, principalmente pelo fato de se constituir ator educacional que, na percepção de Saviani (1985, p. 27), “[...] possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural”.

É nesse novo contexto que os coordenadores pedagógicos observados são unânimes ao declarar que o trabalho do coordenador em Teixeira de Freitas já apresentou avanço, apesar de ainda existir um grande caminho a trilhar. Com essas constatações, é possível refletir a prática do pedagogo na perspectiva de realizar uma discussão que promova o seu autoconhecimento, consciência política e amadurecimento profissional.

A formação identitária no atual contexto educacional

- *É complexo lidar com a indefinição do papel do coordenador pedagógico, muitas vezes, o acúmulo de trabalho produz sentimento de incompetência. Mas, é inquestionável que o que já construímos até aqui faz o diferencial no desenvolvimento da educação, principalmente no que se refere ao importante papel como mediador. - **João José***
- *Uma quebra de velhos paradigmas, pois desenvolvo um trabalho voltado para ética, coletividade e suporte as ações práticas e teóricas desenvolvidas pelos educadores. - **Boa-Vida***
- └ *São muitos os entraves que contribuem para que a identidade do coordenador ainda esteja fragilizada. As difíceis condições de trabalho e de remuneração são fatores importantes que contribuem para dificultar este processo. -*

Lampião

Historicamente, o pedagogo, na construção de seu perfil identitário, enfrenta desafios e conflitos que desestabilizam a sua atuação profissional nas relações que mantém consigo e com os outros agentes educacionais, ao desenvolver sua prática cotidiana. Isso fica aparente nas declarações coletadas por meio desta da pesquisa, visto que os entrevistados são unânimes na afirmação de que a presença do coordenador

pedagógico ainda é muito recente. Isso porque ainda é visto como aquele supervisor que corrige os indisciplinados.

Percebe-se que o pedagogo/coordenador convive com certa indiferença, incerteza e acusações advindas do contexto de trabalho acerca de sua formação e de seu papel como educador. Assim, caracteriza-se a construção da identidade do pedagogo como um processo intrincado, conflituoso, porém diligente. Intrincado por envolver o pessoal, o profissional e a interação com as situações enfrentadas cotidianas, que exigem do pedagogo conhecimento capaz de construir saberes e habilidades profissionais que o conduzam a construir essa identidade.

Uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão, na revisão constante dos significados sociais da profissão, na revisão das tradições, mas também na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas [...]. Constrói-se, também, no significado que cada professor, enquanto ator e autor conferem à atividade docente em seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, e sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, no sentido que tem em sua vida o ser professor. (PIMENTA, 2002, p. 77).

Nessa percepção, os pedagogos passam a representar uma possibilidade concreta para a construção e efetivação dos novos paradigmas para educação, ao desfazer as marcas constituídas em torno do profissional e, sobretudo, ao reconstruir sua autoestima e imagem. E na construção desse processo estarão interligados os valores, a cultura, as crenças e competências como atributos imprescindíveis para a constituição de sua identidade.

Contribuição formação identitária

- *Penso que tudo que respondi nas duas questões anteriores contribuem para essa formação identitária. A formação inicial, a formação continuada, as concepções pedagógicas de cada um, a concepção política da educação e do seu papel nesse processo entre outras. - **Pedro Bala***
- *Uma formação para além do currículo, estudos sistemáticos, cursos de aperfeiçoamento, identidade humanitária, reflexão sobre necessidade e*

possibilidade, compromisso e visão de políticas públicas educacionais. - Boa-Vida

- *Acredito que a formação específica para atuar neste campo seja uma contribuição importante para nossa formação acrescida da justa remuneração, uma vez que em nosso município o salário do coordenador está abaixo dos professores. - Lampião*

Discutir a construção da identidade do pedagogo, analisada entre valores crenças e competências, significa buscar uma reflexão acerca dos elementos culturais que estão a sua volta, observando a adversidade presente no âmbito escolar (direção, pais, professores, alunos e demais profissionais presentes nesse espaço escolar), bem como aceitando essa identidade e se fazendo aceitar por meio de suas competências. Deve-se ter como base que esse processo se realiza em um ambiente ambíguo, no qual parte da comunidade já entende e valoriza o trabalho do pedagogo e outra questiona e não aceita a presença dele, questionando quais são suas reais atribuições.

Veiga salienta que,

[...] a formação do professor centrada na escola e no exercício da profissão docente não separa uns dos outros os locais de mobilização (mundo de trabalho), de produção (o mundo da investigação) e da comunicação (o mundo escolar) dos saberes e das competências. As competências são compreendidas por meio de uma ação contextualizada, definindo-se como um saber (agir/reagir). [neste sentido], a competência é constituída com base mesmo na práxis, no agir concreto e situado e na ação do professor. Logo não é algo que se adquire de uma vez por todas, elas se ampliam na construção coletiva, na partilha de experiências, de reflexão. (VEIGA, 2002, p.89)

Autonomia, responsabilidade e capacidade seriam algumas das qualidades necessárias aos profissionais da educação, que buscam desenvolver um trabalho de qualidade, ter autonomia para desenvolvê-lo e que estão atentos à própria formação ao realizar capacitação profissional sempre que possível. O pedagogo deve ser o articulador entre ele e seus pares, buscando superar preconceitos enraizados na cultura educacional.

Percebe-se com isso o desejo dos egressos em consolidar uma prática que desmistifique as crenças aprofundadas por concepções tradicionais, as quais inviabilizam e fragmentam a construção do processo de formação do pedagogo.

Certamente ocorrerão para aqueles que sonham com uma educação libertadora que conscientemente busca um espaço igualitário para todos. Um lugar em que a teoria de fato dialogue com a prática, propiciando condições para que o sujeito, com a educação, posicione-se no mundo.

A ação do pedagogo neste espaço social é parte do caminho que precisa ser trilhado para uma educação libertadora, que atravesse livros, teorias e muros acadêmicos num encontro real com o espaço escolar.

Este questionário, parte fundamental desta pesquisa, surgiu com a intenção de construir uma reflexão em torno de possíveis espaços de atuação do pedagogo além da sala de aula. Além de discutir os espaços de educação de atuação do pedagogo e como sua formação acadêmica colaborou para a constituição da sua realidade profissional.

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (PAULO FREIRE, 2002, p. 89)

Diante do que aqui foi apresentado, é relevante também refletir os novos desafios propostos ao profissional da educação, especificamente o coordenador pedagógico. É preciso buscar o ponto de equilíbrio de suas atribuições como um dos eixos imprescindíveis à melhoria das práticas pedagógicas sistematizadas, em que cada um e todos se tornam corresponsáveis pelo processo ensino-aprendizagem.

Assim, o maior desafio do coordenador pedagógico é construir seu novo perfil profissional e delimitar seu espaço de atuação.

Este olhar se faz necessário como busca da identidade deste profissional. É, sem dúvida, um espaço de conquista, de resolução de problemas e de assunção do papel profissional do coordenador pedagógico como ator social, agente facilitador e problematizador do papel docente no âmbito da formação continuada, primando pelas intervenções e encaminhamentos mais viáveis ao processo ensino-aprendizagem.

Construir a identidade de um ofício e construir-se nele é realizar uma prática que busca o significado do papel e do exercício da cidadania de forma democrática e participativa, pois a vivência escolar e, nesta o desenvolvimento do trabalho pedagógico, sustenta-se nos intercâmbios e nas aprendizagens comuns, respeitando-se a diversidade de posicionamentos.

Sobre isso, Lima (2007, p.117) enfatiza que:

[...] na sociedade do conhecimento em que vivemos que caracteriza pelo processo ensino-aprendizagem permanente e continuado (mundo globalizado e em processo de globalização) não é possível entender a escola e suas relações como se estivessem desvinculadas da totalidade social, materializando seus esforços, simplesmente, como transmissora de conhecimentos cujo dever formal se completa na formação de sujeitos determinados para uma sociedade impessoal e alienante.

A coordenação pedagógica, no processo da gestão democrática, deve garantir um espaço de diálogo, fortalecendo, assim, a vitalidade projetiva dos atores sociais na luta por uma educação de qualidade, bem como primar pela superação dos obstáculos que inviabilizam as ações coletivas. Cabe ao coordenador pedagógico, junto com todos os outros educadores, fazer esforço para possibilitar trocas de saberes e experiências e aprender a aprender.

Ao assumir diferentes perfis, construindo-se no cotidiano escolar, a identidade desse profissional desdobra-se em diferentes posicionamentos, entre rupturas e permanências, mas sem perder de vista sua atribuição maior, isto é, a de convergência para a formação de si e do outro.

Ademais, construir um ambiente democrático não é tarefa fácil e, por isso, não é tarefa para apenas um profissional. Uma gestão participativa também é uma gestão da participação, afirma Libâneo (1996, p. 200).

[...] quem ocupa cargos de liderança como coordenador pedagógico ou diretor – precisa despir-se do posicionamento Predominantemente autocrático para possibilitar o desenvolvimento de um clima em que todos contribuam com ideias, críticas, encaminhamentos.

É preciso evidenciar e garantir espaços e tempos para debates. Porém, administrar conflitos não é tarefa fácil, mas as divergências podem ser valorizadas quando há respeito e consciência de que a formação continuada ocorre e somente tem sentido com a contribuição do outro.

Na constituição da coordenação pedagógica, é fundamental primar pelo significado que tal cargo exercerá em nível de liderança e condução dos trabalhos pedagógicos de uma unidade escolar.

Ressalta-se que a ação do coordenador pedagógico não deve acontecer de maneira descompromissada e descontextualizada, pois, com o seu protagonismo sério e ético, é possível contribuir para uma ação efetiva a serviço de uma educação de qualidade.

No entanto, é necessário que o coordenador esteja atento aos desafios e apelos que chegam de todos os lados, conhecer o universo da educação, suas dificuldades e avanços, fazendo, com sua atuação pedagógica, um caminho de maturação, vivenciando as experiências da comunidade escolar como processo individual dos sujeitos que dela participam, mas vislumbrando essa ação como uma abrangência de transformação coletiva.

Dentro desse contexto, é relevante que o coordenador pedagógico seja habilitado e capacitado para realizar suas atividades no interior da escola, visto que o sistema de ensino atual contém as referências legais para redefinir o papel do coordenador e para realizar uma função gestora que promova discussões direcionadas à construção do projeto político pedagógico da escola, em que a escola deve ser percebida como um espaço que lida com dois planos: o real e o ideal.

Na tentativa de responder às demandas da gestão democrática no interior da escola, o coordenador afasta-se de seu referencial atributivo. Nesse aspecto, Bartman (1998, p. 1) aponta que:

[...] o coordenador pedagógico não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue. Não tem claro quem é o seu grupo de professores e quais as suas necessidades. Não tem consciência do seu papel de orientador e diretivo. Sabe elogiar, mas não tem coragem de criticar. Ou só crítica, e não instrumentaliza. Ou só cobra, mas não orienta.

Outra questão desafiadora para o profissional da contemporaneidade é lidar com os diversos tipos de inclusão na escola, mediando a relação entre alunos e professores.

Importante pensar a comunidade escolar com relação à importância do processo de inclusão. Pierre Lévy assinala que, no ambiente escolar, "haveria lugar para projetos, entre os quais o desenvolvimento de uma inteligência coletiva".

Esse mesmo autor afirma ainda que a inteligência, a aprendizagem e a cognição são resultantes das complexas redes nas quais um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos interage. Nesse sentido, uma proposição é pensar em projetos educativos que contenham novas possibilidades: humanistas, didáticas, metodológicas e pedagógicas para a construção de conhecimentos.

Além disso, políticas públicas favorecedoras à inclusão e formação de educadores para lidar com ela é um bom desafio a ser enfrentado para a melhoria da educação, da aprendizagem e do saber no século XXI.

Outra questão emerge nesse contexto, também como possibilidade de reflexão e posicionamento: nas instituições de ensino, geralmente, perdura uma prática pedagógica tradicional, ainda focada na transmissão do conhecimento, na aprendizagem repetitiva, sem contextualização adequada, incompatível com a conectividade, com a interatividade e hipertextualidade que caracterizam as dinâmicas comunicacionais novas, surgidas com o tempo.

O desafio, então, é o de fomentar o surgimento de novos usos do acesso aos novos grupos, novas comunicações, novos diálogos e novas perspectivas que surgem no ambiente escolar e que exigem a mobilização de novas competências, tanto para a construção individual quanto coletiva do conhecimento.

A prioridade, assim, deve ser a mediação e aqui surge outra proposição: a busca permanente por metodologias ativas de construção de conhecimentos que atenda a interesses e necessidades distintas, que respeite os diferentes ritmos, as distintas

modalidades e os estilos diferentes de aprender de cada um. A pesquisa constante e a formação continuada, nos espaços e tempos da ação, devem ser aspiradas como parte de todo trabalho educativo. Concordando com Althaus (2008, p. 17), que diz em seu artigo:

Ao desempenhar o papel de mediador, o trabalho do professor se desenvolve por meio de outras múltiplas relações, em que se situam os alunos e os instrumentos necessários para operacionalizar o trabalho pedagógico na sala de aula.

A aprendizagem significativa, a mediação adequada no ato de aprender e a criação de novos modelos pedagógicos devem ser buscadas para atender às demandas da sociedade atual. Isto significa que precisamos, no cotidiano escolar, nos espaços e tempos das instituições educacionais, realizar mudanças, promover rupturas e ir além dos modos tradicionais de ensino e aprendizagem.

Mudanças significativas nas posturas dos educandos devem ocorrer, pois a urgência é efetivar e instaurar uma comunicação dialógica que compreenda o educando como um sujeito ativo, histórico, que precisa de técnicas e instrumentos, mas necessita também compreender a realidade de seu tempo, de seu contexto social. Também deve ser visto em suas múltiplas interações e em suas diferentes capacidades perceptivas, sensoriais e cognitivas, ou seja, que seja percebido com um sujeito em suas múltiplas dimensões.

A última proposição configurada neste estudo, é a de aprendermos, todos, a lidar com a diversidade cultural, com a pluralidade, com a alteridade, com processos de identidade, de inclusão e de validação de cada um. No exercício de uma cidadania ativa, de uma vivência ética nos espaços e tempos das instituições, esta proposição pode ampliar possibilidades de encontro, do sujeito com si mesmo, com os outros, com o mundo e suas complexidades.

E, nesse movimento, a comunidade escolar inicia um novo caminhar, em que novos modos de ensinar e aprender encontram-se em movimento de ressignificar as relações interpessoais e criar, dessa forma, novas relações com o próprio processo de construir conhecimentos, novos comportamentos, novos estímulos de percepção, novas

racionalidades e novas visões de mundo, derivadas da autoria do pensamento em movimento.

Tais caminhos podem gerar novas modalidades de ensino, em que o autoritarismo cede espaço para a solidariedade e para o desenvolvimento de novas habilidades criativas, colaborativas e comunicacionais essenciais ao processo de construção do conhecimento.

Desse modo, o maior desafio da contemporaneidade para o coordenador pedagógico promover espaços e tempos nas instituições educacionais para que aprendizagem seja, de fato, cooperativa, lembrando com Jean Piaget, o quanto a cooperação é fundamental fator para o desenvolvimento humano.

Para aprender e ensinar no século XXI é preciso, essencialmente, cooperar, operar junto, favorecendo o equilíbrio nos intercâmbios presentes na sociedade de nosso tempo. O resultado converge para uma aprendizagem que evidencia internos processos de desenvolvimento que só acontecem quando e enquanto a comunidade escolar interage em todos os seus espaços.

O surgimento do novo milênio deu lugar a um estado de caos, novos conhecimentos e descobertas sobre o homem e sua vida no planeta possibilitaram, simultaneamente, o surgimento de aspectos positivos e negativos, como o aumento da média de vida, a cura de algumas doenças, a comunicação entre os povos, o trabalho em rede, o conhecimento simultâneo dos grandes acontecimentos, paralelo ao uso e generalização das drogas, a perda da identidade ética e moral, o desemprego e a pobreza.

Essa nova racionalidade técnica do trabalho do pedagogo busca essa nova forma de organização sugere o domínio de novas competências acerca do processo educacional, do processo ensino-aprendizagem e da organização do trabalho pedagógico da escola. Assim, dando ênfase à organização do trabalho, não se deve perder de vista a questão de identidade como elemento importante para a transformação social.

A inovação é uma mudança que não ocorre de forma casual, mas sim de maneira planejada e proposital, com uma clara intenção de melhorar aspectos do cotidiano escolar. Por se tratar de um agente educativo que pauta sua ação na busca da melhoria do processo pedagógico, o coordenador pedagógico também pode ser considerado um agente de inovação escolar.

O desenvolvimento de inovações na escola está diretamente vinculado aos processos de mudanças, de maneira tal que é comum se utilizar os termos inovação e mudança como sinônimos. Esse fato coloca o coordenador pedagógico não como simples espectador da instituição escolar, mas como agente ativo no processo dinâmico da escola, que intervém tanto em sua dimensão pedagógica quanto também em seu aspecto organizacional.

Todavia, não se pode esquecer que a escola, enquanto organização, tem por natureza uma tendência à estabilidade, elemento que, muitas vezes, se traduz em posturas de resistência a mudanças, configuradas geralmente em normas e padrões de conduta rígidos e poucos flexíveis ou abertos a inovações.

O estabelecimento de mudanças requer a presença de agentes que incorporem o papel de animadores dessas mudanças e, nesse aspecto, mesmo em um contexto de tendência a resistências como é o contexto escolar, os coordenadores podem exercer esse papel, auxiliando, assim, a escola, como organização coletiva que é, a caminhar na direção de inovações que vislumbrem melhorias significativas para todos os envolvidos na escola.

O aspecto mediador desenvolvido pela coordenação pedagógica nos processos de inovação é, possivelmente, o elo necessário para efetivar a ideia do processo de mudança como construção coletiva, como conceitua Martín (2002):

Atualmente, as propostas de mudança nos centros [escolares] se concebem como processos que se prolongam ao largo do tempo e que devem ser compreendidos, planejados, questionados e avaliados de forma coletiva pelos que participam dos mesmos (MARTÍN, 2002, p. 2)

A busca por um processo de mudanças que ocorre de forma coletiva, implicitamente, objetiva o desenvolvimento de inovações que se apresentam de maneira significativa, na medida em que ativa processos de ação-reflexão-ação, consolidados em um processo participativo, cooperativo e negociado entre as partes que compõem a comunidade escolar.

Dessa forma, percebe-se que o estabelecimento de um coordenador que se aproxima de um agente de inovação, que potencializa o desenvolvimento da escola como um todo, demanda do coordenador pedagógico uma ação que, em primeiro lugar, busque organizar uma cultura colaborativa favorecedora da melhoria, a qual terá sua maior expressão no desenvolvimento do planejamento escolar, bem como também na configuração do projeto político-pedagógico da escola. Assim, o coordenador deve atuar como um facilitador que, agindo de forma dialética, contribui para um fazer reflexivo e investigador de toda a comunidade escolar, na busca de soluções criativas para problemas definidos coletivamente.

Por outro lado, o coordenador pedagógico, ao procurar garantir a instituição de processos mais flexíveis na escola, também precisa atuar no aprofundamento e no estímulo ao estabelecimento do exercício de lideranças de caráter democrática e comunitária, o que demanda, dessa forma, um trabalho junto à administração escolar, ao agir diretamente, também, com os diretores no sentido do fortalecimento da gestão democrática na escola.

Dessa forma, olhar para o coordenador pedagógico como um agente de inovação é também o que identifica a escola como espaço de aprendizagem vinculado diretamente à intervenção realizada por ele, de forma que a totalidade das ações desenvolvidas se transformem em ações de aprendizagem e não só em ações relacionadas à formação continuada.

Assim, quando o coordenador se encontra como facilitador na mediação da construção do planejamento, está também desenvolvendo ações que geram e estimulam aprendizagens no coletivo escolar, pois resulta em esforços para conquistar novos estágios de qualidade das relações organizativas e/ou pedagógicas.

O coordenador pedagógico é o intelectual orgânico do grupo, atento à realidade, competente para localizar os temas geradores do grupo, organizá-los e devolvê-los como um desafio para o coletivo, auxilia na tomada de consciência e na busca conjunta de formas de enfrentamento, tem um projeto assumido conscientemente e, pautado nele, é capaz de despertar, de mobilizar as pessoas para a mudança e fazer junto o percurso. Na comunidade escolar, ele: acolhe, provoca, subsidia e Interage.

Os educadores têm uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação para o futuro, em que grande parte do tempo das crianças e dos jovens passada na escola é organizar contextos de aprendizagem; em possibilitar ambientes formativos e do professor com seus alunos. Ao sujeito articulador e mediador de todo esse processo cabe, neste cenário, ser o parceiro, respeitando a autonomia do professor.

Nesse aspecto, a escola, como instituição social, é também um espaço de mediação entre sujeito e sociedade, entendendo-a como um processo de emancipação humana e de transformação social.

Assim, o papel político da escola está atrelado ao seu papel pedagógico e precisa garantir que o processo de ensino/aprendizagem esteja a serviço da mudança necessária do capital monopolista internacional, resultado da reorganização das classes escola pública, respeitando os princípios de organização, participação, planejamento e tomada de decisão.

A análise contextual e crítica das necessidades sentidas pelos coordenadores indicou, entre outros aspectos, a necessária compreensão do papel profissional desses educadores que, frente aos afazeres imediatos de uma escola, na maioria das vezes, caminham sem projetos, sem estrutura, apenas improvisando soluções em curto prazo, de forma a sobreviver diante das demandas burocráticas.

É de suma importância que o profissional da coordenação pedagógica se perceba como aquele educador que deve, no exercício de sua função, produzir a articulação crítica entre professores e seu contexto; entre teoria educacional e prática educativa; entre o ser e o fazer educativo, em um processo que seja, ao mesmo tempo, formativo e emancipador, crítico e compromissado.

Cabe, então, à coordenação pedagógica organizar espaços, tempos e processos que considerem as práticas educativas e pedagógicas a partir da compreensão dos pressupostos teóricos que as organizam e das condições dadas historicamente;

Percebe-se, assim, pelas falas protagonizadas, que o objeto de construção identitária do coordenador pedagógico, como ciência da educação, deve ser fundamentalmente o esclarecimento reflexivo e transformador da práxis educativa. Nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido pelo coordenador pedagógico deve ser, como exposto nas falas dos coordenadores, o agente da mudança e o início da busca por um novo panorama educativo. Dessa forma será possível constituir uma identidade pedagógica em um espaço de autonomia e em uma ação crítico reflexiva,

Coordenar será uma ação transformadora em um processo reflexivo, prudente, sobre todas as ações da escola, objetivando a produção de transformações nas práticas diárias.

5.2. A IDENTIDADE DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Após todas essas discussões no campo teórico e prático, pode-se afirmar que a constituição da identidade do coordenador é o ponto principal para transformar sua realidade e a do ambiente em que está inserido. A identidade desse profissional volta-se principalmente para a construção de um perfil mais nítido do coordenador pedagógico, que existe em uma esfera concreta. Nesse contexto, a coordenação pedagógica de uma escola deve diferenciar-se do modelo de dominação e construir um modelo de discussão e descentralização.

Os conflitos teóricos e práticos aqui listados e, principalmente percebidos nas falas dos entrevistados, podem possibilitar o avanço de um grupo a partir do momento em que este percebe as falhas e se propõe a criar espaço de discussão e enfrentamento da realidade.

Questões relacionadas à identidade

A presença do coordenador pedagógico nas escolas ainda é algo muito recente. Praticamente não se tem concurso para essa função. Quando tem, poucos são chamados. Em muitas escolas, são professores que atuam como coordenadores, ficando em desvio de função. As escolas ainda veem a figura do coordenador pedagógico como aquele que vai “apagar incêndios” da indisciplina ou entregar as coisas prontas para os professores. Percebo também que muitos coordenadores ainda se veem assim, uns por comodismo, pois não querem se “indispor” para fazer intervenções com os professores, outros por falta de conhecimento mesmo. (Pedro Bala - coordenadora Escola A)

Sobre o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional

Na realidade da rede municipal de Teixeira de Freitas, penso que está avançando. Temos discutido com frequência essas questões nos encontros de coordenação. Mas ainda se tem muito para avançar. Por exemplo: os coordenadores da rede municipal, hoje (04/06/2016), recebem menos que os professores de 1º ao 5º ano.

Eles não foram devidamente contemplados no plano de carreira do magistério, que foi elaborado e coordenado pelo sindicato APLB e por seus membros. Isso demonstra a fragilidade do grupo e a pequena participação nas discussões da entidade representativa. Estas questões também influenciam na construção dessa identidade. Outro aspecto que considero importante é não haver cursos de formação continuada específica para coordenação.

Hoje o Ministério da Educação tem investido muito nos cursos de formação inicial e continuada dos professores, mas ainda tem demorado de chegar para a coordenação. No ano passado surgiu a pós em Coordenação Escolar gratuita e está previsto para começar no segundo semestre de 2016, mas as vagas não atenderam a demanda da rede. (Pedro Bala - coordenadora escola A)

Sobre a contribuição no caminhar dessa formação identitária

Penso que tudo que respondi nas duas questões anteriores contribuem para essa formação identitária. A formação inicial, a formação continuada, as concepções pedagógicas de cada um, a concepção política da educação e do seu papel nesse processo entre outras. (Pedro Bala – coordenadora escola A)

A interação e complementariedade das dimensões ação e reflexão formam o sentido da *práxis*, para Paulo Freire (2011, p. 107), a “[...] palavra verdadeira seja transformar o mundo, pronunciar o mundo para transformá-lo é um direito de todos os homens.” A *práxis* verdadeira possibilita ao homem se transformar na palavra, no trabalho e na ação-reflexão. (p.108, grifo nosso). A dicotomia se estabelece com a reflexão desprovida da capacidade de transformar a realidade sem o compromisso de mudar em ação a reflexão, bem como conceder ênfase na ação desprovida da reflexão, o que Paulo Freire (2011) denomina de ativismo.

Libâneo (2005) defende a ideia de que pensar e ser ativo no âmbito da educação, enquanto prática social e de humanização, incita a incumbência social e ética de explicar não apenas o porquê de fazer, mas o que e como fazer. Esta ideia de Libâneo também é corroborada por ideias de Paulo Freire, quando ele faz uma analogia ao relacionar o trabalho do cozinheiro que, para ser um bom profissional, precisa ser bom conhecedor das técnicas modernas de cozinhar. Ensina Paulo Freire (2001b): “eu preciso, sobretudo saber para quem cozinho, por que cozinho, em que sociedade cozinho, contra quem cozinho e a favor de quem cozinho” (p. 214).

Hodiernamente, a ortodoxia do sistema educacional é questão obsoleta na contemporaneidade, para tal forma célere vivenciada nos dias de hoje – com uma educação que prevê o bem-estar do aluno, como do professor – os mecanismos outrora sustentados em um passado não fazem mais sentido no atual contexto da educação. Devido a isso, a valorização e o estímulo de inúmeros fatores concernentes à didática transformadora dos professores e suas metodologias é que irá elevar os índices dos alunos aprendizes. De acordo com Libâneo (2005),

A realidade atual mostra um mundo ao mesmo tempo homogêneo e heterogêneo, num processo de globalização e individuação, afetando sentidos e significados de indivíduos e grupos, criando múltiplas culturas, múltiplas relações, múltiplos sujeitos. Se de um lado, a pedagogia centra suas preocupações na explicitação de seu objeto dirigindo-se ao esclarecimento intencional do fenômeno do qual se ocupa, por outro, esse objeto requer ser pensado na sua complexidade. (LIBÂNEO, 2005, p. 15).

Assim, o educador que questiona quais são os efeitos das práticas, estabelecidas por ele para seu papel no contexto escolar, se dispõe a pensar a própria postura e a dos outros atores que o circundam, ao propor a criação de um trabalho reflexivo.

A constituição da identidade para o coordenador pedagógico parece estar vinculada a sua atividade cotidiana, ao seu trabalho e à visão da comunidade. É no grupo que a coordenação se efetiva, que os saberes se confrontam e na reflexão com/sobre eles se modificam e se enriquecem.

Para isso, a instituição dessa identidade deve se fortalecer em uma prática pedagógica mais consistente, enriquecida e criativa, que traz clareza à práxis. Lembrando que a questão do fazer passa antes pelo saber e pelo querer. A finalidade do conhecimento é poder colaborar para a formação ou transformar a realidade. Além disso, resulta do trabalho e das relações estabelecidas em seu interior, é o espaço da práxis, e é possível afirmar a contradição presente na prática desses sujeitos, em um processo de ação, reflexão, e constitui condição necessária para a plena desse mesmo em um sentido social, cultural e político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

João Guimarães Rosa

Ao adentrar as questões norteadoras do presente trabalho, a saber o papel do coordenador pedagógico no município de Teixeira de Freitas, foi possível compreender o processo educacional na mesma elucidando o processo de transição entre a teoria apreendida na academia e a prática vivenciada no cotidiano, da sala de aula, e Coordenador pedagógico do ensino fundamental na rede municipal percebem-se novas influências e desafios refletidos na prática pedagógica.

Para desenvolver este trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica na literatura educacional brasileira, o que possibilitou coletar informações importantes acerca da origem e da constituição da coordenação pedagógica no Estado da Bahia, como também forneceu o aporte teórico necessário para fundamentar os aspectos da organização do trabalho do coordenador pedagógico propostos neste trabalho.

Como instrumento complementar, no estudo da problemática proposta, foi empreendida uma análise documental das determinações legais que orientam o trabalho da coordenação pedagógica - de âmbito nacional (LDB 9.394/96), e regional (legislação específica do Estado da Bahia) - no intuito de compreender a relação entre as políticas educacionais e a organização do trabalho dos coordenadores pedagógicos, e também apreender a perspectiva do Estado a respeito do trabalho da coordenação pedagógica.

O que está previsto na legislação como trabalho prescrito foi confrontado com as atividades realizadas por que esses profissionais no cotidiano escolar. Assim, foi realizado um estudo descritivo exploratório em uma unidade escolar da rede pública estadual que possui no seu quadro funcional o coordenador pedagógico.

Foram realizadas observações do cotidiano escolar, em especial, dos momentos e espaços coletivos de interação do coordenador pedagógico com outros profissionais da escola. Essas observações foram orientadas, principalmente, para a apreensão das relações de poder que se estabelecem no relacionamento do sujeito de nossa investigação com os demais profissionais da instituição o que nos ofereceu pistas acerca de como o trabalho da coordenação pedagógica se desenvolve e é compreendido pelo coletivo de profissionais da unidade escolar.

Para o processo educacional se efetivar no âmbito das mudanças trazendo resultados satisfatórios, deve-se partir do pressuposto que o ponto central é a formação reflexiva do professor. Desse modo, consideramos que, além das condições estruturais e pedagógicas, o primeiro passo nesse sentido é a presença de um profissional que se coloca como intermediador desse processo formativo: o coordenador pedagógico.

Assim, é intrínseca à sua atuação a atividade de auxiliar os professores em serviço (CHRISTOV, 1998; GARRIDO, 2006, p.9), pois “ele favorecerá a tomada de consciência dos educadores sobre suas ações e o conhecimento sobre o contexto escolar em que atuam”. óbvio que isso se concretizará ao pensar que esse profissional tem sua ação norteadada por um compromisso ético, que visa a formação humana em uma perspectiva transformadora, na perspectiva da “construção de um sujeito analítico, crítico, protagonista da construção de uma sociedade justa e democrática” (ORSOLON, 2001, p.18).

Ademais, faz-se necessário romper com as imagens negativas do coordenador, fruto da visão supervisora, e constituir uma imagem de colaborador na prática educativa, o qual deve conquistar autoridade (e não autoritarismo) pela competência e não pela imposição.

Assim,

Justamente porque assiste os professores na dupla acepção da palavra-assiste: vê/observa e assiste: oferece assistência/ ajuda-, a coordenadora tem uma perspectiva de leitura diferente do professor e pode localizar aspectos a serem refletidos individual e conjuntamente. A coordenadora, nesta perspectiva, tem uma visão de conjunto da escola e pode assistir os professores em suas dificuldades. (CUNHA, 2006, p. 50)

O coordenador também precisa se colocar como um agente formativo colaborador, quando entende que, “a formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se nesse esforço de inovação e de procura dos melhores percursos para a transformação da escola (...)” (NÓVOA, 1992:28 apud CLEMENTI, 2001, p.59), na qual o coordenador tem uma importante atuação ao mediar a busca por esses caminhos e ao se colocar como um educador que participa do projeto pedagógico da escola e está engajado propiciando movimentos de reflexão, externos e internos à instituição em que atua.

Essa mediação formativa indica que,

O coordenador medeia o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber agir do professor. Essa atividade mediadora se dá na direção da transformação quando o coordenador considera o saber, as experiências, os interesses e o modo de trabalhar do professor, bem como cria condições para questionar sua prática e disponibiliza recursos para modificá-la, com a introdução de uma proposta inovadora e para o desenvolvimento de suas múltiplas dimensões (ORSOLON, 2001, p.22).

Mudar práticas significa reconhecer limites e deficiências no próprio trabalho. Significa lançar olhares questionadores e de estranhamento para práticas tão familiares que parecem verdadeiras, evidentes ou impossíveis de serem modificadas. Implica o enfrentamento inevitável e delicado de conflitos entre os participantes da comunidade escolar, originados de diferentes visões de mundo, valores, expectativas e interesses diferentes. Implica mudanças nas formas de relacionamento entre os participantes, e isso pode gerar desestabilidade na estrutura de poder, riscos de novos conflitos, desgastes e frustração para a comunidade escolar. Mudar práticas pedagógicas significa empreender mudanças em toda cultura organizacional.

É possível repensar a fala de Paulo Freire neste momento, não só as razões que me mobilizaram a enveredar pelo caminho da pesquisa no propósito de compreender a percepção das Coordenadoras Pedagógicas da Rede Municipal de Teixeira de Freitas, BA - em relação aos aspectos concernentes a identidade profissional, mas também para colocar em perspectiva que este caminho não termina aqui.

Os principais objetivos deste trabalho foram desenvolver uma análise teórica sobre a prática que surge da teoria, fundamentando a ação pedagógica por meio de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, confrontando-as com o intuito de expor aproximações ou contradições que possam contribuir para repensar o curso de Pedagogia, tomando como base as ações dos egressos, e para promover junto a eles um espaço de reflexão.

Nessa perspectiva, tomou-se como base o referencial teórico composto por grandes autores, como: Libâneo, Veiga, Freire, Pimenta, pautando o desenvolvimento do trabalho na parte histórica, conceituação, discussão, pesquisa de campo e análise dos dados obtidos, sendo que os objetivos foram alcançados com sucesso.

Compreender a contribuição do Curso de Pedagogia para a formação reflexiva do profissional da educação, analisando as mudanças da prática pedagógica constituída no processo histórico-educacional, associada à formação recebida em nível superior.

A revisão de literatura realizada ressaltou que a formação inicial é necessariamente complementada com a formação contínua e a formação em serviço são momentos diferentes, mas, ao mesmo tempo, integrantes e necessários para a formação desse profissional.

Esse processo de formação deve ser repensado nas instâncias educacionais, começando no Ensino Superior e refletindo nas escolas, no cotidiano e na prática pedagógica, para que estimule mudanças na Educação.

O estudo também objetivou esclarecer em que a atuação do coordenador pedagógico favorece a melhoria da qualidade do ensino. Observou-se que teoria e prática ainda se confrontam na realidade do coordenador, que caminha entre o que quer que ele faça e o que ele realmente deve fazer. Entre as inúmeras atribuições do coordenador estão:

- a) - Realizar formação continuada, ajudando os professores a compreenderem e melhorarem suas próprias práticas;

- b) - Suporte ao trabalho dos professores, providenciando junto à direção e à secretaria de ensino condições materiais e humanas para a execução dos projetos;
- c) - Realizar junto aos professores reuniões para avaliar o desempenho dos estudantes e propor formas para superar as dificuldades;
- d) - Escutar os alunos, sentindo suas necessidades;
- e) - Convocar pais para informá-los da situação da aprendizagem dos alunos.
- f) - Convocar funcionários da escola, pais e pessoas da comunidade para discutir as condições da escola e propor melhorias.

No entanto, esse mesmo profissional convive com a sombra do supervisor, que tinha perfil autoritário, que era o vigia, por mais que as leis apresentem novas perspectivas, a comunidade escolar ainda questiona o papel do pedagogo e sua importância no processo ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, firma-se a necessidade do processo de formação identitária do Pedagogo. Ele precisa buscar sustentação teórica além da graduação, haja vista que, no processo de pesquisa de campo, ficou evidente que o ensino da graduação ainda tem lacunas que precisam ser preenchidas para a consolidação de uma prática consciente.

Fortalecido por essas condições, o Pedagogo encontrará subsídios para se afastar do processo conflituoso caracterizado pela negação, descrédito, para, então, alcançar um nível de maturação no exercício da profissão que passa pela articulação de seu trabalho consigo mesmo e com seus pares, buscando em superar as dicotomias e estereótipos que fragmentam a sua imagem e prejudicam a possibilidade de sua autoafirmação, enquanto profissional.

Além disso, como a formação e a prática dos egressos participantes da pesquisa foram permeadas de características reflexivas, adquiridas não só ao longo do curso, mas também e, principalmente, ao longo da vida profissional, esclarece-se que essas relações não aconteceram nem acontecem de forma linear, os conflitos e contradições existem, porém, são administrados de forma democrática, com respeito às diferenças individuais.

Em algumas das características reflexivas identificadas pela pesquisa, os sujeitos mostraram que refletiam na perspectiva de atender às necessidades de seu contexto escolar; refletiam sistematicamente, buscando alcançar seus objetivos educativos; buscavam aperfeiçoamento profissional contínuo como postura e ação fundamentais de profissionalização.

Constatou-se também que a reflexão que contribui para a formação continuada ou para o desenvolvimento profissional deve ser ampla e globalizadora. Destaca-se que, além da reflexão, o exercício da pedagogia requer competência, criatividade, autonomia, ética e posicionamento político, entre outros.

Portanto, ser pedagogo é enriquecer-se constantemente com saberes incorporados no decorrer de uma prática, que forma o pensar e o agir, em conflitos de valores, atitudes e ética.

Tais saberes são adquiridos em parte no curso de formação inicial, se acumulam e consolidam na prática a identidade profissional solidificada pela atuação ao longo dos anos de carreira e das diversas capacitações em que participaram. No entanto, a identidade constituída na graduação manteve-se inalterada. Assim, pensar a própria formação significa entendê-la como um contínuo de formação inicial e continuada e relacioná-la ao conceito de profissionalização.

A análise teórica sobre o tema em questão neste trabalho em confronto com a teoria pretendeu identificar qual concepção os egressos atuantes possuem a respeito do tema, baseados em sua formação e suas vivências, para demonstrar que teoria e prática ainda se distinguem, observando-se em determinados pontos como: “O Estudo da Educação Infantil”; “Os desafios da alfabetização” e “O Trabalho com as crianças

Especiais”, ainda não é explorada da melhor forma possível, seja na formação deste profissional.

Outro ponto de reflexão importante refere-se a apresentar como a formação dos pedagogos vem sendo realizada, uma vez que evidencia a ambiguidade de todas as inovações, ao apontar os conflitos que pontuam todo o processo evolutivo e ao introduzir as exigências de novas práticas, a partir da amostragem dos caminhos percorridos e dos caminhos a percorrer na construção da prática pedagógica repetitiva e/ou da prática pedagógica reflexiva.

Nesta investigação, as pesquisas apontam para a análise da prática pedagógica, anunciando novos caminhos para esta formação. Um desses caminhos aponta para a necessidade de discutir a identidade profissional do pedagogo, considerando a questão dos saberes que configuram a docência.

Nesse contexto, para a constituição do educador, o curso de formação deveria ter como finalidade o desenvolvimento de uma consciência sobre a realidade em que vão atuar e proporcionar uma adequada fundamentação teórica, que possibilite uma ação coerente, com uma satisfatória instrumentação técnica que possibilite essa ação.

No processo histórico-educacional brasileiro, implantaram-se diversas reformas, promulgaram-se diversas leis, porém a educação continua atendendo aos interesses de uma minoria – aos interesses da sociedade capitalista, aos interesses econômicos, exercendo um papel ideológico de reproduzir a divisão dessa sociedade em classes – essa divisão acontece na comunidade escolar, momento em que o pedagogo deve atuar como mediador desses conflitos formando uma educação igualitária e consciente.

Diante disso, o profissional que trabalhar nessa modalidade de educação precisa estar sempre preparado para atuar com sabedoria, transparência e com espírito humano, pois é o educador que precisa começar o resgate da reconstrução da cidadania. Ele é peça fundamental no auxílio aos sujeitos a entenderem e transformarem suas vidas.

Ademais, o pedagogo, com seu trabalho na escola, tem a capacidade de transpor o senso comum e traduzir para a vida cotidiana as grandes questões pedagógicas refletidas em um ensino de qualidade.

A ação pedagógica de tornar unitária e coerente uma concepção de mundo desenvolvida em um processo teórico-prático, remete ao horizonte ampliado em construir uma nova sociedade. Esta é a responsabilidade de todos os educadores, desenvolver plenamente suas capacidades e potencialidades em compreender, intervir e transformar o cotidiano escolar por meio de sua formação.

Com reflexões esboçadas sobre formação de competências e saberes, pode-se afirmar que o saber teórico e o saber prático representam apoios fundamentais no desenvolvimento da prática pedagógica, mas o educador deve desenvolver outras competências e aprimorá-las, enriquecendo e favorecendo sua atuação.

Pode-se afirmar também que o profissional inserido na área da educação produz resultados benéficos para si e para os demais com quem convive, pois, quando desenvolve suas competências, está contribuindo significativamente para que haja a mudança social e educativa desejada. Não são poucos os profissionais que desenvolvem ações para tal, e o pedagogo é um profissional que cria condições e desenvolve ações importantes para que os seres humanos, que estão à margem da sociedade, sejam incluídos.

Nesse sentido, o curso de graduação precisa preparar o pedagogo para, além da teoria, formar um profissional capaz de atuar como articulador da equipe de profissionais da escola, da gestão de qualidade que se assenta na construção coletiva, democrática e participativa do projeto pedagógico.

A pesquisa revela ainda outras dificuldades no binômio entre teoria e prática, visto que uma política de formação inadequada pode formar profissionais temerosos, tímidos diante da realidade escolar e do posicionamento que ele deve demonstrar.

Os sujeitos da pesquisa citaram como necessidade e desafios da educação identificar e trabalhar as necessidades dos alunos, compartilhar a informação com seus pares e

refletir constantemente sobre a própria prática na comunidade escolar, a fim de (re) planejá-las, desenvolvendo-se pessoal e profissionalmente, por meio de cursos de pós-graduação e leituras, em uma aprendizagem permanente.

Esse contexto exprime grande complexidade, no qual estão imbricadas não só percepções, ações, relações desse profissional no interior da escola, mas também as questões macro no âmbito das políticas de formação e valorização desse profissional ao longo de sua existência histórica, além de uma gama de fatores de natureza pessoal.

A trajetória desta pesquisa foi construída levando-se em consideração que se tratava do estudo da identidade de um profissional sobre o qual, de modo geral, por seu caráter controvertido, pairou, em diferentes tempos históricos, algum tipo de estigma. Tal fato pode-se confirmar pela contribuição de diferentes pesquisadores e pelas falas dos sujeitos participantes da pesquisa.

A identidade profissional dos Coordenadores Pedagógicos pode ser entendida como uma construção social marcada por uma multiplicidade de fatores que interagem entre si.

Entretanto, sabe-se que essa construção implica a organização de significados, que mantêm entre si certa interdependência, moldando configurações, às vezes referendadas, outras tantas rechaçadas, tal como expuseram os sujeitos da pesquisa, quais sejam: os significados advindos da formação; os oriundos da prática exercida no cotidiano da escola; os da percepção do outro em torno da função e do profissional que a exerce.

Além desses, há também os significados atribuídos às normas e ações decorrentes das políticas públicas em relação a esse profissional, ratificados pelas regulamentações que, em alguns momentos, retificam certa identidade e em outros impelem a novas construções.

Essa constatação deve-se à observância do recorte histórico apresentado na primeira seção do trabalho, conjugado com o panorama descortinado pela realizar a pesquisa

de campo. Com a organização metodológica escolhida, foi possível visualizar esse movimento dialético entre as questões gerais da categoria e aquelas afetas a cada profissional individualmente.

O que se percebeu é que, ao longo dos anos, a formação desse profissional sempre esteve um passo atrás da concretude do cotidiano em que sua atuação era reivindicada e esteve sempre sendo colocada à prova. Tal questão sinaliza para a necessidade de uma aproximação das instituições formadoras com as instâncias empregadoras de seus egressos.

A formação enquanto marca histórica e social indica que a identidade profissional dos coordenadores pedagógicos carrega essa marca em duas instâncias, qual seja, a da história pessoal enquanto profissional e a da história do profissional enquanto categoria.

Com a formação, cada profissional inserido em determinado contexto escolar constrói representações de si mesmo enquanto profissional e também de sua função. A essas representações particulares unem-se a história desse profissional enquanto categoria, em contexto macro, que vão amalgamando os significados e dando forma à identidade profissional.

No contexto dessa pesquisa, a distância entre a formação e a demanda de trabalho demonstrou a perspectiva acima não só em todas as décadas de formação de cada participante, mas também no cotidiano por ele vivenciado.

Entretanto, ao utilizar o espaço da pesquisa como oportunidade de reflexão em torno da ação e das necessidades desse profissional, na rede municipal, os sujeitos apontaram não apenas a necessidade de se afastar da acomodação, reivindicando do poder público uma formação continuada, que seja significativa à medida que reflita as demandas diárias, como também a de não permanecer restrito à simples constatação de que a formação inicial foi deficitária.

Empreender um movimento de busca depende de pré-disposição pessoal e pode ser estimulada por políticas públicas. Outro significado que organiza a construção social

da identidade diz respeito às concepções subjacentes às políticas públicas que conferem a esse profissional uma fragilidade quanto ao seu papel e status.

Nesse aspecto, muitas vezes, o profissional se vê diante daquilo que chamamos de “política de governo”, levando-o, por conseguinte, a também se posicionar como “funcionário público”, no sentido mais pejorativo que o termo possa carregar.

Outro ponto também destacado refere-se à mudança de nome e aos pressupostos que embasaram tal alteração, que foram percebidos por alguns profissionais como o fato de desestabilização da sua identidade profissional.

No entanto, as demandas impostas pelo cotidiano não correspondiam ou iam muito além dos moldes estabelecidos. A mudança do nome atribuído à função devia-se à constatação pelo órgão gestor da administração das mudanças ocorridas na sociedade e no contexto escolar que vinham alterando, também, a própria estrutura de formação realizada nos cursos de Pedagogia. Porém, como o estudo constatou, os profissionais em exercício no contexto da escola ainda não se haviam apropriado dessa concepção.

Verificou-se que o foco que vem sendo atribuído, nos últimos anos, para o curso de Pedagogia tem sido a formação do docente para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental.

Vale acrescentar as preocupações manifestas na declaração de voto do Conselheiro Paulo Monteiro Vieira Braga Barone, quando da aprovação das Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia. Diz ele:

Voto favoravelmente por considerar que o presente Parecer sintetiza em grande medida os elementos constitutivos da formação e da atuação profissional de pedagogos. Por outro lado, não poderia deixar de apontar que a formulação apresentada contém uma contradição intrínseca no que se refere à definição do pedagogo, que leva à especificação de apenas uma modalidade de formação, a licenciatura.

Essa definição, que afirma inicialmente ser o pedagogo o professor de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, reveste em seguida esse profissional de atributos adicionais que deformam consideravelmente o seu perfil. Talvez a solução para essa contradição lógica fosse a admissão de um espectro mais amplo de modalidades de formação, como o bacharelado, não previsto no Parecer. (PARECER CNE/CP nº 5, 2005, p. 18)

As Diretrizes admitem atuação em “outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos” (CNE/CP, 2005, p. 2), mas não explicitam a que áreas se referem.

O parágrafo único do Art. 4º admite que “as atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino”, porém não especifica a categoria profissional de supervisor ou coordenador pedagógico.

Sendo assim, qual a percepção, em termos identitários, que o profissional, foco desse estudo, terá daqui a alguns anos, tendo em vista que o estigma de categoria em extinção já estará presente no início de suas carreiras? Que “reformismos” estarão presentes para atender à realidade se esse profissional continuar a ser reclamado?

O estudo permite afirmar que a dificuldade em se definir a identidade profissional do coordenador pedagógico pode ser resultante da história da inserção desse profissional no sistema de ensino brasileiro. Se, em alguns momentos, ele foi valorizado e uma formação foi pensada e estruturada com vistas a sua habilitação, em outros momentos ele foi negado e, mesmo, descaracterizado, no contexto escolar.

As políticas públicas refletem e refratam as mudanças na sociedade e suas expectativas em relação à educação. Nesse contexto, estão os profissionais que, espera-se, sejam responsáveis por executá-la.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jean. **Retrato histórico de Nova Viçosa**- Bahia. Nova Viçosa-Bahia:Suprema. 2006.

ALMEIDA, L. R. e PLACCO, V. M. N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica**. In: ALMEIDA,

ALMEIDA, Tarciana Pereira da Silva. **O papel do coordenador pedagógico enquanto articulador do projeto político-pedagógico. Monografia (Especialização em Gestão Escolar e Coordenação pedagógica)**. Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. Olinda, 2008. Disponível em: Acesso em: 27 fev. 2016.

ALTHAUS, Maiza. **O ensino na sala de aula: a mediação como tema constitutivo na formação e atuação docente**. 2008.

AMARAL, Braz do. **Historia da Bahia, do Império á Republica** / Braz do Amaral.Bahia : Imprensa Official do Estado, 1923. XVIII, 379 p.

ANDRÉ, Marli E.D. A e LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 1 ed.. São Paulo: EPU, 1986.

BAHIATURSA. Disponível em <http://www.bahiatursa.gov.ba.br>>. Acesso em: 20 maio 2016.

BARTMAN, Thomas S. **Administração: Construindo vantagem competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998.

BLOG PIMENTA. Disponível em <<http://www.pimenta.blog.br/tag/teixeira-de-freitas/>>. Acesso em 27 nov. 016.

BLOG TEIXEIRA DE FREITAS. Disponível em: <<http://www.teixeiradefreitas.net.br/historia.php>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

BLOG TIRABANHA. Disponível em: <<http://tirabanha.blogspot.com.br/2012/03/historia-de-teixeira-de-freitas-ba.html>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases. Lei 9394/96** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília 20 dez.1996

_____. **Escola de Gestores da Educação Básica**. Brasília: BRASIL, MEC, 2005.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 17 mar. 2016.

_____. **MEC**. Disponível em: www.teixeiradefreitas.ba.gov.br. Acesso em: 19 set. 2016

_____. **INEP**. Disponível em: www.teixeiradefreitas.ba.gov.br. Acesso em: 19 set. 2016

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 4 ed.. São Paulo: Papirus, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense. 1986.

CHRISTOV, Lúcia Helena da Silva. Educação continuada: função essencial do coordenador pedagógico. In: GUIMARÃES, Ana Archangelo et al. **O Coordenador Pedagógico e a Educação Continuada**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2002. 255 p.

CUNHA, Maria Isabel. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: VEIGA, Ilma Passos; CUNHA, Maria Isabel (Orgs.). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papirus, 1999. P. 127-148.

DALBEN, ANGELA I. L. **Conselhos de classe e avaliação - perspectivas na gestão pedagógica da escola**. São Paulo: Papirus, 2004.

DURKHEIM, E. **Éducation et Sociologie**. Paris. PUF. 1985.

FABRE, M. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre, Artmed. 2004.

FARIA Luciano Meneses. Os desafios de estar coordenador pedagógico na atualidade. Publicado em: 22 out. 2010. Disponível em: Acesso em: 27 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006.

FONSECA, J. P. **Projeto pedagógico: processo e produto na construção coletiva do sucesso escolar**. São Paulo-SP: Jornal da APASE. Secretaria de Educação. São Paulo. SP. Ano II – Nº. 03, 2001.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. Educação: Sonho possível. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). **O Educador: Vida e Morte**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Freire, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10 ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FURQUIM, Alexandra Silva dos Santos; BRAGA, Etiane Fagundes; IRGANG, Silvania Regina Pellenz. **Os caminhos da gestão escolar: discutindo as atribuições e a prática do coordenador pedagógico.** Publicado em: 02 fev. 2009. Disponível em: Acesso em: 28 jun. 2016.

FUSARI, José Chersi. **O papel do coordenador pedagógico na concepção do Projeto Político Pedagógico.** Revista on-line Nova Escola, junho de 2011. Acesso em: 17 jun. 2016.

GADOTTI, Moacir. Projeto Político-Pedagógico da Escola Cidadã. In: **Salto para o Futuro: Construindo a Escola Cidadã, Projeto Político-Pedagógico.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998.

_____. **Educação e Poder: Introdução à pedagogia do conflito.** 11 ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Concepção dialética da educação.** São Paulo: Cortez, 1983.

GARCIA, Carlos Marcelo. O pensamento prático do professor – a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVA, António. **Os professores e sua formação.** Porto: Porto Editora, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ªed Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOMENAGEM: Ascon divulga relação de servidores indicados na campanha. Disponível em <<http://www.uneb.br/teixeira-de-freitas/dedc/pedagogia/2011/10/27/homenagem-ascom-divulga-relacao-de-servidores-indicados-na-campanha/>> Acesso em: 27 nov. 2016.

IMBERT, Francis. **Para uma práxis pedagógica.** Brasília. Palno Editora.2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos Demográficos Bahia** – 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 out. 2016.

JORNAL ALERTA. **Edição especial do aniversário da cidade de Teixeira de Freitas.** Maio de 2006.

Jornal Teixeira News. <http://jornalsportnews.blogspot.com.br/2009/05/teixeira-de-freitas-maior-cidade-do.html> Acesso em: 27 set. 2016

KONDER, L. O futuro da filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 13. ed. São Paulo: LOYOLA, 1995.

_____. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

_____. **Didática**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

LOUREIRO, C. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCK, Heloisa. **Concepções e Processos Democráticos de Gestão Educacional**. Serie cadernos de gestão, vol. II, 3ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

L. R.; PLACCO, V. M. N. de S. O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 67-79.

MARTINS, José do Prado. **Administração Escolar: Uma abordagem crítica do processo administrativo em educação**. São Paulo: Atlas, 1991.

MEC. **IDEB**. Disponível em:

<<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=14761>>. Acesso em 27/09/2016.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, et al. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Paulo: EduFSCar, 2002.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Portugal: Dom Quixote, 1992.

Olhar Teixeira www.olharteixeira.blogspot.com.br/2010_05_01_ Acesso em: 19 set. 2016

PÉREZ-GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Portugal: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, P. **Práticas políticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Práticas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Orgs). **O Coordenador pedagógico e o Espaço de Mudança**. São Paulo: Loyola, 2003.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores: Saberes e identidade**. In: PIMENTA, S. G. (Org). Saberes Pedagógicos e Atividades Docente. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. (coordenação). **Pedagogia Ciência da Educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. (org). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PORTAL DA PREFEITURA DE TEIXEIRA DE FREITAS. Disponível em <<http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/>>. Acesso em: 27 set. 2016.

REGO. Imelice Pereira, ALCANTARA Monalisa Regis Florêncio de. **O papel do Coordenador pedagógico enquanto agente articulador da formação continuada dos professores. 2011**. Disponível em:

<http://monografias.brasilecola.com/educacao/o-papel-coordenador-pedagogico.htm>

Acesso em: 11 mar. 2016

SÁ, É A. de; PINHEIRO, C. H. BESSA, J. A. M., SILVA, L. I. da & PORCARO, R. C.(2001). Coordenação pedagógica & Processo De Ensino Aprendizagem: As Evidências De Um Exercício Acadêmico. Minas Gerais: UFV.

SANTIAGO, Anna Rosa F. Projeto Político-Pedagógico da escola: desafio à organização dos educadores. In: VEIGA, Ilma Passos A. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível**. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.

SAVIANNI, Demerval. A Supervisão Educacional em perspectiva histórica: da função à profissão da idéia. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.) **Supervisão Educacional para uma Escola de Qualidade**. 3.ed.- São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Sentido da pedagogia e o papel do Pedagogo**. Revista da ANDE, n. 9: São Paulo, 1985.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **O pedagogo no terceiro milênio: enfrentando os desafios postos pelas tramas do saber, do fazer e do poder**. In: FEUSP. Identidade do Pedagogo. São Paulo: FEUSP, 1996, p. 11-15 (Estudos e Documentos, 36).

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia Dialética - de Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação.** 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 72-92.

SUL BAHIA NEWS. Disponível em: <<http://www.sulbahianews.com.br/>> Acesso em: 27 set. 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico – Do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 2ª edição, São Paulo: Libertad, 2002.

_____. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança para uma práxis transformadora.** São Paulo: Libertad, 2003

VÁSQUEZ, A. **Filosofia da práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2008

VEIGA, Ilma Passos e AMARAL, Ana Lúcia (Org) **Formação de professores: políticas e debates.** Campinas. SP: Papirus, 2002. 174p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

_____. **Licenciatura em Pedagogia: realidades, incertezas, utopias.** Campinas, SP: Papirus, 1997. 135p. (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico).

APÊNDICE A

ENTREVISTAS COM OS COORDENADORES

- 1- Como você entende a função do coordenador pedagógico?**
- 2- Como você descreve seu trabalho na escola?**
- 3- Você pode descrever um dia de trabalho dentro da escola?**
- 4- Como você organiza os estudos que você realiza com os professores?**
- 5- Qual é sua relação com a comunidade? Faz intervenções? Se sim como você percebe que eles te enxergam?**
- 6- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?**
- 7- Qual sua relação com a SEMEC? Existe algum trabalho que os aproxima das escolas?**
- 8- Você acrescentaria mais alguma informação que acha interessante falar sobre o trabalho do coordenador pedagógico em Teixeira de Freitas?**
- 9- Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua práxis na coordenação? Fale sobre isso?**
- 10- Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?**
- 11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?**

12- De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

13- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Se sim, com que frequência?

14- Como o diretor tem apoiado seu trabalho? Sente-se valorizado?

15- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

16- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

17- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

18 – O que falta para que possa apropriar-se da função de coordenador

APÊNDICE B

ENTREVISTAS COM OS COORDENADORES

João José

1. Como você define a função do coordenador pedagógico?

A pessoa que busca trazer certa ordem ao estimado local de educação e trata de analisar cada feito do aluno como ser receptor no direito de aprender e o professor como doador de pesquisas no ambiente escolar. Tipo, em suas funções pedagógicas. Pois de acordo com o Regimento Escolar, Artigo nº. 129/2006-Resolução CEE/TO, "a função de coordenação pedagógica é o suporte que gerencia, coordena e supervisiona todas as atividades relacionadas com o processo de ensino e aprendizagem, visando sempre à permanência do aluno com sucesso

2. E sobre seu trabalho na escola como você o descreveria

Descrevo como um trabalho de grande requisito, onde o coordenador traz em seus atributos as leis de diretrizes e bases "LDB" tornado-as vivenciáveis na vida dos professores e principalmente nos seus trabalhos coordenados.

3. Você pode fazer um relato de um dia dentro da escola, suas ações do início ao final?

As funções do coordenador pedagógico são várias, podemos relata em exercer um papel de mediador entre professores e alunos, dando toda a ajuda possível para que o trabalho dos docentes sejam feitos com sucesso e além do mais com resultados satisfatórios, do início ao fim das aulas diários.

4. Como você organiza os estudos que você realiza com os professores?

Com projetos específicos e dinâmicas, para ter um bom aproveitamento e atenção.

5. Qual é sua relação enquanto coordenador pedagógico junto à comunidade? Como você faz suas intervenções e como você percebe que eles te enxergam

O coordenador manipula metas e projetos, sendo a médio e longo prazos incluindo a direção,

professores e comunidade, no sentido de promover escola e sua educação, transformando-a em um espaço reflexivo, estabelecendo ao aluno a tão necessária inclusão e conseqüentemente a sua auto-estima elevada, nesse momento de trabalho o coordenador é visto pela comunidade escolar e pela comunidade que a envolve.

6.Qual a relação da SMEC com o coordenador pedagógico? Existe algum trabalho que aproxime a concepção de coordenador pedagógico entre as escolas?

XX

7.Você acrescentaria mais alguma informação que acha interessante falar sobre o trabalho do coordenador pedagógico em Teixeira de Freitas?

XX

9 Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?

Toda a ementa foi base, mas é indiscutível a importância da “Prática Pedagógica”. (João José)

10 De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Para coordenação pedagógica especificamente, apenas de reuniões quinzenais na Secretaria Municipal de Educação. João José)

11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?

Diria que é uma relação íntima, a teoria é de fato indispensável na atuação. Para exemplificar, quando fiz concurso para Coordenador pedagógico do Estado da Bahia, passei em 1º lugar. Ao responder as questões teóricas percebi a minha prática enquanto coordenadora municipal.(João José)

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Com que frequência?

Sim, na escola que trabalho a parceria é constante (diariamente). (João José)

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

Junto aos professores: coordenação de atividades coletivas (ex. projetos institucionais), auxílio no planejamento de aula e formação continuada. Junto aos alunos: levantamento de necessidades e mediação para aprendizagem (proposta de atividades específicas). Junto aos pais: orientação pedagógica, encaminhamento de educandos para atendimentos especializados, coordenação atividades (ex. projetos institucionais) que promovam a participação da comunidade. (João José)

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Sim. É uma profissão nova no mercado de trabalho que ainda está sendo estruturada. (João José)

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

É complexo lidar com a indefinição do papel do coordenador pedagógico, muitas vezes o acúmulo de trabalho produz sentimento de incompetência. Mas, é inquestionável que o que já construímos até aqui faz o diferencial no desenvolvimento da educação, principalmente no que se refere ao importante papel como mediador. (João José)

16- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

O debruçar do coordenador pedagógico para desempenhar o papel de formador e pesquisador, contribui significativamente no seu crescimento profissional. (João José)

Volta Seca

8. Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua prática na coordenação? Por quê?

Acredito que quase todos, ou todos, pois como “sporte pedagógico” temos que estar munidos de conhecimento. (Volta Seca- coordenadora escola C).

9 Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?

O atuar é complexo, não posso dizer ou citar um específico, mas a comunhão de muitos, ou todos. (Volta Seca- coordenadora escola C).

10 De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Circuito campeão, Acelera Brasil e Se liga. (Volta Seca- coordenadora escola C).

11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?

Geralmente, na prática, encontramos situações as quais não cogitamos quando estudamos, as relações interpessoais pode comprometer o trabalho. (Volta Seca- coordenadora escola C).

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Com que frequência?

Sim, o convívio com o administrativo é diário. (Volta Seca- coordenadora escola C).

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

Alem dos AC's, tenho encontros semanais com os professores, contato direto e diário com os alunos e com os pais quando requisito ou sou requisitada. (Volta Seca- coordenadora escola C).

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Sim, as experiências são constantes, o conhecimento, aprimoramento acontece diariamente na unidade escolar. (Volta Seca- coordenadora escola C).

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

É um caminhar mesmo, cada dia formando e sendo formada. (Volta Seca- coordenadora escola C).

Pedro Bala

8 - Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua práxis na coordenação? Por quê?

Os estudos de aportes teóricos e metodológicos que provocam a construção do pensamento, porque permitem desenvolver a prática e elaborar conhecimento com fundamentação. De tudo que aprendi no Ensino Superior, o que mais me marcou foi o olhar humanizador sobre o educando. A valorização e as discussões das questões sociais me permitiram ser mais sensível às necessidades dos educandos, entender suas limitações e ter motivação para contribuir para a superação das mesmas. Os fundamentos teóricos também foram um bom alicerce para fundamentar as discussões e intervenções na prática pedagógica. (Pedro Bala – coordenadora escola A)

9. Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?

Os programas de Psicologia e as Metodologias. A psicologia me permitiu entender melhor as necessidades das crianças e adolescentes e as metodologias me deram algumas pistas de como trabalhar de forma prática as diferentes áreas do conhecimento, que é o que os professores mais solicitam dos coordenadores no dia-a-dia. (Pedro Bala – coordenadora escola A)

10. De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Na verdade, não tive oportunidade de participar de cursos específicos para a coordenação. Esses não são oferecidos por aqui, pelo menos não tenho conhecimento. Os que participei foram abertos para educadores de maneira geral: Conclusão da Pós Graduação em Docência Superior; Curso de Educação Inclusiva: Deficiência Visual Curso do Formação Pela Escola: FUNDEB, Curso de Formação pela Escola: PNAE Curso de Formação pela Escola: PDDE. Progestão (Incompleto: interrompido pela licença maternidade). No mais, foram palestras. (Pedro Bala – coordenadora escola A)

11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?

A graduação me possibilitou o amadurecimento e a “autonomia” intelectual para aprofundar os conhecimentos mesmo depois da conclusão do curso. É uma relação próxima, pois os conteúdos que discutimos na graduação permeiam toda a nossa prática pedagógica, desde a orientação das estruturas de planejamentos, elaboração das propostas pedagógicas, sugestões de atividades das diversas áreas do conhecimento, perfil dos educandos, parcerias com a comunidade escolar. Gostaria de deixar claro que perceber essa proximidade não aconteceu quando sai da graduação. Terminei a graduação em 1999 e assumi a coordenação em 2000, na época me senti perdida, não sabia como conciliar meus conhecimentos teóricos com tantos problemas na prática. Hoje consigo fazer essa relação pois continuei estudando, amadurecendo e percebendo um pouco mais essas relações. Apesar disso, ainda penso que o curso de Pedagogia precisa investir mais nas questões de alfabetização, observação das aulas, registros das observações e devolutivas para o professor. Esses aspectos são essenciais na prática da coordenação pedagógica e não vi isso no curso que fiz. Talvez tenha sido contemplado em outros mais novos. (Pedro Bala –coordenadora escola A)

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação?

Com que frequência?

Eu trabalho na Secretaria de Educação, no Núcleo de Apoio Pedagógico dos Anos Iniciais. Os encontros com as direções de escola, geralmente são mensais e tratam de diversos assuntos, não específico da coordenação. (Pedro Bala – coordenadora escola B).

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

Como trabalho na Secretaria, minha função está voltada mais para os coordenadores pedagógicos. Fazemos encontros quinzenais para estudo e discussão das necessidades do grupo. No mais, fazemos os atendimentos diários para os casos particulares e visitas frequentes às escolas para estar mais perto do trabalho do coordenador. Em relação aos professores, meu trabalho é orientar e subsidiar a formação continuada dos mesmos. Planejam a formação, estudamos com os coordenadores das escolas e estes aplicam com os professores. (Pedro Bala - coordenadora escola A)

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Sim. A presença do coordenador pedagógico nas escolas ainda é algo muito recente. Praticamente não se tem concurso para essa função. Quando tem, poucos são chamados. Em

muitas escolas são professores que atuam como coordenadores, ficando em desvio de função. As escolas ainda veem a figura do coordenador pedagógico como aquele que vai “apagar incêndios” da indisciplina ou entregar as coisas prontas para os professores. Percebo também que muitos coordenadores ainda se veem assim, uns por comodismo, pois não querem se “indispor” para fazer intervenções com os professores, outros por falta de conhecimento mesmo. (Pedro Bala - coordenadora escola A)

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

Na realidade da rede municipal de Teixeira de Freitas, penso que está avançando. Temos discutido com frequência essas questões nos encontros de coordenação. Mas ainda se tem muito para avançar. Por exemplo: os coordenadores da rede municipal, hoje (04/06/2016), recebem menos que os professores de 1º ao 5º ano. Eles não foram devidamente contemplados no plano de carreira do magistério, que foi elaborado e coordenado pelo sindicato APLB e por seus membros. Isso demonstra a fragilidade do grupo e a pequena participação nas discussões da entidade representativa. Estas questões também influenciam na construção dessa identidade. Outro aspecto que considero importante é não haver cursos de formação continuada específica para coordenação. Hoje o Ministério da Educação tem investido muito nos curso de formação inicial e continuada dos professores, mas ainda tem demorado de chegar para a coordenação. No ano passado surgiu a pós em Coordenação Escolar gratuita e está previsto para começar no segundo semestre de 2016, mas as vagas não atenderam a demanda da rede. (Pedro Bala - coordenadora escola A)

16- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

Penso que tudo que respondi nas duas questões anteriores contribuem para essa formação identitária. A formação inicial, a formação continuada, as concepções pedagógicas de cada um, a concepção política da educação e do seu papel nesse processo entre outras. (Pedro Bala – coordenadora escola A)

Boa-Vida

8. Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua prática na coordenação? Por quê?

Recursos pedagógicos e tecnológicos para desenvolvimento de projetos pedagógicos e didáticos; Estudos temáticos sobre alfabetização, avaliação e currículo; Planejamento de ações. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

9 Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?

Elementos teóricos e práticos da alfabetização.- As metodologias das diversas áreas do currículo básico e diversificado. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

10 De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Formação continuada da Secretaria Municipal da Educação; Cursos a distancia (S.O.S Professor, IAT, etc.); Pós-graduação em gestão educacional e pós-graduação em ciências sociais. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?

O trabalho desenvolvido pelo coordenador pedagógico não apenas vinculado as ações praticas, ela precisa estar permeado das teorias que direcionam e são suporte a realização das ações pedagógicas. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Com que frequência?

Sim, semanalmente são trabalhados e dialogados assuntos relacionado ao desenvolvimento cognitivo, frequência, comportamento, além das metas e ações traçadas pelo grupo educacional no inicio do ano letivo. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

De suporte técnico - pedagógico no traçar das ações, além de orientações relacionadas ao desenvolvimento sócio – cognitivo e emocional dos educandos. *(Boa-Vida- coordenadora escola B)*

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Sim, muitos ainda possuem a visão que o coordenador é aquela pessoa que apenas supervisiona o seu trabalho. (Boa-Vida- coordenadora - escola B)

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

Uma quebra de velhos paradigmas, pois desenvolvo um trabalho voltado para ética, coletividade e suporte as ações práticas e teóricas desenvolvidas pelos educadores. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

16- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

Uma formação para além do currículo, estudos sistemáticos, cursos de aperfeiçoamento, identidade humanitária, reflexão sobre necessidade e possibilidade, compromisso e visão de políticas públicas educacionais. (Boa-Vida- coordenadora escola B)

Sem-Pernas

1. Como você define a função do coordenador pedagógico?

Os principais são: acompanhar o rendimento e as necessidades dos educandos, acompanhar o planejamento das atividades e articular projetos que mobilizem toda escola, viabilizar a formação continuada por meio da tematização da prática.

2. E sobre seu trabalho na escola como você o descreveria

Eu diria que além de cumprir o que já fora citado na questão anterior, procuro desenvolver diariamente a competência de administrar conflitos nas relações interpessoais para o bom funcionamento da instituição.

3. Você pode fazer um relato de um dia dentro da escola, suas ações do início ao final?

Analisar planejamento e atividades, verifico se há algum material pedagógico que posso sugerir, organizo a rotina do mês, organizo atividades dos projetos institucionais, participo de alguma atividade do professor...

4. Como você organiza os estudos que você realiza com os professores?

A Coordenação Municipal é assistida pelo Núcleo de Apoio Pedagógico de Educação Infantil da SMEC, que nos propõe pautas de estudos para tematizarmos a atividade/conteúdo de acordo com a realidade da escola. Ex. Fazemos estudos no núcleo, depois trabalhamos com os professores e por fim fazemos a filmagem/fotos da atividade em foco para, a partir dos estudos realizados, propormos intervenções por meio de questionamentos.

5. Qual é sua relação enquanto coordenador pedagógico junto à comunidade? Como você faz suas intervenções e como você percebe que eles te enxergam

A escola tem projetos institucionais que incluem as atividades com a comunidade como por exemplo: Café Literário, Café com Arte, Oficina de Brinquedos Reciclados... entre outros e isso ajuda a estreitar a relação família-escola, permitindo que os pais nos vejam como parceiros.

6.Qual a relação da SMEC com o coordenador pedagógico? Existe algum trabalho que aproxime a concepção de coordenador pedagógico entre as escolas?

Acredito que a SMEC de Teixeira de Freitas revolucionou o conceito de coordenador pedagógico em nossa região e quiçá na Bahia. Temos construído, ao longo dos anos, por meio da parceria com os Núcleos de Apoio Pedagógico, uma bagagem de aprendizado que nos permitiu solidificar o papel de coordenador pedagógico na escola.

7.Você acrescentaria mais alguma informação que acha interessante falar sobre o trabalho do coordenador pedagógico em Teixeira de Freitas?

Não

Dora

8. Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua prática na coordenação? Por quê?

Todos os recursos apreendidos no decorrer na formação do pedagogo, contribui para a sua prática. Eu, pessoalmente sempre recorro à leituras de livros e revistas pedagógicas. (Dora-escola D).

9 Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?

Acredito que is seminários que aconteceram no decorrer do curso foi o que trouxe elementos para ajudar na prática. (Dora- escola D).

10 De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Pro - letramento em matemática e linguagem. Pós – graduação em Psicopedagogia Institucional. Formações diversas por intermédio da SME. (Dora- escola D).

Participa de Programas oferecidos pela SEC

11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?

No curso temos muita teoria e pouca prática. Então, quando chega o momento de atuar aparecem muitos conflitos, mas aos poucos vamos adquirindo experiência e o trabalho vai se tornando mais fácil. (Dora- escola D).

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Com que frequência?

Com a pessoa que trabalho, procuro sempre estabelecer dialogo, porem, nem sempre conseguimos resolver os problemas existentes. (Dora- escola D).

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

Com professores: temos encontros semanalmente, onde discutimos a prática docente, dou sugestões. Com os alunos: tenho estabelecido conversas com as turmas e individualmente e incentivo projetos didáticos. Famílias: reuniões a cada final de trimestre, eventos que envolvem a família. (Dora- escola D).

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Penso que sim, muitos discentes concluem o curso de pedagogia sem saber realmente se querem atuar. (Dora- escola D).

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

Para quem realmente tem o objetivo de crescer na profissão, muitas portas ainda se abrem. O campo de atuação do pedagogo é muito extenso. (Dora- escola D).

16- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

As leituras, as discussões, os trabalhos apresentados e a descoberta do real sentido de educar e ser educador. (Dora- escola D).

Lampião**8. Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua práxis na coordenação? Por quê?**

Conclui meu curso em 1999.1. Algumas disciplinas como Sociologia da Educação; História da Educação e Filosofia da Educação contribuíram para minha formação de uma maneira geral, mas não tive durante a graduação nenhuma disciplina que direcionasse as discussões para o campo da formação do coordenador pedagógico. (Lampião – escola F)

10 De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Participo do Programa Formar em Rede, do Instituto Avisá-la. (Lampião – escola F).

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Com que frequência?

Sim há encontros frequentes com direção/coordenação pedagógica para tratar de questões específicas da formação, no sentido de discutir algumas estratégias de formação como a observação, os encontros de supervisão e a formação propriamente dita. Não me refiro, portanto a cursos esporádicos, mas sim a formação continuada em serviço. (Lampião – escola F)

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

Trabalho diretamente com a formação de coordenadores e diretores para que estes realizem o trabalho de acompanhamento e formação nas escolas. (Lampião – escola F)

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Sim. E enxergo um longo caminho a ser percorrido neste sentido, uma vez que muitos coordenadores pedagógicos ainda se colocam no papel de apagar incêndios nas escolas cuidando da indisciplina dos educandos ou, se atendo às questões administrativas, quando

deveriam focar seu olhar no acompanhamento aos professores, trazendo a prática destes para o contexto da tematização. (Lampião – escola F).

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

São muitos os entraves que contribuem para que a identidade do coordenador ainda esteja fragilizada. As difíceis condições de trabalho e de remuneração são fatores importantes que contribuem para dificultar este processo. (Lampião – escola F)

16- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

Acredito que a formação específica para atuar neste campo seja uma contribuição importante para nossa formação acrescida da justa remuneração, uma vez que em nosso município o salário do coordenador está abaixo dos professores. (Lampião – escola F)

João Grande

8. Que recursos apreendidos em sua formação, você aplica na formação em sua prática na coordenação? Por quê?

O ato de coordenar, fazendo intervenções na prática pedagógica desenvolvida pelos docentes, nas respectivas instituições. (João Grande – escola E).

9 Pensando nos programas apresentados durante a graduação, qual (ou quais) lhe deu (deram) maiores elementos para atuar na coordenação pedagógica?

Didática, estudo de projetos, o ato de supervisionar. A didática abriu os caminhos. (João Grande – escola E).

10 De quais programas/cursos de formação continuada para coordenadores pedagógicos você participou, nos últimos cinco anos?

Gestão Escolar; Musicoterapia; Pedagogia para Todos; Cursos oferecidos pelo IAT, Circuito Campeão. (João Grande - escola E).

11- Qual relação você estabelece entre as ações que você realiza e a teoria estudada na graduação?

A minha prática buscou apoio a inúmeras capacitações que fui participando no decorrer da profissão. Agora, da UNEB, tive pouco embasamento prático para desempenhar a profissão de coordenador. Mas a formação na UNEB foi importante para o aprendizado de algumas teorias, amparados pelos cursos e que acabou dando certo. (João Grande - escola E).

12- Há encontros sistemáticos com a direção para tratar de problemas da coordenação? Com que frequência?

Cotidiano, quando diz respeito ao diagnóstico dos alunos. Para discutir outros problemas/questões, as reuniões são feitas quando há necessidade. Intervenção na prática do professor, indisciplina de alunos, etc. (João Grande - escola E).

13- Qual trabalho que você, como coordenador pedagógico, tem desenvolvido junto aos pais, alunos e professores?

Sobretudo projeto de leitura e escrita, que é a maior necessidade do alunado. Mas também tem desenvolvido projeto de relações humanas, que envolve familiares com encontros periódicos, no objetivo de resgatar valores, que as famílias tem perdido e afetam o aprendizado da criança. (João Grande - escola E).

14- Você considera a formação identitária do coordenador um processo ainda em construção?

Sim. Porque a educação segue um modismo, um parâmetro e a nossa coordenação segue esse modismo, pois tem uma hierarquia, nisso a formação e os modelos são mudados e formados de acordo a essas mudanças e renova-se a identidade. (João Grande - escola E).

15- Como avalia o caminhar dessa formação identitária no atual contexto educacional?

Houve pouco investimento na área do coordenador pedagógico. No intuito de buscar maior embasamento para orientação dessa pratica. (João Grande – escola E).

16- O que tem contribuído e/ou contribui no curso dessa formação identitária?

A minha pratica pedagógica é embasada nos vários cursos que já fiz, desde a formação na UNEB até o momento atual. Então, sempre contribui. (João Grande – escola E).

ANEXO A

AS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO CONFORME A LDB.

Transcreve-se a seguir o artigo 8º da Lei Estadual nº 8.261 que determina as atribuições do coordenador pedagógico, dada a relevância dessas informações para o conhecimento da organização do seu trabalho no interior das unidades escolares.

Legalmente suas competências são as que se seguem:

Art. 8º - São atribuições do coordenador pedagógico:

I- coordenar o planejamento e a execução das ações pedagógicas nas Unidades Escolares ou DIREC;

II- articular a elaboração participativa do Projeto Pedagógico da Escola;

III- acompanhar o processo de implantação das diretrizes da Secretaria relativas à avaliação da aprendizagem e dos currículos, orientando e intervindo junto aos professores e alunos, quando solicitado e/ou necessário;

IV- avaliar os resultados obtidos na operacionalização das ações pedagógicas, visando à sua reorientação;

V- coordenar e acompanhar as atividades dos horários de Atividade Complementar - AC em Unidades Escolares, viabilizando a atualização pedagógica em serviço;

VI- estimular, articular e participar da elaboração de projetos especiais junto à comunidade escolar;

VII- elaborar estudos, levantamentos qualitativos e quantitativos indispensáveis ao desenvolvimento do sistema ou rede de ensino ou da escola;

VIII- elaborar, acompanhar e avaliar, em conjunto com a Direção da Unidade Escolar, os planos, programas e projetos voltados para o desenvolvimento do sistema e/ou rede de ensino e de escola, em relação a aspectos pedagógicos, administrativos, financeiros, de pessoal e de recursos materiais;

IX- promover ações que otimizem as relações interpessoais na comunidade escolar;

X- divulgar e analisar, junto à comunidade escolar, documentos e projetos do Órgão Central, buscando implementá-los nas Unidades Escolares, atendendo às peculiaridades regionais;

XI- analisar os resultados de desempenho dos alunos, visando à correção de desvios no planejamento pedagógico;

XII- propor e planejar ações de atualização e aperfeiçoamento de professores e técnicos, visando à melhoria de desempenho profissional;

XIII- conceber, estimular e implantar inovações pedagógicas e divulgar as experiências de sucesso, promovendo o intercâmbio entre unidades escolares;

XIV- identificar, orientar e encaminhar, para serviços especializados, alunos que apresentem necessidades de atendimento diferenciado;

XV- promover e incentivar a realização de palestras, encontros e similares, com grupos de alunos e professores sobre temas relevantes para a educação preventiva integral e cidadania;

XVI- propor, em articulação com a direção, a implantação e implementação de medidas e ações que contribuam para promover a melhoria da qualidade de ensino e o sucesso escolar dos alunos;

XVII- organizar e coordenar a implantação e implementação do Conselho de Classe numa perspectiva inovadora de instância avaliativa do desempenho dos alunos;

XVIII- promover reuniões e encontros com os pais, visando à integração escola/família para promoção do sucesso escolar dos alunos;

XIX- estimular e apoiar a criação de Associações de Pais, de Grêmios Estudantis e outras que contribuam para o desenvolvimento e a qualidade da educação;

XX- exercer outras atribuições correlatas e afins.

ANEXO B

DOCUMENTOS E REPORTAGENS

Teixeira de Freitas: terra de muitos tons

Localizada no Extremo Sul da Bahia, a 884 km da capital do Estado, a cidade de Teixeira de Freitas, formada inicialmente por famílias afro-descendentes, ora conhecida pelo nome de "Mandocã", ora de "Comércio dos Pretos", não apresentava perspectivas de crescimento. Todavia, a partir dos anos 60, com o grande comércio de madeira de lei, o povoado se desenvolveu bastante, o que proporcionou, assim, a imigração de comerciantes, agricultores e pecuaristas de outras regiões. Segundo relatos, ainda na década de 60, as primeiras fazendas de gado foram instaladas no povoado, sendo a mais antiga a Fazenda Cascata, pertencente ao coronel

Quintas Neto, a qual constituía o ponto de referência da Região. Nesta época, os meios de transportes mais utilizados eram o cavalo e a canoa, uma vez que não existiam estradas que davam acesso aos demais distritos. Neste mesmo período, chegaram os primeiros moradores, a exemplo da família Guerra.

Implantado às margens da BR-101, o município de Teixeira de Freitas cresceu assustadoramente, sendo emancipado com uma população de 63 mil habitantes em 9 de maio de 1985. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010, a referida cidade possui, atualmente, uma população estimada em 138.341 mil habitantes. Destacando-se na economia como 8.º produtor baiano de maracujá e 10.º em batata-doce, além de possuir uma produção expressiva de mandioca

e limão. Na pecuária, apresenta importante criação de bovinos, além de rebanhos de suínos, equinos e muares.

A tradição nas atividades agropecuárias e comerciais se apresenta como um dos fatores fundamentais para tais aptidões, a sua localização geográfica também, vez que a cidade faz limites com os estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Tal condição geográfica propiciou a migração de capitabas e mineiros. Mais tarde os japoneses e muitos outros povos, que diariamente escolhem Teixeira de Freitas como destino. Esta pluralidade cultural deu o tom ao cotidiano urbano de Teixeira de Freitas. Os capitabas e os mineiros agregaram ao comércio local a pojeira que faz a cidade ser, hoje, uma das mais desenvolvidas do Estado.



Avenida Marechal Castelo Branco, 1 ano antes da emancipação de Teixeira de Freitas.

TEIXEIRA DE FREITAS – NUANCES E CONTRASTES

É perceptível o crescimento da cidade de Teixeira de Freitas, que se mostra ainda adolescente em relação à sua emancipação política, entretanto, madura no que se refere à explosão demográfica e econômica. Indubitavelmente, apresenta-se como um diferencial no contexto do desenvolvimento econômico do Estado. Na proporção do seu desenvolvimento, Teixeira de Freitas retribuiu com generosidade aos migrantes, à dedicação empreendida para o seu crescimento, fazendo destes, cidadãos teixeirenses, cuja adoção tem sido utilizada ao longo da história do município com muito orgulho pelos seus desbravadores; a exemplo dos que em solo teixeirense construíram suas famílias e seus negócios e continuam acreditando no potencial da cidade.

Contudo, as ações que culminaram no seu fortalecimento econômico também ocasionaram muitas mazelas, a exemplo do grande número de excluídos que margeiam o município e do alto índice de criminalidade, dentre outros. Se, por um lado, o crescimento populacional apresentado pela estimativa do IBGE de 2006 indica possibilidades de avanços nos diversos setores da economia local, representam, na mesma proporção, problemas de ordem social num futuro próximo. Sobre este aspecto, urge a necessidade de equalizar oportunidades. Ao despontar no Extremo Sul da Bahia como cidade promissora, Teixeira de Freitas nos convida à responsabilidade em relação a questões sociais, vez que muito ainda está por ser feito.

A presença marcante do multiculturalismo ocasionado pela migração constante, influencia a identidade de Teixeira de Freitas, que relewa os seus tons e reforça também os seus contrastes. Cabendo, portanto, aos cidadãos teixeirenses, o compromisso de reinventar cotidianamente formas para decifrá-la. Eis a nossa querida Teixeira de Freitas!

Artigo escrito por:

Prof.^a Jessyluce Cardoso Reis, pedagoga pela Fundação Universidade de Pernambuco – UPE, mestra em Administração, Educação e Comunicação – Universidade São Marcos – SP.

Obs.: as entrevistas deste artigo foram realizadas com o auxílio do professor Wilson Araújo, da Fasb.

PERFIL DO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS

Lei de criação: Lei Estadual 4.452
Data: 9 de maio de 1985. Diário Oficial: 10 de maio de 1985
Municípios de origem: Caravelas e Alcobaça
Fronteiras: Alcobaça, Caravelas, Medeiros Neto, Vereda e Prado

Geografia:

Área: 1.157 km²

Distância da sede em relação a Salvador: 884 km

Latitude Sul: 17° 32'

Longitude Oeste: 39° 44'

Tipo climático: quente e úmido

Temperatura média anual: 24,5° C

Máxima: 30°C

Mínima: 19°C

Período chuvoso: outubro a março

Pluviosidade anual (mm): média de 800 a 1.200

Risco de seca: baixo e médio

Principal rio: rio Itanhém

Área inserida no Polígono das Secas: 5

Tipo de solo: podzólico amarelo árido e distrófico e podzólico vermelho-escuro eutrófico; latossolo amarelo álico

Aptidão agrícola das terras: aptidão regular para lavoura

Vegetação: campos e florestas de ambrófila densa

Relevo: tabuleiros costeiros. Chás pré-litorâneas

Geologia: Biolita Ogaíse, conglomerados/brechas, arenitas, granitóides, argilitos

Ocorrência mineral: areia e pedra para construção

Hidrogeologia: importância relativa do aquífero. Pequena a grande

Hidrografia: bacia hidrográfica – Itanhém-Alcobaça

Fonte: Centro de Estatísticas e Informação (CEI).

Histórico

Foi no início da década de 50 que chegaram os primeiros habitantes ao local onde mais tarde seria Teixeira de Freitas. Na época, destacava-se entre os já moradores os senhores Servídio Nascimento (pai do ex-vereador Osair Nascimento), Aurelino José de Oliveira, Hermenegildo Félix de Almeida, Júlio José de Oliveira (conhecido em Itanhém por Júlio Rico) e, mais tarde, Joel Antunes e Manoel de Etlvina.

Nota: por tradição, outrora, a Câmara Municipal sempre tinha um nativo em seu quadro, o que engrandecia o povo teixeirense. Entretanto, na atual legislatura, essa tradição foi esquecida.

Inicialmente, a localidade recebeu o nome de "Arrepiado", e, de-

pois, o nome de São José de Itanhém. Somente em 1957 é que passou a ser chamado de Teixeira de Freitas.

O município foi emancipado em 9 de maio de 1985, através da Lei n.º 4.452, instalada em 1 de janeiro de 1986.

O território do município foi constituído com a fusão de áreas de terra dos municípios de Alcobaça e Caravelas, uma vez que o povoado se localiza em áreas antes pertencentes aos dois municípios.

O território local possui uma área de 104.600 hectares. Confronta-se ao norte com o município de Prado; ao sul, com o município de Caravelas; ao leste, com o município de Alcobaça e a oeste, com os municípios de Medeiros Neto e Vereda.

Origem do nome

O município de Teixeira de Freitas recebeu este nome em homenagem a Mário Augusto Teixeira de Freitas, que era baiano, licenciado em Direito e professor de Estatística. Teixeira de Freitas foi o idealizador e fundador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tendo falecido no início do ano de 1957. Por sugestão do

senhor Miguel Geraldo Farias Pires, na época, agente de Estatística do município de Alcobaça e da Câmara Municipal daquele município, foi dado o nome do estatístico ao antigo povoado de São José de Itanhém: Teixeira de Freitas. Nessa época, era prefeito do município o senhor Manoel Euclides Medeiros.

População

Quando o município foi emancipado em maio de 1985, já possuía uma população estimada em 63 mil habitantes. No primeiro censo como município, em 1991, pulou para 85.547 mil habitantes. No censo de 2000 a população já era de 107.486. Em 2008, estima-se uma

população de mais de 123.858 mil habitantes, somando sede, povoados e zona rural, e, de acordo com o censo de 2010, o total de habitantes do município é de 138.341 mil, sendo 129.263 mil na área urbana e 9.078 no perímetro rural.

Principais atividades econômicas

Desde a sua origem, o município de Teixeira de Freitas é tradicionalmente voltado para atividades agropecuárias e para o comércio, tendo em vista que fica estrategicamente bem situado no Extremo Sul.

Inicialmente, sua principal atividade, porém, fora a madeira e o seu beneficiamento com a implantação de grandes serrarias, chegando o município a ter mais de uma centena delas no auge do beneficiamento, entre as décadas de 60 e 70.

Paralelamente a isso, sob influência de uma colônia japonesa, passou a produzir mamão, abóbora, melancia, tomate, maracujá, pimentão, quiabo, melão e limão, sendo até hoje um dos maiores exportadores de me-

lancia da Região, buscando o *status* de maior produtor de mamão.

Cabe ressaltar também que o município é destaque na área comercial, recebendo diariamente dezenas de pessoas da Bahia e dos Estados vizinhos (Espírito Santo e Minas Gerais) que vem em busca de variedade e preços baixos, sendo cerca de 5.482 o número de cadastrados no setor comercial, entre pessoa física e jurídica. A área de prestação de serviço emprega, aproximadamente, 2.254 pessoas, além de 650 profissionais autônomos que também contribuem para o desenvolvimento econômico da cidade, que é favorecido, ainda, pela intensa atividade das indústrias instaladas em Teixeira de Freitas - 46 no total.

Comercinho da Mata

Os primeiros médicos, a primeira farmácia, o primeiro fazendeiro e os primeiros nomes de Teixeira de Freitas

"Comercinho da Mata é aquilo mesmo. A primeira coisa que botam para vender é a pinga. Quando cheguei em 1960, havia duas escolhinhas. Uma era de Maria Bernarda Doreli Conceição Correia, a primeira professora primária, filha do madeireiro Valdemar Batista, um dos pioneiros. A outra era de Maria Antunes, mulher do subdelegado Joel Nascimento. Vim porque já tinha dois irmãos aqui, João Palmeira e José Militão, e também porque possuía uma fazenda aqui perto. Zé Militão tinha um bar. O lugar onde eu morava ficava a seis léguas daqui e não havia escola."

O depoimento é de Pedro Guerra Filho, na época, subprefeito de Alcobaça. Ele cita os casos dos velhos tempos à medida que os fatos vão surgindo na memória, com ajuda do seu cunhado, Nagib Abenabê Filho, morador em Teixeira de Freitas desde 1961.

"Aqui, o tratamento médico era feito em Caravelas e Medeiros Neto. Remédio para dor de cabeça a gente comprava nos botecos. O primeiro médico daqui foi o Dr. Rafael de Castro, o segundo, Dr. Nelson Prado. Só depois é que o Dr. Jacob Medeiros veio para cá. Dr. Rafael montou o primeiro hospital, no mercado da Prefeitura", continua.

"Antes desses médicos, quem atendia aos doentes do povoado era Dr. Almiró, de Caravelas. Ele vinha para a casa de Pedro Guerra e fazia a consulta de todo o pessoal, sem cobrar por isso, boa parte das consultas era feita pela estrada aérea". Contam Osair Nascimento e a senhora Valdeleia. Também esclarecem que foi o Dr. Almiró quem cuidou dos seus 15 filhos. As primeiras pedras para a construção da Igreja São Pedro, em 1965, foram colocadas também por Pedro Guerra, que afirma ter sido Frei Olavo o padre pioneiro, vindo posteriormente Frei Siano, enquanto o Frei Elias viria depois, se tornando o segundo vigário.

Com cerca de 50 votos, Zé Militão, irmão de Pedro Guerra,

foi eleito o primeiro representante do povoado na Câmara de Vereadores de Alcobaça, em 1962. De lá para cá, a representação política do povoado foi se ampliando até dominar quase que totalmente o município de Alcobaça.

Nos velhos tempos, existiam 60 telefones a bateria. A telefonista era Cruzina Medeiros Nascimento, funcionária da central telefônica que tinha sido instalada perto do bairro Novo Horizonte. O sistema de telefonia era particular e qualquer ligação só se tornava possível com o auxílio da telefonista.

Saudoso, pergunta Pedro Guerra a si mesmo: "Quem imaginaria que Teixeira de Freitas cresceria tanto? Quando cheguei aqui era tudo mata em toda. As onças faziam torcaia. Chegamos a matar strucucu no meio da rua, aqui na praça onde está o jardim. Cheguei com seis filhos, dois nasceram aqui, Hilda e Nagib. Em 1960, só existiam casinhas de taipa e barracas de palha. Lembro-me bem das casas de Manoel de Estelina, Aurélio e Osmundo José de Oliveira, todos donos de botecos", recorda.

"Eram descendentes de escravos. Barracatinhas de um lado e do outro da estrada, as quais foram abertas pela Santa Lúria, firma madeireira de Viçosa, pertencente a Elzeu Ribeiro Cunha. Ele tirava a madeira dessas matas e levava para lá de carreta. A estrada madeireira era tida como a divisa entre os municípios de Alcobaça e Caravelas. Depois, a divisa acabou ficando do lado de lá, o lugar tinha muitos nomes. Nem de començinhos que o povo alcunhava como queira. Assim, por exemplo, *ibicupui*, no começo, era chamada de 'Pela Jéguê' e Lajeolito, de 'Fissura'. Parece que aqui o nome era 'Barro Vermelho', depois, com o surgimento dos botecos, passou a ser chamado de 'Comércio dos Pretos'. E quando ficaram Manoel Estelina com uma faca, ganhou o nome de 'Tirabanhá'. Eu conheci o povoado com o nome de 'Comercinho dos Pretos', em virtude de que havia sido criado por um grupo

de negro", continua.

Diz que a primeira loja foi a de Júlio, patrio de Beto (Egberto Fina), vendida posteriormente por Tinó (Oscar), dono do primeiro carro do povoado, uma caminhonete Rau, que você podia fazer com um machado que não amassava. "Hoje, tudo amassa, até se cuspir de mau jeito", conta Pedro Guerra. Esclarece também que o primeiro fazendeiro, de um grande grupo vindo de Itapetinga, tradicional região pecuária, foi Manoel Cardoso Neto, o "Nelito", que comprou fazenda, criou gado e depois abriu uma charqueada. O "Nelito" chegou a junho de 1960, enquanto o senhor Pedro Guerra se mudava para o ainda povoado, no mês fevereiro do mesmo ano.

Com o passar dos tempos, o comercinho foi crescendo e ficando imprenhado na estrada. Foi quando Deoliziano Rodrigues, prefeito de Alcobaça, comprou uma área de um quarto de terra (11 tarefas ou cerca de cinco hectares) de Hermenegildo e doou ao povoado.

Depois disso, em 1966, 20 moradores se juntaram para adquirir outra área maior, de quatro alqueires (90 hectares), para atender a expansão do comércio.

Tudo de bom realizado em Teixeira de Freitas, e de que muito se orgulha a população é a iniciativa da antiga "Sociedade", formada inicialmente de 20 sócios.

O primeiro colégio de impostos (Prestado Estadual) foi Beto Pereira do Nascimento, pai do juiz Gilson Lopes do Nascimento (*in memoriam*) e do vereador Gená (também *in memoriam*), que veio para cá, oriundo de Ipirá, com sete filhos.

Os dois primeiros mestres nascidos aqui, que se diplomaram no Ensino Superior, foram os filhos de Nagib Abenabê e os de Beto, da Casa Louca. O filho de Nagib colou grau em Direito pela Faculdade do Teófilo Otoni, em Minas Gerais. E Edileusa, filha de Beto, colou em Letras, na Faculdade de Letras, em Vitória - ES.

SAÚDE

A cidade é referência no que concerne à saúde, pois possui especialistas em todas as áreas, que atendem nos hospitais e nas 24 clínicas que oferecem serviços de fisioterapia, oftalmologia, otorrinolaringologia, análises clínicas, entre outros. Dentro deste contexto de especialidades, para exemplificar, cresce no município o número de dentistas, com especialidades que vão desde radiologia até a cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial.

A cidade, que sedia a única Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do sul e extremo sul da Bahia em hospital municipal, conta ainda com a Unidade Municipal Materno-Infantil (UMMI), que atende à gestante de baixo, médio e alto risco; urgência e emergência pediátricas, crianças de 0 a 12 anos; internações de baixo, médio e alto risco, sendo que, para isso, tem uma equipe que vai desde

médicos, obstetras, pediatras até psicólogos, assistente social e muitos outros profissionais capacitados. O Hospital Municipal de Teixeira de Freitas (HMTF) é um dos mais procurados da região, chegando a receber por mês, em média, 7000 pacientes. O HMTF é dotado também Unidade de Alta Complexidade em Oncologia (Unacon), que atende a cerca de 80 pessoas acometidas de algum tipo de câncer mensalmente.

Vale citar que Teixeira se destaca na saúde, também, por oferecer vários serviços à comunidade por meio das atividades de atenção básica que são ofertadas pelos Postos de Saúde da Família (PSFs), o Ambulatório Central, que disponibiliza diversas consultas médicas e realiza exames em várias especialidades, além de diversos outros serviços imprescindíveis à população, que são ofertados pela rede pública de saúde.

Povoado de Teixeira de Freitas

Histórico:

em abril de 1958 foi celebrado o primeiro casamento religioso

O povoado de Teixeira de Freitas teve sua origem em consequência do grande volume de madeira de lei existente na Região, o que proporcionou a formação de casas, criando-se assim o povoado, que mais tarde foi denominado de São José de Itanhém, por ficar próximo à margem esquerda do rio Itanhém.

Na década de 50, quando ainda havia mata virgem, aqui chegaram os senhores Hermenegildo Félix de Almeida e Júlio José de Oliveira, iniciando o desmatamento; posteriormente, a firma Eleozibio Cunha construiu um acampamento coberto de palhas, dando início à extra-

ção da madeira. Mais tarde, chegaram para fixar residência no dito povoado os senhores Joel Antunes, Manoel de Etelvina, Aurélio José de Oliveira, Duca Ferreira e a família dos Guerra.

Em 14 de abril de 1958, na capela de São Pedro, foi celebrado o primeiro casamento religioso, sendo celebrante o Frei Olavo (OFM) e como nubentes o senhor Aurélio José de Oliveira e senhora Izaura Matias de Jesus.

Devido à bifurcação das estradas de rodagem de Alcobaça e Água Fria, hoje cidade de Medeiros Neto, e do povoado de São José de Itanhém até o porto de Santa Luzia, no município de Nova Viçosa, sendo esta última rodagem de propriedade da firma de madeireira Eleozibio Cunha, o povoado de São José de Itanhém era conhecido popularmente como povoado "Perna Aberta", hoje, no centro de Teixeira de Freitas, as antigas rodagens estão localizadas na avenida Marechal Castelo Branco e rua Princesa Isabel, fazendo sua junção na esquina da Casa Barbosa.

Como grande comércio de madeira de lei, o povoado desenvolveu bastante, provocando a imigração de comerciantes, agricultores e pecuaristas de outras regiões, entre eles, os senhores Hergberto Rabelo Pina e Alcenor Barbosa.

Com a morte do ilustre baiano e estatístico Mário Augusto Teixeira de Freitas, o idealizador e organizador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Governo achou por bem lhe prestar uma homenagem póstuma, tendo os chefes das agências de estatísticas recebido ordens da direção central do IBGE, no sentido de propor junto aos prefeitos de cada município que fosse dado o nome de Teixeira de Freitas a algum logradouro. Em 1957, o então chefe das Agências de Estatística de Alcobaça, Miguel Geraldo Farias Pires, em cumprimento às determinações emanadas da Inspeção do IBGE na Bahia, oficialmente, solicitou da Prefeitura e Câmara de Alcobaça homenagem póstuma ao imortal baiano Teixeira de Freitas, dando-lhe o seu nome ao povoado de São José de Itanhém, o que foi bem aceito pelo Executivo e Legislativo de Alcobaça.

Com a realização do censo demográfico de 1970, Teixeira de Freitas contava com uma população de oito mil habitantes.

Implantado junto à BR 101, o povoado cresceu assustadoramente, tendo em 1980 mais de 40 mil habitantes no bairro Vila Vargas, se transformando no maior pólo industrial, comercial e habitacional da Região.

*(Compilação por Miguel Geraldo Farias Pires, chefe da Agência de Coleta de Teixeira de Freitas-Bahia, em 22/06/83).

Mário Augusto Teixeira de Freitas

Síntese biográfica

Mário Augusto Teixeira de Freitas nasceu em São Francisco do Conde - BA, filho do engenheiro civil Afonso Augusto Teixeira de Freitas e de Maria José Teixeira de Freitas. Casado com Rosilda Limpo Teixeira de Freitas, deixou dois filhos: Antônio

Paulino Teixeira de Freitas e Augusto Afonso Lima Teixeira de Freitas. Diplomou-se em Direito em 1908, com apenas 18 anos, pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Ganhou então o 'Prêmio de Medalha de Ouro' por ter obtido o primeiro lugar em todos os períodos.

Tendo ingressado, por concurso, no Ministério da Aviação em 1908. 12 anos depois era nomeado delegado geral do Recenseamento em Minas Gerais e, no mesmo ano, chefe de gabinete do Ministro Francisco Campos.

Em 1930, trabalhou na organização do Ministério da Educação e Saúde Pública, onde começaria a sua intimidade com a Estatística, pois foi designado diretor de Informação, Estatística e Di-

vulgação do Ministério.

Em 1931, foi colaborador do general Juarez Távola, no Ministério da Agricultura, e em 1934, seria relator da comissão interministerial que criaria o IBGE, sendo nomeado seu primeiro secretário-geral, de 1934 a 1948.

Teixeira de Freitas exerceu inúmeros cargos de relevância nacional, entre eles: presidente da Associação Brasileira de Educação, da Sociedade Brasileira de Estatística do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira dos Municípios, da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e da Liga de Defesa Nacional, entre outros.

Mineiros ou "baianeiros"?

Em 1950, também chegou a Teixeira de Freitas a Santa Luzia, uma firma madeireira vinda de Viçosa, Minas Gerais – pertencente ao senhor Eleozibio Cunha. A Santa Luzia tirava madeira do solo teixeirense e transportava para Viçosa, o que incentivou outros mineiros a mudarem para Teixeira de Freitas. Assim, os mineiros, na sua maioria, vindos do norte de Minas Gerais, das cidades de Nanuque, Teófilo Otoni, Almenara, Águas Formosas, dentre outras, passaram a explorar a pecuária e o comércio. De certo, a consistência econômica da Cidade expandiu ainda mais a partir da concentração desses migrantes que trouxeram muito da sua cultura, principalmente, no que se refere à culinária.

A influência da cozinha mineira fez dos baianos – teixeirenses – verdadeiros apreciadores da costelinha de porco e do tutu. Convivendo com as culturas mineira e baiana, os mineiros que moram em Teixeira de Freitas amistosamente autodenominam "baianeiros".

mente autodenominam "baianeiros".

Já nos anos 90, com a implantação das empresas de celulose, mais uma vez a Cidade recebeu migrantes de várias localidades do País, principalmente do Sul e Sudeste. Essa nova realidade provocou alterações geográficas no campo pela cultura do eucalipto; na Cidade, pelo êxodo rural. Momento em que o Município tem o seu mapa urbano alterado pela intensa migração campo-cidade, razão pela qual se deu o crescimento desordenado de inúmeros bairros periféricos, mudando a geografia local. Conforme relato do senhor Renato Carlos Neiva de Souza, mineiro, engenheiro florestal, residente em Teixeira de Freitas:

"Cheguei nesta cidade em 1992, vim de Minas Gerais no período de implantação da Suzano Bahia Sul Celulose, vim para trabalhar com a prestação de serviços no corte e fornecimento de madeira. Tinha uma expectativa muito grande com a Região porque esta-

va tudo por ser feito, uma região de grande potencial. O maior incentivador da vinda das pessoas para Teixeira de Freitas, sem dúvida, foi a exploração da madeira, porém, muitas dessas pessoas, tanto os mineiros como os capixabas e muitos outros que vieram aqui com esta finalidade, contribuíram para o desenvolvimento cultural da Cidade; apesar da colônia mineira ser grande aqui, hoje, não vejo a cultura daqui muito dispersa. A princípio, a gente sabia identificar a origem da pessoa aqui, quem era o capixaba, o mineiro, agora é difícil identificar, trata-se de uma cultura difusa."

Com forte tendência a se transformar num pólo educativo de referência, o Município conta hoje com várias instituições de Ensino Superior, conta inclusive com um campus da Universidade do Estado da Bahia, cabendo destaque no segmento educacional privado para a Fundação Francisco de Assis, pioneira na Cidade. A Região conta com várias

instituições educativas de qualidade. Sobre as tendências vocacionais de Teixeira de Freitas, Renato Carlos Neiva de Souza relata:

"Sou um entusiasta da Região e entendo que a vocação da região é florestal, o turismo e agora, recentemente, a produção de energia através da cana-de-açúcar. E, para minha surpresa, vejo que, além destas aptidões, Teixeira tem aos poucos se transformado num pólo de ensino, que atende, hoje, satisfatoriamente a Região. Na questão educacional houve um grande avanço nestes últimos quinze anos. Acho que existem poucos lugares no Brasil que valem a pena trocar por Teixeira de Freitas, eu continuo entusiasmado com a Cidade."

Percebe-se o entusiasmo dos moradores com o crescimento do Município, inclusive porque a chegada do Ensino Superior atraiu centenas de estudantes das cidades circunvizinhas, mais uma vez fortalecendo o movimento migratório.

Colonização japonesa: conquistas e aprendizados

Os primeiros japoneses chegaram em 1970 para fixarem residência em Teixeira de Freitas e explorar a agricultura, sendo pioneiros os senhores Hidetsugu Nakanishi, Itsuru Akahori, Nobuhiro Ohta e Sano. A princípio, os japoneses se dedicaram à plantação de abóbora, melancia e tomate, sendo estes produtos vendidos na feira livre da Cidade. A partir de 1980, a colônia japonesa de Teixeira de Freitas passou a cultivar o mamão, momento em que o Município se tornou o maior produtor de mamão havaí do Brasil.

Com o crescimento da população nipônica na Cidade, em 1977 foi fundada a Associação Cultural Esportiva e Agrícola de Teixeira de Freitas (ACEATF), sendo o primeiro presidente eleito o senhor Yoshio Nishi, momento em que foi

criada a Escola de Língua Japonesa para atender aos filhos dos japoneses. No ano de 1980, a cidade de Teixeira de Freitas comportava 150 famílias japonesas.

Muitos destes imigrantes japoneses constituíram família em Teixeira de Freitas, dedicando-se ao comércio e, inclusive, à vida política do Município. Com a crise financeira do País, no Governo Collor, muitos japoneses migraram para outras regiões; outros, no entanto, retornaram para o país de origem. Contudo, as contribuições dessa gente provocaram influências significativas na comunidade. Em depoimento sobre a cultura nipônica na cidade de Teixeira de Freitas e Região, Sérgio Naoto Tokushige, comerciante, de 43 anos, filho de pais japoneses, nascido na Região, explica:

"A colônia do imigrante japonês no Extremo Sul da Bahia sempre foi muito forte, mantendo até hoje, no Clube Kaikan em Teixeira de Freitas, a comemoração da Colônia Japonesa. A Colônia sempre teve muitas comemorações marcantes, a exemplo da vinda do Imperador do Japão ao Brasil, que também foi comemorada aqui em Teixeira de Freitas na Colônia, assim como todas as datas festivas do Japão, que ainda são comemoradas aqui. Atualmente, o número de famílias de japoneses reduziu bastante. Outras famílias foram constituídas chegando à terceira geração da Colônia Japonesa (60 famílias, atualmente). O que contribuiu para o êxodo das famílias japonesas foi o plano Collor. As cooperativas e associações se endividaram, não sendo possível a con-

tinuidade do trabalho na Cidade. Assim, muitas famílias retornaram ao Japão na condição de *dekasseguis*. Outros mudaram de profissão e retornaram principalmente para o interior de São Paulo. Considero a Região boa para se viver, muitos dos nossos filhos nasceram aqui, sendo a Colônia Japonesa integralizada à cultura local. Quanto às tradições da comunidade nipônica, considero que foram preservadas, mantendo o aspecto cultural da sua dinastia, através dos eventos realizados pela Associação Clube Kaikan."

A Colônia Japonesa de Teixeira de Freitas, a partir de 1990, foi reduzida significativamente, contudo, são perceptíveis traços da interseção cultural da colônia nipônica em Teixeira de Freitas.

Teixeira de Freitas – nuances e contrastes

É perceptível o crescimento da cidade de Teixeira de Freitas, que se mostra ainda adolescente em relação à sua emancipação política, entretanto, madura no que se refere à explosão demográfica e econômica. Indubitavelmente, apresenta-se como um diferencial no contexto do desenvolvimento econômico do Estado. Na proporção do seu desenvolvimento, Teixeira de Freitas retribuiu com generosidade aos migrantes, à dedicação empreendida para o seu crescimento, fazendo destes cidadãos teixeirenses; cuja adoção tem sido utilizada ao longo da história do

Município com muito orgulho pelos seus desbravadores; a exemplo dos que em solo teixeirense construíram suas famílias e seus negócios e continuam acreditando no potencial da Cidade.

Contudo, as ações que culminaram no seu fortalecimento econômico também ocasionaram muitas mazelas, a exemplo do grande número de excluídos que margeiam a Cidade e do alto índice de criminalidade, dentre outros. Se por um lado, o crescimento populacional apresentado pela estimativa do IBGE de 2006 indica possibilidades de avanços nos diversos se-

tores da economia local, representam na mesma proporção problemas de ordem social num futuro próximo. Sobre este aspecto, urge a necessidade de equalizar oportunidades. Ao despontar no Extremo Sul da Bahia como cidade promissora, Teixeira de Freitas nos convoca à responsabilidade em relação a questões sociais, vez que muito ainda está por ser feito.

A presença marcante do multiculturalismo ocasionado pela migração constante influencia a identidade de Teixeira de Freitas, que relewa os seus tons e reforça também os seus contrastes. Cabem-

do, portanto, aos cidadãos teixeirenses o compromisso de reinventar cotidianamente formas para decifrá-la. Eis a nossa querida Teixeira de Freitas!

Artigo escrito por:

Profª. Jessyluce Cardoso Reis, pedagoga pela Fundação Universidade de Pernambuco – UPE, mestra em Administração, Educação e Comunicação – Universidade São Marcos – SP.

Obs.: As entrevistas deste artigo foram realizadas com o auxílio do Professor Wilson Araújo, da FASB.

Educação

O município transformou-se em polo educacional, recebendo a cada ano um contingente maior de jovens e adultos em busca de aperfeiçoamento profissional, sendo que a rede municipal de ensino é formada por 74 escolas – aproximadamente 16 distribuídas no interior –, com um total de 22.580 mil alunos matriculados, os quais são atendidos por 996 docentes. É cabível citar que estes dados, retirados do site do Ministério da Educação (www.educacao.mec.gov.br), cujo acesso foi feito em 02/05/11, são relativos ao ano de 2010, pois os dados cadastrais do ensino escolar são renovados somente após o mês de junho de cada ano.

Na rede privada, há 34 escolas na sede do município, com 4.763 mil alunos matriculados e 313 docentes em atividade, os quais contem com a ajuda de 20 professores auxiliares.

DIREC – O município possui cerca de 8 mil alunos matriculados na rede pública estadual de educação e 270 professores trabalhando no Ensino Fundamental e Médio. A Direc 9 abrange 34 escolas estaduais, cobrindo 11 municípios, sendo que aqui na sede tem 9 escolas em atividade.

A grande novidade é o Colégio Luís Eduardo Magalhães (Colem) que se transformou num Centro Terceirial, devido a um novo programa do Governo do Estado, e agora oferece cursos profissionalizantes integrados ao Ensino Médio. São eles: Aplicar e Alcool; Controle Ambiental; Técnico em Manutenção de Computadores e Suporte em Informática.

Tem-se ainda as escolas da rede particular estadual de ensino em que se destacam o Colégio São Francisco de Assis (IFA), o Colégio Anchieta – Objetivo, o Colégio Integração, que possui desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, o Colégio Miguel Afonso, a Escola Cooperativa, entre outras.

UNEB – A Universidade do Estado da Bahia, em 1990, implantou em Teixeira de Freitas o Centro de Educação Superior, inicialmente com o curso de Letras. Mais tarde, o Centro se tornaria Departamento de Educação/Carepa X com mais quatro cursos: Pedagogia, Biologia, Matemática e História. Com aproximadamente 1.200 estudantes matriculados nestes cinco cursos e cerca de 50 pelo Programa Especial de Formação de Professores (Proesp), que oferece ainda Geografia para professores da rede Estadual e Municipal de ensino.

Destaca-se ainda o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Prorea) com os cursos Pedagogia da Terra e Letras da Terra em Assessoramentos do MST. Ainda, inclusive, a Rede UNEB2000 em parceria com os municípios de Medeiros Neto, Alcobaca e Teixeira de Freitas, priorizando a formação do professor. Há também a Plataforma Freire, com o mesmo objetivo, que oferece 12 cursos (Química, Física, Ed. Física, Biologia, Artes, Informática, entre outros) em aulas que são ministradas no Carepa X, mais o curso de Pedagogia, pelo mesmo projeto, cujas aulas acontecem também em Caravelas, Prado e Itamaraju.

Não esquecendo o curso de Administração na

modalidade EAD, existente no Carepa e o curso Intercultural de Educação Indígena. Além dos inúmeros projetos desenvolvidos junto à comunidade como o CEVITI – parceria com idosos; A ACADÊMIA VAI A ALDEIA – desenvolvido entre estudantes e docentes da UNEB e o povo Patató; ALARGANDO O FUNIL – Pré-vestibular comunitário; dentre outros.

FASB – A Faculdade do Sul da Bahia foi criada em 2001 oferecendo os cursos de Administração com Habilitação em Marketing, Administração Geral, Pedagogia, Turismo e Ciências Contábeis, posteriormente, em 2004, implantando os cursos de Direito, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Atualmente, possui também os cursos Administração, Biomedicina, Ciências Contábeis, Direito, Pedagogia, Gestão de Recursos Humanos, Análise e Desenvolvimento de Sistemas [ADS], Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção, Tecnologia em Petróleo e Gás e Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Na Pós-graduação a Instituição oferta cursos de MBA em Gestão de Negócios e Pessoas, MBA em Gestão e Engenharia de Petróleo e Gás, MBA em Administração Pública Municipal, Docência do Ensino Superior, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Direito Civil e Processual Civil, Direito Penal e Processual Penal.

FACULDADE PITTÁGORAS – Desde novembro de 2008 funciona em nossa cidade a Faculdade Pitágoras. A instituição oferece os cursos de Administração, Pedagogia, Geografia, Engenharia Florestal, Direito, Educação Física com habilitação e licenciatura, Enfermagem, Farmácia e Ciências Contábeis. A instituição atua ainda na área de pós-graduação, oferecendo diversos cursos àquelas que valorizam a educação continuada. Atualmente, oferta Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão de pessoas e MBA em Finanças Empresariais e MBA em Gestão Empresarial – Express, Engenharia Ambiental e Gestão Ambiental, Assistência de Enfermagem nos Pacientes Graves, Farmacologia Clínica, Wellnes, Atividade Física e Qualidade de vida, MBA em Gestão em Serviços de Saúde, MBA em Redes de Computadores, além de outros que estão em fase de implantação.

Obs.: as informações acerca dos cursos de graduação e pós-graduação foram retiradas do site da instituição.

UNOPAR – A Universidade Norte do Paraná, uma das melhores instituições do país, destaca no ensino à distância, apresenta seus cursos concretizados em tempo real, com, aproximadamente, 1500 alunos matriculados nos cursos que oferece neste polo. São eles: Administração, Ciências Contábeis, História, Letras – Habilitação: Licenciatura

em Língua Portuguesa e Respeitosas Literaturas, Pedagogia – Licenciatura, Serviço Social, Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Superior de Tecnologia em Processo Gerenciais, Superior de Tecnologia em Marketing, Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, Superior de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Superior de Tecnologia em Gestão Comercial, Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Gestão Hospitalar e Processos Educativos. Atuando também na área de pós-graduação com os seguintes cursos: Matemática, Gestão de riscos e otimização de processos, Gestão, licenciamento e auditoria ambiental, Gestão social: políticas, redes e defesa de direitos, Higiene ocupacional, História social, MBA em Finanças empresariais e bancos, MBA em Marketing e vendas e Treinamento de porteiros: aspectos biológicos e metodológicos.

UNAI – Polo Presencial de Teixeira de Freitas/BA, hoje agrega a Faculdade da Lapa (Fael), Fundação Universidade do Tocantins (Unitins) e a Universidade Leãoardo Da Vinci (Unilasvevi), sendo que desde 2005 a Fael e a Unitins atuam na região; a Unilasvevi foi implantada em junho/2010. Todas são na modalidade EAD.

Fael oferece cursos de Pedagogia a distância com aula transmitida via satélite.

Unitins, por sua vez, oferta Administração, Serviço Social, Letras, Matemática – a distância com aulas via satélite.

Unilasvevi, com aula uma vez por semana, professor presencial e material didático gratuito, onde estão abertas as inscrições para os cursos em Licenciatura-Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências da Religião, Filosofia, Geografia, História, Letras-Português, Matemática, Pedagogia e Sociologia.

Superior de Tecnologia: Comércio Exterior, Gestão Ambiental, Gestão Comercial, Gestão financeira, Gestão Pública, Gestão de Turismo, Negócios Imobiliários, Logística, Marketing, Processos Gerenciais, Recursos Humanos, Segurança do Trabalho. **Habilitado:** Administração e Ciências Contábeis.

Atendendo ainda o Mais Cursos Interativos na área de informática, web designer, design gráfico e rotina administrativa.

INSTITUTO FEDERAL (IF) CAMPUS TEIXEIRA DE FREITAS – Ele nasceu em 2010, e ocupa o espaço físico da Escola Técnica Agrícola (Emarc), que funcionava a 30 anos em nosso município e foi extinta em março de 2010, dando lugar ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/carepa Teixeira de Freitas (IF), que oferece os cursos técnicos em Agropecuária, Floresta e Hospedagem, segundo o site do IF Baiano.



Fonte: Portal Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas

<http://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/>

Acessado em: 27/09/2016